

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)**

POLIANA MIRANDA SAMPAIO ALMEIDA

**O HUMOR E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM PIADAS E TIRAS CÔMICAS:
IMAGEM LÚDICA DOS SUJEITOS OU DISSEMINAÇÃO E PROPAGAÇÃO DE
PRECONCEITOS?**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

POLIANA MIRANDA SAMPAIO ALMEIDA

**O HUMOR E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM PIADAS E TIRAS CÔMICAS:
IMAGEM LÚDICA DOS SUJEITOS OU DISSEMINAÇÃO E PROPAGAÇÃO DE
PRECONCEITOS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientador: Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2018

Almeida, Poliana Miranda Sampaio.

A45h O humor e a construção do sentido em piadas e tiras cômicas: imagem lúdica dos sujeitos ou disseminação e propagação de preconceitos?./ Poliana Miranda Sampaio Almeida, 2018. 115f.

Orientador (a): Dr. Adilson Ventura da Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGLin, Vitória da Conquista, 2018.

Inclui referência F. 114 – 115.

1. Tiras cômicas e Piadas – Livro didático. 2. Textos humorísticos- Estereótipo. 3. Língua Portuguesa. 4. Livros didáticos – Avaliação técnica. I. Silva, Adilson Ventura da. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.

CDD: 469.8

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The humor and the construction of the meaning in jokes and comic strips: ludical image of the subjects or dissemination and propagation of preconceptions?

Palavras-chave em inglês: Jokes. Comic strips. Stereotypes. Textbook. Senseandevent.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (Presidente-Orientador); Prof. Dr. Jorge Viana Santos (UESB); Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira (UFMT)

Data da defesa: 19 de fevereiro de 2018.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

POLIANA MIRANDA SAMPAIO ALMEIDA

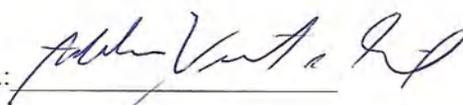
**O HUMOR E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO EM PIADAS E TIRAS CÔMICAS:
IMAGEM LÚDICA DOS SUJEITOS OU DISSEMINAÇÃO E PROPAGAÇÃO DE
PRECONCEITOS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLIN), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), para obtenção do título de Mestre em Linguística.

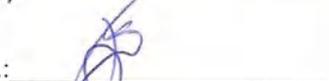
Data da aprovação: 19 de fevereiro de 2018.

Banca Examinadora:

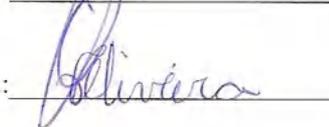
Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Jorge Viana Santos
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira
Instituição: UMS

Ass.: 

A Deus, por ter me dado saúde, paciência e determinação para enfrentar e concluir este Mestrado.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB.

Ao melhor (des)orientador, professor Dr. Adilson Ventura da Silva, por ter me acolhido tão bem na UESB, pela paciência, pelas palavras de conforto, por saber dosar tão bem as palavras para corrigir e orientar, por todos os ensinamentos transmitidos a mim (e foram muitos!!!) durante este Mestrado. Neste momento, faltam-me palavras para demonstrar o tamanho da gratidão, do respeito, da admiração e da confiança que deposito em ti. Então, professor, muitíssimo obrigada!

Ao professor Dr. Jorge Viana dos Santos, pelos momentos de descontração (porque suas aulas são muito divertidas!), pelos ensinamentos e orientações (e foram muitos!!!), dentro e fora da sala de aula, nas apresentações em eventos, no grupo de estudos e pela participação nas bancas de Qualificação e de Defesa do Mestrado.

À professora Dra. Rosimar Regina Rodrigues de Oliveira, pela generosidade em aceitar o convite para avaliar o presente trabalho.

À professora Dra. Márcia Helena de Melo Pereira, pela leitura e pelas observações apontadas acerca deste trabalho, durante a banca de Qualificação do Mestrado.

À professora Dra. Edvania Gomes da Silva, que, com sua competência, dedicação e exigência, mesmo sem ter consciência disso, me ajudou a “dar os primeiros passos” no Mestrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística, pelos ensinamentos.

Aos funcionários do PPGLin pela atenção de sempre.

À minha mãe, Aderacy, e a meu irmão, Ary José, por terem me dado coragem nos momentos mais difíceis nesses dois anos de Mestrado.

À minha família querida, em especial, às minhas tias Abelita, Ana, Cássia, Ide e Dadaí, pelos incentivos, orações, pelas palavras de conforto e por todo carinho e confiança depositados em mim.

Às coleguinhas da “gangue do discurso”, Anna Cláudia, Graciethe, Hayat, Jokasta, Milca, Patrícia, Thaianie e Tatiane, por me socorrer nos momentos de aflição (e foram muitos!!!), por dividir comigo os momentos de alegria, pelo apoio, pela amizade, pela troca de

conhecimentos e experiências, por terem tornado mais leves esses dois anos de Mestrado. Enfim, não é possível demonstrar, aqui, em tão poucas linhas todo carinho e gratidão que sinto por vocês. Muito obrigada, meninas!

Aos colegas do GEPES (Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica), pela valiosa troca de conhecimentos e experiências.

Aos gestores do Colégio Estadual Professor Alexandre Leal Costa, Carlos Henrique e Auricélia, pela compreensão, colaboração e confiança. Muito obrigada!

Enfim, agradeço a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este trabalho se realizasse. Obrigada!

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se analisar, do ponto de vista da Semântica do Acontecimento, a construção do humor e dos estereótipos em piadas e tiras cômicas dentro do livro didático, investigando se estes textos humorísticos retratam uma imagem lúdica dos sujeitos ou disseminam e propagam preconceitos através da criação de estereótipos. Para isso, foram escolhidos três livros didáticos, mais adotados por escolas públicas estaduais do Núcleo Territorial de Educação 11 (NTE-11), já que a pesquisadora é também professora de Língua Portuguesa deste núcleo de educação no oeste da Bahia. Os livros didáticos selecionados para compor o *corpus* de que trata esta pesquisa são: “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Editora Saraiva); “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (Editora FTD); e “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (Editora Moderna). A opção por se analisar as piadas e tiras cômicas no interior do livro didático se deu por se considerar este uma importante ferramenta de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula, podendo ser, pois, um veículo (ou não) de propagação de preconceitos. Colocou-se, então, a princípio, duas hipóteses para a questão que norteia este trabalho: a primeira considera que tanto as piadas quanto as tiras cômicas são dois meios de propagação de estereótipos; e a segunda que o livro didático utiliza estes textos humorísticos em exercícios para aferir conhecimentos gramaticais, mas não discute o que é humor, e isso pode reforçar estereótipos. Como este trabalho filia-se à Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães (2002), que entende que os sentidos se constituem no acontecimento do dizer, o percurso metodológico adotado aqui considerou os procedimentos enunciativos de produção de sentido – a reescrituração e a articulação -, a construção de um DSD (Domínio Semântico de Determinação), a temporalidade e, no caso das tiras cômicas, a imagem também. Vale ressaltar que tudo isso foi observado no *Manual do Professor*, portanto, tanto as questões quanto as sugestões propostas pelos autores do livro didático foram analisadas. Além de Guimarães (2002; 2009; 2011), autores como Travaglia (1990) e Ramos (2011), que tem um trabalho relevante sobre piadas e tiras cômicas, entre outros, foram utilizados como embasamento teórico nesta pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Piadas. Tiras cômicas. Estereótipos. Livro didático. Sentido e acontecimento.

ABSTRACT

In this work, based on the Semantics of Event, we attempted to analyze the construction of humor and stereotypes inside jokes and comic strips within the textbook, investigating whether these humorous texts represent a ludic image of the subjects or disseminate and propagate prejudices through the creation of stereotypes. For this, three textbooks were chosen, the most approved by state public schools of the Territorial Core of Education 11 (NTE-11), considering the researcher is also a Portuguese Language teacher of this Education Core in the west of Bahia. The textbooks selected to compose the corpus of this research are: "Portuguese Language" by William Roberto Cereja and Thereza Cochar Magalhães (Saraiva Publishing House); "New Words" by Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite and Severino Antônio (Publishing House FTD); and "Portuguese: context, interlocution and meaning" by Maria Luiza Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre and Marcela Pontara (Modern Publishing House). The decision of analyzing the jokes and comic strips inside the textbook was taken because we believe that is an important teaching-learning tool indoors the classroom, and could, therefore, be a vehicle (or not) for propagating prejudice. Two hypotheses were put forward for the question that guides this work: the first considers that both jokes and comic strips are two means of propagating stereotypes, and the second that the textbook uses these humorous texts in exercises to gauge grammatical knowledge but does not discuss what is humor, and this can reinforce stereotypes. This work is related to Semantics of the Event, proposed by Eduardo Guimarães (2002), that understands that the senses are constituted in the event of saying. The methodological path adopted here considerate the enunciative procedures of meaning production - rewriting and articulation - the construction of a DSD (Semantic Domain of Determination), temporality and, in the case of comic strips, the image as well. As a matter of fact, the corpus was observed in the Teacher's Manual, consequently, both the questions and the suggestions proposed by the authors of the textbook were analyzed. In addition to Guimarães (2002, 2009, 2011), authors such as Travaglia (1990) and Ramos (2011), who has a relevant work on jokes and comic strips, among others, were used as a theoretical basis in this research.

KEYWORDS

Jokes. Comicstrips. Stereotypes. Textbook. Senseandevent.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Exemplo 01	15
Quadro 02 – Exemplo 02	22
Quadro 03 – Exemplo 03	26
Quadro 04 – O Signo Linguístico em ABAURRE, ABAURRE & PONTARA (2012)	30
Quadro 05 – Natureza do Signo Linguístico em SAUSSURE (1916 [2012])	30
Quadro 06–Humor e Preconceito em ABAURRE, ABAURRE & PONTARA (2012)	33
Quadro 07 – Delimitação do <i>corpus</i>	36
Quadro 08 – Recorte 01	38
Quadro 09 – Recorte 02	42
Quadro 10 – Recorte 03	47
Quadro 11 – Recorte 04	50
Quadro 12 – Recorte 05	53
Quadro 13 – Recorte 06	58
Quadro 14 – Recorte 07	60
Quadro 15 – Recorte 08	66
Quadro 16 – Recorte 09	70
Quadro 17 – Recorte 10	73
Quadro 18 – Recorte 11	76
Quadro 19 – Recorte 12	78
Quadro 20 – Recorte 13	81
Quadro 21 – Recorte 14	84
Quadro 22 – Recorte 15	86
Quadro 23 – Recorte 16	91
Quadro 24 – Recorte 17	94
Quadro 25 – Recorte 18	99
Quadro 26 – Recorte 19	103
Quadro 27 – Recorte 20	106

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLG	Curso de Linguística Geral
DSD	Domínio Semântico de Determinação
FNDE	Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação
HQs	Histórias em Quadrinho
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NTE	Núcleo Territorial de Educação
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCNEM	Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio
PNLD	Programa Nacional do Livro Didático

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	15
2.1 Pressupostos Teóricos e Procedimentos de Análise	15
2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio	20
2.3 O Livro Didático	24
2.4 Humor	32
2.5 Procedimentos Metodológicos	35
3 ANÁLISE DE DADOS	37
3.1 “Português Linguagens”	37
3.1.1 Piadas	38
3.1.2 Tiras Cômicas	49
3.1.3 Discussões	64
3.2 “Novas Palavras”	66
3.2.1 Piadas	66
3.2.2 Tiras Cômicas	78
3.2.3 Discussões	89
3.3 “Português: Contexto, Interlocução e Sentido”	90
3.3.1 Piada	91
3.3.2 Tiras Cômicas	94
3.3.3 Discussões	109
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

“O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que ultrapassam o simples fazer rir”. (TRAVAGLIA, 1990, p.55)

A citação acima dará início a discussão acerca do conceito de humor e a importância deste para este estudo. Como se pôde notar, Travaglia (1990) considera que o humor é uma “faculdade humana” e como tal encontra-se presente em diversas situações da vida das pessoas. Não é à toa que, diante do atual cenário político brasileiro por exemplo, as pessoas “usam e abusam” do humor, produzindo paródias, piadas, charges entre outros, que retratam, ou melhor, ridicularizam os políticos e/ou as ações destes não apenas com o objetivo de fazer rir, mas como uma forma de protestar.

Por ser constituinte do ser humano, o humor propaga-se facilmente, podendo atingir as pessoas independentemente de classe social, faixa etária, nível de escolaridade, profissão etc. Por conta disso, entender como o humor se constitui e quais os sentidos desse em determinadas materialidades significantes, no caso desse estudo em piadas e tiras cômicas presentes no livro didático, é importante, visto que estes textos humorísticos, na maioria das vezes, trazem estereótipos de sujeitos e/ou instituições.

Considerando-se que existem muitos textos humorísticos, para este trabalho foram selecionadas para a análise piadas e tiras cômicas. As *piadas* serão entendidas aqui como “narrativa tendencialmente curta, com personagens fixos ou não. Possui necessariamente um desfecho inesperado, que leva a uma inferência e a um efeito de humor, construído dentro de um contexto social, cognitivo e interacional” (RAMOS, 2011, p.53). Já as *tiras cômicas* serão compreendidas como “narrativa que terá um desfecho inesperado, o que levará ao humor” (RAMOS, 2011, p.52).

Estes gêneros textuais foram escolhidos para a análise, pois são dois meios de propagação de estereótipos que ocorrem na oralidade (piadas) e na escrita (piadas e tiras cômicas) e, ainda segundo Ramos (2010-2011), as tiras cômicas assemelham-se às piadas, ou melhor, as tiras cômicas contêm uma piada. Logo, o procedimento metodológico utilizado para se analisar a criação do estereótipo e os efeitos da presença deste em um e outro será semelhante também.

Pensando-se nisso e levando-se em consideração que os sentidos se constituem no acontecimento do dizer, segundo Guimarães (2002), autor que propôs a teoria da Semântica

do Acontecimento adotada neste trabalho, definiu-se que a investigação acerca da construção do estereótipo e dos efeitos decorrentes destes ocorreria dentro de livros didáticos de Língua Portuguesa, muito utilizado em escolas públicas estaduais da Bahia.

O livro didático foi escolhido por ser uma (senão a principal) ferramenta utilizada pelo professor em sala de aula, tornando-se, portanto, um importante veículo de propagação de ideias. Para este trabalho, foram selecionados três livros didáticos que foram escolhidos por terem sido os mais adotados¹ por escolas públicas do Núcleo Territorial de Educação 11 (NTE 11), no oeste da Bahia, onde a pesquisadora deste estudo reside e leciona a disciplina de Língua Portuguesa em uma escola do ensino médio da rede estadual de ensino.

Como os textos humorísticos – piadas e tiras cômicas – trazem estereótipos, a questão que norteia este trabalho é: a construção do humor, no tocante aos sentidos em piadas e tiras cômicas, presentes nesses livros didáticos de Língua Portuguesa, propaga e dissemina preconceitos por conta da criação de estereótipos ou retrata apenas uma imagem lúdica dos sujeitos? No início da pesquisa, levantou-se a hipótese de que as piadas e as tiras cômicas presentes no livro didático poderiam sim disseminar preconceitos justamente por trazerem uma imagem (aparentemente) lúdica dos sujeitos e por serem difundidas em uma importante ferramenta utilizada pelo professor em sala de aula, reforçando estereótipos e projetando os sentidos ali presentes para o futuro. Pensando-se nisso, pretende-se aqui não só diagnosticar o problema, mas apontar outros trabalhos possíveis com o humor dentro do livro didático, trazendo a semântica para o contexto escolar.

Então, definiu-se a princípio que seriam feitas as análises de quatro piadas e quatro tiras cômicas em cada um dos livros didáticos selecionados para o estudo. Vale ressaltar que aqui foi selecionado apenas o volume 2 de cada coleção, correspondente à 2ª série do Ensino Médio (utilizados no período de 2015-2017), por esta ser a série que representa o meio do processo de ensino-aprendizagem no Ensino Médio.

Sobre a análise do *corpus*, é necessário ainda fazer a seguinte observação: serão analisados a construção do humor da piada/tira cômica; o questionamento e/ou informações relacionadas ao texto; e, se aparecer em atividade, a possível resposta proposta pelos autores do livro didático, já que o material que será utilizado na referida pesquisa se trata de *manual do professor*. Para se fazer isso, serão adotados os pressupostos teóricos da Semântica do

¹Das 37 escolas que compõem o NTE 11, 16 adotaram o livro “Português Linguagens”, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Editora Saraiva); 7 escolheram o livro “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (Editora FTD); e 7, “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luíza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (Editora Moderna). Disponível em: www.fnde.gov.br. Acesso em: 04/04/2017.

Acontecimento, desenvolvida por Eduardo Guimarães, em especial, os procedimentos enunciativos de produção de sentido – a reescrituração e a articulação -, e a temporalidade para a construção do DSD (Domínio Semântico de Determinação).

Para se desenvolver a temática proposta para esta pesquisa, o trabalho foi dividido em quatro seções:

A primeiraseção tratará dos pressupostos teóricos que serão utilizados para embasar esta pesquisa. Como este trabalho filia-se à Semântica do Acontecimento, proposta por Guimarães (2002), as noções de sentido, acontecimento, temporalidade, político assim como os procedimentos enunciativos de produção de sentido – a reescrituração e a articulação – e a construção de um DSD serão apresentados. Associados a isso, as teorias que tratam do humor e de piadas e tiras cômicas também serão discutidas. Sobre isto, autores como Ramos (2010-2011; 2011) e Travaglia (1990), entre outros, serão citados.

A segunda seção tratará da análise dos dados. O *corpus* que constitui este trabalho foi dividido em três momentos: 1º, análise das piadas e tiras cômicas no livro “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Editora Saraiva); 2º, análise do *corpus* selecionado no livro “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (Editora FTD); 3º, análise dos textos escolhidos para o estudo no livro “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (Editora Moderna). Articulando a isso, será feita uma discussão que tratará da questão do político, conceito empregado por Guimarães (2002), nos textos analisados assim como uma análise comparativa entre as conclusões que se pôde chegar sobre o tratamento dado ao humor nos três livros didáticos que foram selecionados para este estudo. Será feita também uma discussão acerca da forma como os livros didáticos tratam a questão do *gênero*² humorístico e o que é dito sobre isso nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio).

Por fim, a terceira seção trará as considerações finais que, de antemão, é possível dizer que serão apenas propedêuticas, visto que o tema aponta para novos caminhos de pesquisa e exige que este assunto seja mais profundamente estudado e continue sendo investigado. Ainda assim, neste capítulo final do trabalho, serão apresentados os resultados observados na análise de dados; resultados estes que de alguma forma responderão à pergunta que norteou este trabalho, confirmando ou não a hipótese levantada no início desta pesquisa.

²Utilizou-se aqui a palavra “gênero” por este termo ser utilizado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados os pressupostos teóricos que embasam este estudo assim como os procedimentos metodológicos adotados neste trabalho. Para isso, dividiu-se esta seção em cinco subseções: na 1ª, serão discutidos os pressupostos teóricos da Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães, trazendo os conceitos de texto, político, espaço de enunciação, cena enunciativa, temporalidade, reescrituração, articulação e Domínio Semântico de Determinação (DSD); na 2ª, será feita uma breve discussão sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) na área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, observando-se as possíveis influências destes sobre a elaboração dos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio; na 3ª subseção, o livro didático será o centro da discussão. Nesta subseção, serão apresentados o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015, estabelecendo-se uma relação entre eles e os livros escolhidos para a análise neste trabalho; na 4ª subseção, serão definidos/delimitados os conceitos de humor, piada e tira cômica utilizados durante esta pesquisa; e, por último, na 5ª subseção, os procedimentos metodológicos.

2.1 Pressupostos Teóricos e Procedimentos de Análise

Observe a tira abaixo que aparece na página 200 em um exercício sobre “As flexões do substantivo” no livro didático “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara:

Quadro 01 -Exemplo 01



1. *Discutir o sexo dos anjos é uma expressão que, em português, significa falar sobre algo sem importância, irrelevante. A origem dessa expressão está no fato de, segundo uma perspectiva religiosa, os anjos não terem sexo por serem puramente espirituais. A tira acima usa a expressão **sexo dos anjos** com esse sentido? Explique. Não. Na tira, Deus afirma que vai “acabar com a discussão sobre sexo dos anjos” e determina que daquele momento em diante, “anjo tem sexo”. Essas duas falas nos levam a concluir que a expressão “sexo dos anjos” está sendo usada em sentido literal e significa discutir se anjos são seres do sexo masculino ou feminino.*

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v. 2, p.200.

Questões como essa, envolvendo o “sentido” de palavras, expressões e/ou textos, são muito comuns dentro dos livros didáticos de Língua Portuguesa. Entretanto, fala-se muito em *sentido*, mas não se define e/ou não se insere *o sentido* dentro de uma determinada teoria, tornando ainda mais difícil a compreensão do significado desta palavra.

No exemplo acima, entende-se por *sentido* “**Discutir o sexo dos anjos é uma expressão que, em português, significa falar sobre algo sem importância, irrelevante. A origem dessa expressão está no fato de, segundo uma perspectiva religiosa, os anjos não terem sexo por serem puramente espirituais**”. Pôde-se chegar a esta conclusão, pois *sentido* aparece acompanhado por “esse” e, nesse acontecimento, “esse” retoma todo o enunciado anterior. É interessante notar ainda que, como se trata do Manual do Professor, o livro traz uma sugestão de resposta para a pergunta. Nesta, “esse sentido” aparece reescriturado por “sentido literal” que, considerando-se a resposta proposta pelos autores deste livro, “significa discutir se os anjos são seres do sexo masculino ou feminino”, um sentido denotativo, próximo ao significado do dicionário. Por esta expressão -“sentido literal”-entende-se a linguagem enquanto transparente, unívoca.

Por este exemplo, já é possível perceber o quão difícil é definir o que é sentido. Muitas são as teorias que trabalham com a noção de sentido, cada uma delas adota uma perspectiva diferente. Neste trabalho, escolheu-se estudar o sentido considerando os pressupostos teóricos desenvolvidos no interior da Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães (2002), que considera que os sentidos se constituem na enunciação, no acontecimento do dizer. Desse modo, os sentidos fixos, pré-estabelecidos, não são reconhecidos por esta teoria já que se parte do pressuposto de que a língua é opaca e não transparente e os sentidos se constituirão no momento da *enunciação*, entendida aqui como “acontecimento no qual se dá a relação do sujeito com a língua” (GUIMARÃES, 2002, p.8).

Assim, para a Semântica do Acontecimento, não interessa o estudo de enunciados, descontextualizados, e sim o estudo do *texto* entendido como “uma unidade de sentido que integra enunciados no acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p.19) ou ainda “o texto é integrado por enunciados”. O texto é tomado como objeto de análise de funcionamentos de expressões linguísticas, isto porque, segundo Guimarães (2011, p.40), “o sentido das expressões linguísticas tem a ver com os textos em que estão”.

Guimarães (2011), ao definir o conceito de texto, trabalhado pela Semântica do Acontecimento, e afirmar que os sentidos se constituem dentro do acontecimento, apontou também o seguinte procedimento de análise de texto:

- 1) toma-se um recorte³ qualquer e produz-se uma descrição de seu funcionamento;
- 2) interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado;
- 3) chega-se a, ou toma-se, outro recorte e faz-se dele uma descrição;
- 4) interpreta-se seu sentido na relação com o texto em que está integrado, tendo em vista a interpretação feita do primeiro recorte;
- 5) busca-se um novo recorte, etc, até que a compreensão produzida pelas análises se mostre suficiente para o objetivo específico da análise. (GUIMARÃES, 2011, p.45.)

Segundo Guimarães (2011, p.44), “interpretar é atribuir sentidos a um texto”, considerando-se o “funcionamento da linguagem pensando nas condições em que os acontecimentos enunciativos se produzem” (GUIMARÃES, 2011, p.45). No exemplo que dá início a esta subseção, entretanto, nota-se que o sentido está pré-estabelecido, visto que a pergunta já traz um sentido específico, induzindo uma resposta que traga um sentido denotativo da expressão “discutir o sexo dos anjos” como se a língua fosse transparente.

Ainda segundo Guimarães (2002, p.18, grifos nossos), “A língua é dividida no sentido de que ela é necessariamente atravessada pelo *político*: ela é normativamente dividida e é também *a condição para se afirmar o pertencimento dos não incluídos, a igualdade dos desigualmente divididos*”⁴. Considerando-se essa afirmação de Guimarães (2002), é possível afirmar, ainda sobre o exercício que dá início a esta subseção, que o aluno encontra-se incluído por pertencer à classe de alunos e poder frequentar a escola e responder à atividade proposta neste livro didático e excluído ao não poder analisar a questão sob outro ponto de vista, já que os autores deste livro propõem uma única possibilidade de resposta para a pergunta.

³Entende-se aqui por recorte “um fragmento do acontecimento da enunciação” (GUIMARÃES, 2011, p.44).

⁴Grifos nossos. Nota-se, aqui, o conceito de político adotado pela Semântica do Acontecimento.

Assim, o falante é considerado por Guimarães (2002, p.18) como “uma figura política constituída pelos espaços de enunciação”. Estes são “ ‘habitados’ por falantes, ou seja, por *sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer*” (GUIMARÃES, 2002, p.18, grifos nossos). Desse modo, dentro do espaço de enunciação (escola), o falante (aluno), conforme exemplificado acima, terá o direito (aparentemente) do dizer, pois, apesar de a questão do livro didático ser discursiva, há somente uma possibilidade para a resposta, aquela definida pelos autores do próprio livro didático e isso confirma o que Guimarães (2002, p.20) diz sobre “os espaços da enunciação são espaços, divididos desigualmente de disputa pela palavra”.

Dentro do espaço de enunciação (nesse caso, escola), o acesso ao dizer, considerando-se a problemática que norteia este trabalho, se dá na cena enunciativa, entendida como “um espaço particularizado por uma deontologia específica de distribuição dos lugares de enunciação no acontecimento” (GUIMARÃES, 2002, p.23), ou seja, nos textos presentes nos livros didáticos, no caso do exemplo em questão, através da tira cômica.

Para se analisar como os sentidos se constituem no acontecimento, Guimarães (2009) desenvolveu um dispositivo específico de análise semântica: a *reescrituração* e a *articulação*. Para este autor, são “as relações enunciativas do acontecimento que constituem sentido” (GUIMARÃES, 2009, p.51). Assim, deve-se observar os enunciados nos textos onde aparecem, analisando-se as expressões linguísticas reescrituradas e as relações semânticas que estabelecem com outras expressões. Pode-se dizer, então, que a reescrituração é o procedimento enunciativo que serve para “redizer o já-dito”, atribuindo algo ao reescriturado, e a articulação é o procedimento enunciativo que estabelece as relações semânticas com outros elementos linguísticos, “é uma relação de contiguidade significada pela enunciação” (GUIMARÃES, 2009, p.51).

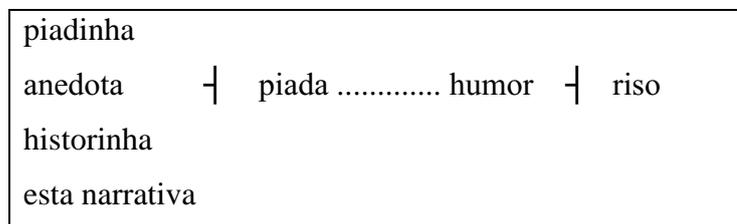
Para se compreender estes procedimentos enunciativos de produção de sentido, será tomado como exemplo a palavra *piada*. Nos recortes selecionados para o *corpus* deste trabalho, *piada* aparece reescriturada por “piadinha, anedota, historinha, esta narrativa”. Cada uma delas “rediz o já-dito”, ou seja, o nome *piada*, atribuindo a cada um dos textos um sentido diferente. Ao reescriturar *piada* por “piadinha”, no recorte 09 (página 65), por exemplo, “piadinha” traz um memorável⁵, por conta do uso do diminutivo, de ser algo aparentemente leve e traz uma imagem lúdica dos sujeitos retratados naquele

⁵ Este conceito será discutido mais à frente na página 15.

acontecimento o que, durante a análise, se perceberá que esta leveza acabará reforçando o estereótipo de que “bêbado é chato”.

Nota-se ainda que “piadinha, anedota, historinha, esta narrativa” aparecem articuladas ao “humor”, ou seja, independente do nome atribuído à piada nestes acontecimentos, observa-se que todos tratam de textos humorísticos, trazendo estereótipos e causando riso por conta das estratégias linguísticas utilizadas para surpreender o leitor.

É possível, a partir desta observação, chegar ao que Guimarães (2007) chamou de Domínio Semântico de Determinação (DSD). Segundo este autor, o DSD serve para representar o sentido das palavras em determinado acontecimento. Observe o DSD a seguir:



Observação:

┆ significa determina
 significa sinônimo

No DSD acima, pode-se notar que *piada* é determinada por “piadinha, anedota, historinha, esta narrativa” e mantém relação sinonímica com humor. Nesse DSD, aparece o memorável de que piada é engraçada e deve provocar o riso. Daí a indignação dos alunos em sala de aula, muitas vezes, ao não entender a piada e falar “Que piada sem graça!”. Isso ocorre porque há um memorável funcionando aí de que piada é sempre engraçada, tendo, obrigatoriamente, que provocar gargalhadas. E isso, considerando o espaço de enunciação (escola) e a cena enunciativa (textos no livro didático), projeta uma futuridade de sentidos que só é piada se for engraçada.

Como, neste trabalho, buscar-se-á analisar a construção do humor através da imagem lúdica dos sujeitos e dos estereótipos em piadas e tiras cômicas em três livros didáticos de Língua Portuguesa, observando-se aí se há ou não a propagação de preconceitos, a noção de *temporalidade*, desenvolvida por Guimarães (2002), é de suma importância. Para este autor,

A temporalidade do acontecimento constitui o seu presente e um depois que abre o lugar dos sentidos, e um passado que não é lembrança ou recordação

pessoal de fatos anteriores. O passado é, no acontecimento, rememoração de enunciações, ou seja, se dá como parte de uma nova temporalização, tal como a latência de futuro. (GUIMARÃES, 2002, p.12.)

O *memorável* seria a rememoração de enunciações passadas, enquanto a *futuridade* seriam as possibilidades de sentidos, reforçados e projetados no acontecimento. E o presente deste acontecimento seria o momento da enunciação que instaura a própria temporalidade.

De posse desses conhecimentos básicos acerca da Semântica do Acontecimento, a subseção a seguir discutirá sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias e as possíveis influências desses sobre a elaboração dos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio.

2.2 Os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio

O Artigo 2º da Lei 9394/96, mais conhecida como LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), sobre os Princípios e Fins da Educação Nacional diz:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, *tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando*, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL, 1996, grifos nossos).

A publicação desta lei deu início a diversas discussões acerca de como o ensino ocorreria dali por diante. Definir “o que” e “o como” a educação, através das pessoas nela envolvidas, trabalharia para conseguir cumprir o seu objetivo – “o pleno desenvolvimento do educando” – passou a ser o centro das discussões que resultaram em algumas ações como, por exemplo, a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Definiu-se aí também que o Ensino Médio, antes conhecido por 2º Grau, faria parte da Educação Básica, tendo duração mínima de três anos. No Artigo 35, inciso III, que trata das finalidades do Ensino Médio, aparece o seguinte objetivo: “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo formação ética e *o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico*”⁶. Diante disso, um ensino meramente conteudista não poderia mais prevalecer dentro do ambiente escolar, visto que não é através da “decoreba” de conceitos, fórmulas e, no caso da Língua Portuguesa, por exemplo, de regras e exceções da gramática normativa que o indivíduo aprenderia a posicionar-se criticamente diante dos

⁶Grifos nossos.

assuntos e atividades propostas pelo professor em sala de aula assim como em situações diversas – na escola, em casa e no trabalho – do cotidiano deste aluno.

Para que o aluno desenvolva o pensamento crítico e tenha uma formação que lhe prepare para o mercado de trabalho e para o exercício da cidadania, a LDB, em seu Artigo 36, apresenta as diretrizes dos conteúdos curriculares do Ensino Médio. Dentre elas, encontra-se, no inciso II, “adotará metodologias de ensino e de avaliação que *estimulem a iniciativa dos estudantes*”.⁷ É importante ressaltar aqui que, de acordo com a LDB, todo processo de ensino-aprendizagem deverá proporcionar ao aluno um posicionamento crítico diante do que se está aprendendo, não cabendo mais o papel de “receptor de conhecimentos”; agora, as atividades propostas pelo professor assim como as metodologias e os recursos educacionais utilizados por ele deverão estimular a participação efetiva (e eficaz) do aluno.

A partir dessa reconfiguração do ensino, proposta pela LDB na segunda metade da década de 90 e pensando nas mudanças que deveriam ocorrer por conta disso, foram criados os PCNs, parâmetros esses que orientariam o professor na tarefa de selecionar a melhor metodologia para tentar “dar significado” aos conteúdos trabalhados, cumprindo os objetivos estabelecidos pela LDB. Além disso, os PCNs, através dos princípios da reforma curricular, influenciaram os autores de livros didáticos já que estes deveriam agora adequar-se às novas propostas para o ensino de cada disciplina fornecidas pelos PCNs.

Neste trabalho, serão discutidos apenas os PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio), mais especificamente, os que tratam da área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, restringindo-se ainda mais à disciplina de Língua Portuguesa.

De acordo com os PCNEM (2000, Parte II, p.5), “A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido”. Sendo assim, se a produção de sentido é o mais importante no processo interacional, logo o ensino tradicional, meramente “gramaticalista”, que visa apenas a decorar regras e exceções, identificando esta e aquela regra gramatical em frases soltas, descontextualizadas, deveria ser substituído por um estudo que trouxesse reflexão sobre os usos da língua, ou seja, “o estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos [...]” (PCNEM, Parte II, 2000, p.8).

Entretanto, o que se nota ainda hoje, em 2017, é que o texto é utilizado como pretexto para aferir conhecimentos gramaticais e não o contrário⁸. E isso revela que apesar de a LDB e os PCNEM proporem mudanças no ensino de Língua Portuguesa no Brasil, mudanças estas

⁷Grifos nossos.

⁸“o texto é utilizado como pretexto para aferir conhecimentos gramaticais e não o contrário”. Isso poderá ser observado nas análises feitas neste trabalho.

que deveriam tornar o estudante mais consciente e crítico, na verdade, o processo ensino-aprendizagem só mudou a “aparência”, mas a prática continua a mesma. Para ilustrar esta questão, observe a seguinte atividade retirada do livro didático “Português Linguagens”, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, de onde foram retiradas piadas e tiras cômicas para análise neste trabalho:

Quadro02 – Exemplo 02

Leia esta tira, de Fernando Gonsales:



1. Em que tempo e modo se encontram as formas verbais do 1º quadrinho? *Fosse: pretérito imperfeito do subjuntivo; seria: futuro do pretérito do indicativo.*
2. Na frase do 2º quadrinho, temos:
 - a) *Formas verbais no infinitivo e no gerúndio, respectivamente.*
 - b) *Formas verbais no infinitivo e no particípio, respectivamente.*
 - c) *Formas verbais no particípio e no gerúndio, respectivamente.*
 - d) *Formas verbais no gerúndio e no infinitivo, respectivamente.*
3. Em cada fala do 4º quadrinho, há uma forma verbal omitida, identificável pelo contexto. Qual é ela? Em que tempo e modo ela está? *A forma verbal é seria; está no futuro do pretérito do indicativo.*
4. Como é característico das tiras, o último quadrinho surpreende o leitor. Qual é o elemento responsável por essa surpresa e por que ele provoca humor? *O motivo dado pela ratinha para querer ser cobra; ele provoca humor porque sugere que ela não aprecia a voz do Níquel ou que está cansada de falatório.*

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 141.

Como se pôde ver, a tira de Fernando Gonsales foi utilizada neste exercício para aferir a compreensão sobre os tempos e os modos verbais, ou seja, o texto foi utilizado como pretexto para o estudo da gramática normativa.

Nota-se que apenas na questão 04 aparece um questionamento - “Como é característico das tiras, o último quadrinho surpreende o leitor. Qual é o elemento responsável por essa surpresa e por que ele provoca humor?”-que está voltado para a interpretação textual, procurando compreender o que provoca o humor do texto, dando ênfase no “qual” e no “porquê” elemento é responsável por surpreender o leitor. Diferentemente das questões de 01 a 03, a resposta sugerida pelo livro para esta questão não tem relação com conceitos gramaticais, porém, apesar de ser uma questão elaborada para se interpretar, o livro do professor traz a resposta “correta”, ou seja, a resposta é “unívoca”, existindo a certa ou a errada, o que, de certo modo, apaga a condição de interpretação.

Apesar disso, o que se nota é que o exercício centra-se em questões gramaticais, dedicando-se pouco às questões de interpretação e produção de sentido dos textos, o que prova que as diretrizes que orientam o Ensino Médio, regulamentadas pela LDB e reforçadas pelos PCNEM, não estão sendo cumpridas.

Para discutir mais sobre este assunto, observe o que dizem os PCNEM (2000):

Ao ler este texto, muitos educadores poderão perguntar onde está a literatura, a gramática, a produção do texto escrito, as normas. Os conteúdos tradicionais foram incorporados por uma perspectiva maior, que é a linguagem, entendida como um espaço dialógico, em que os locutores se comunicam. Nesse sentido, *todo conteúdo tem seu espaço de estudo, desde que possa colaborar para a objetivação das competências em questão.* (PCNEM, Parte II, 2000, p.23, grifos nossos.)

Por esta citação, é possível perceber que os PCNEM, no que diz respeito à área de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, tratam os conteúdos tradicionais – como é o caso da gramática normativa – como parte integrante de um todo maior que é a linguagem. E, desse modo, é na linguagem, enquanto lugar de comunicação, que as normas devem ser estudadas, em seu funcionamento.

Além disso, nota-se ainda que o conteúdo aí é visto como um meio para se atingir um fim, ou seja, para se desenvolver *as competências*. Este termo utilizado pelos PCNEM pode ser compreendido como uma faculdade humana capaz de mobilizar saberes para resolver com eficácia determinadas situações. Sendo assim, os PCNEM propõem também o trabalho com *gêneros textuais*. Isso porque, segundo este documento, “Os gêneros discursivos cada vez mais flexíveis no mundo moderno *nos dizem sobre a natureza social da língua*” (PCNEM, Parte II, 2000, p.21, grifos nossos).

Desse modo, o trabalho a partir dos gêneros textuais (ou discursivos) deve proporcionar o desenvolvimento do pensamento crítico, reflexivo acerca do uso efetivo da linguagem já que, de acordo com os PCNEM (2000), estes gêneros revelam “a natureza social da língua”.

Neste trabalho, serão estudados dois tipos de *gêneros textuais*⁹, considerados humorísticos: a piada e a tira cômica. Estes serão analisados dentro de livros didáticos de Língua Portuguesa, adotados por escolas públicas estaduais da Bahia, considerando-se tanto questões semânticas, já que este trabalho filia-se à Semântica do Acontecimento, quanto a didático-pedagógicas, já que estes textos foram retirados de uma importante ferramenta para o ensino: o livro didático. Sabendo-se disso, a subseção a seguir trará uma discussão acerca do livro didático, discussão essa que buscará retratar o processo de produção, avaliação e escolha do livro didático e as possíveis implicações desse sobre a formação do estudante.

2.3 O Livro Didático

O livro didático é uma importante ferramenta utilizada pelo professor no processo ensino-aprendizagem em escolas públicas (e em algumas particulares) em todo o Brasil. Neste trabalho, o livro didático será considerado dentro do espaço da escola pública estadual da Bahia.

Em algumas situações, o livro didático é tido como a principal ferramenta, por vezes até a única, utilizada pelo professor em sala de aula. Isso se dá por diversos fatores: a escola, na maioria das vezes, não disponibiliza outros recursos para que o professor prepare o seu próprio material para dar aula, limitando-o ao quadro branco e ao livro didático; há situações em que o professor está sobrecarregado de tanto trabalho e não tem tempo (e nem disposição!) para preparar uma aula diferente, então fica “mais fácil ” recorrer ao livro didático, já que ele trará o assunto e a atividade referente àquele assunto; e há também o professor que não tem formação adequada para trabalhar com aquela disciplina, mas é obrigado a assumir a matéria e acaba “seguindo rigorosamente” os conteúdos e as atividades propostas pelo livro didático, tornando-o como única fonte de conhecimento.

⁹Vale ressaltar que, dentro da Semântica do Acontecimento, a noção de gênero textual não interessa para a teoria, não interferindo nos resultados das análises. Entretanto, como as piadas e as tiras cômicas foram retiradas de livros didáticos, este termo foi utilizado para tentar entender a presença destes gêneros textuais nesse acontecimento.

Enfim, é notório que o livro didático ocupa um lugar muito importante dentro do espaço escolar sendo, portanto, um importante veículo de propagação de ideias, contribuindo (positiva e/ou negativamente) com a formação do indivíduo.

O *corpus* que constitui este trabalho foi retirado de três livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio, adotados por escolas públicas estaduais do oeste da Bahia, no período de 2015-2017. Os livros aqui utilizados pertencem ao material de divulgação do PNLD 2015, distribuídos pelas editoras aos professores para a análise e escolha do livro didático. São eles: “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (Editora Saraiva); “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (Editora FTD); “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (Editora Moderna).

Como se sabe, no Brasil há o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que disponibiliza livros didáticos aprovados pelo Ministério da Educação (MEC) para serem escolhidos e adotados por escolas públicas tanto do Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio em todo o país. O processo de escolha do livro didático ocorre a cada três anos e passa pelas seguintes etapas: as editoras inscrevem suas obras no PNLD; os livros, então, são avaliados por professores de universidades públicas brasileiras, indicadas pelo MEC, com formação na área específica da disciplina. Nesta etapa, os livros poderão ser *aprovados*¹⁰ ou *reprovados*; e, por último, os livros aprovados pelo MEC são encaminhados para as escolas, onde os professores de cada disciplina farão a análise e indicarão o livro que pretendem trabalhar em um período de três anos.

Sabendo-se disso, é importante ressaltar que os livros aqui analisados passaram pela análise de uma comissão de professores universitários, com formação específica na área, e foram aprovados. Logo, entende-se que estes livros deveriam estar dentro dos critérios estabelecidos pelo MEC e contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, conforme determinado pela LDB, como foi visto anteriormente.

Observe o exemplo a seguir, retirado da página 202 do livro “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio:

¹⁰A aprovação do livro didático significa que ele se encontra dentro dos critérios estabelecidos pelo MEC e, portanto, adequados para o uso em sala de aula.

Quadro03 – Exemplo 03

Leia esta historinha:

A expectativa era enorme no circo. No picadeiro, dentro de uma jaula, o leão se aproxima da domadora, belíssima e vestida apenas com um provocante biquíni, deitada inerte no chão. Com pavorosos rugidos, a fera coloca-se por cima da mulher... Suspiros de alívio da plateia: o leão lambe sua domadora como um dócil carneirinho.

Aplausos gerais. Levanta um espectador, meio cambaleante, e grita:

- Isso eu também faço.

Acabam por levá-lo à jaula. Lá dentro, o leão e a domadora, boquiaberta. E o apresentador:

- Muito bem, valentão. Pode entrar.

O cara olha, estuda e...

- Mas tira o leão primeiro, pô!

(POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: uma análise linguística de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p.137.)

- a) *O pronome demonstrativo **isso** pode estar se referindo a dois diferentes fatos ocorridos no primeiro parágrafo. Que fatos são esses? **O isso pode estar se referindo ao que a domadora fez (deitar imóvel, permitindo que o leão ficasse sobre ela) ou ao que o leão fez (lamber com carinho a domadora).***
- b) *Num primeiro momento, a frase “Isso eu também faço” induz o leitor a supor que o “valentão” estivesse se referindo a qual dos dois fatos? Justifique sua resposta baseando-se no emprego que usualmente se faz desse tipo de frase. **O valentão parecia estar se referindo ao fato de a domadora ficar sob o leão, considerando que isso não seria nenhuma proeza.***
- c) *Em que momento da piada o leitor é levado a estabelecer a outra relação de sentido indicada pelo pronome **isso**? Por quê? **Somente no final, porque aí o personagem, ao dizer “tira o leão”, deixa claro que pretende trocar de lugar com o leão e não com a domadora, e fazer o mesmo que o animal faz, ou seja, lamber a moça.***

Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v. 2, p. 202.

A piada acima, denominada de “historinha” pelos autores deste livro didático, trará uma imagem aparentemente lúdica do sujeito: espectador do circo. Por *espectador* estar

articulado a “meio cambaleante”, esta imagem proporciona humor ao texto por trazer o sentido de que o espectador é um bêbado. Entretanto, o que se pode notar é que a graça gerada pela atitude do bêbado – “Isso eu também faço” e “Mas tira o leão primeiro, pô!” – revela uma visão machista e preconceituosa a respeito da mulher. É possível dizer isso, pois a mulher aparece no texto articulada a “belíssima e vestida apenas com um provocante biquíni” que atribui à mulher o sentido de “objeto de desejo”, e aparece articulada também a “deitada inerte no chão” que traz o sentido de submissão. Nesse acontecimento, observa-se que a mulher é vista como objeto de desejo (sexual) já que o leão “lambe” a sua domadora, despertando a vontade/atitude do bêbado em fazer a mesma coisa, e é vista também como um ser submisso, já que ela fica “por baixo” e “inerte”.

Esta piada, nesse acontecimento, apesar de trazer uma imagem lúdica dos sujeitos, tratando-os aparentemente com leveza e brincadeira, transmite uma ideia negativa sobre a mulher, tratando-a como um ser submisso ao homem. Ao observar o exercício proposto pelos autores do livro didático sobre esta piada, nota-se que este preconceito é reforçado, visto que as três questões referentes ao texto preocupam-se em interpretar o duplo sentido provocado pelo pronome demonstrativo “isso”, não trazendo nenhuma reflexão acerca das imagens dos sujeitos retratadas no texto.

Esta breve análise do exercício proposto pelos autores do livro “Novas Palavras” demonstra que, ao contrário do que foi dito no Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015¹¹, os livros didáticos aprovados pelo MEC trazem sim preconceitos, reforçando-os, já que não há uma reflexão, discussão sobre eles dentro dos livros didáticos.

É necessário ressaltar ainda que o MEC, no Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015, disponibiliza um parecer acerca de cada livro, trazendo tanto os “pontos fortes” quanto “os pontos fracos”. Observe o que este Guia diz a respeito dos livros utilizados como fonte de pesquisa neste trabalho:

De acordo com o Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015 (2014b, p.54), o livro “Português Linguagens”, dos autores William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, possibilita uma “formação de um leitor eclético, uma vez que favorece o contato com gêneros textuais diversos, incluindo textos literários (poema, conto, fragmentos de romance) e não literários (tiras, textos publicitários, receitas etc.) de qualidade”. Nota-se que o trabalhar com

¹¹“Os pressupostos afirmados no Edital do PNLD 2015 estão expressos nas coleções didáticas aprovadas, em especial, *os compromissos com uma educação juvenil livre de preconceitos, discriminação e violência*, com os princípios éticos de republicanismo e com a consecução da ação pedagógica marcada pela interdisciplinaridade, pela sensibilidade e pela aprendizagem da cultura e da ciência”. (GUIA DOS LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015 Ensino Médio, 2014a, p.8, grifos nossos.)

gêneros textuais diversos, conforme sugerido pelos PCNEM (2000), já confere à obra um aspecto positivo. Vale ressaltar que a tira, objeto de estudo deste trabalho, é citada como um dos gêneros textuais trabalhados neste livro e aparece articulada a “de qualidade”, o que, conforme o andamento deste trabalho, poderá ser observado que esta “qualidade” pode ser questionada.

Como ponto fraco deste livro, o Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015 (2014b, p.55) trará “O trabalho com conhecimentos linguísticos com poucas oportunidades de reflexão”. Ora, observa-se aí uma incoerência visto que tanto a LDB (1996) quanto os PCNEM (2000) pregam o desenvolvimento pleno do indivíduo, do pensamento crítico, e o que se nota nesta citação é que o livro traz “poucas oportunidades de reflexão”, logo, não deveria ter sido aprovado, mas foi.¹²

No que diz respeito ao livro “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, o Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015 (2014b) traz a seguinte consideração:

A coleção *investe no ensino produtor reflexivo da língua*, mas não abre mão de categorizações da Gramática Normativa. [...] Além dos exercícios tradicionais de identificação e classificação, *há atividades que buscam levar o aluno a compreender a gramática no funcionamento da língua, no texto e no discurso*. (GUIA DOS LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015, 2014b, p.44, grifos nossos.)

Note que o Guia aponta que o livro “Novas Palavras” proporciona um “ensino reflexivo da língua”, apesar de não desconsiderar o estudo de “categorizações da Gramática Normativa”. Se se considerar apenas esta afirmação, pode-se dizer que o referido livro didático atende aos propósitos da LDB (1996) e dos PCNEM (2000). Entretanto o que se pôde observar no exemplo retirado deste livro e citado nesta subseção é que o “estudo reflexivo da língua” se limita à interpretação de uma única palavra – o pronome demonstrativo “isso” – sem considerar outros aspectos, como a construção do humor do texto e as implicações decorrentes deste.

É interessante notar ainda que este Guia aponta como “ponto fraco” deste livro a “Ênfase nas tipologias textuais – narração, descrição e dissertação -, com pouca exploração de gêneros textuais de fato” (GUIA DOS LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015, 2014b, p.44). Ora,

¹²Vale ressaltar que não é do interesse deste trabalho discutir os critérios para a aprovação do livro didático, entretanto, é de suma importância observar se os princípios norteadores da LDB e dos PCNEM estão presentes e são cumpridos dentro do livro didático.

considerando-se o objeto de estudo deste trabalho – piadas e tiras cômicas presentes no livro didático de Língua Portuguesa -, pode-se dizer que isso é mais uma incoerência apresentada por este Guia. É possível afirmar isso por, por exemplo, o livro “Português Linguagens” ter como aspecto positivo o trabalho com gêneros textuais diversos, como já foi citado anteriormente, e apresentar apenas três piadas; já o livro “Novas Palavras” que tem como ponto fraco, conforme o referido Guia, o trabalho com pouca exploração de gêneros textuais trará mais piadas, com um total de sete.

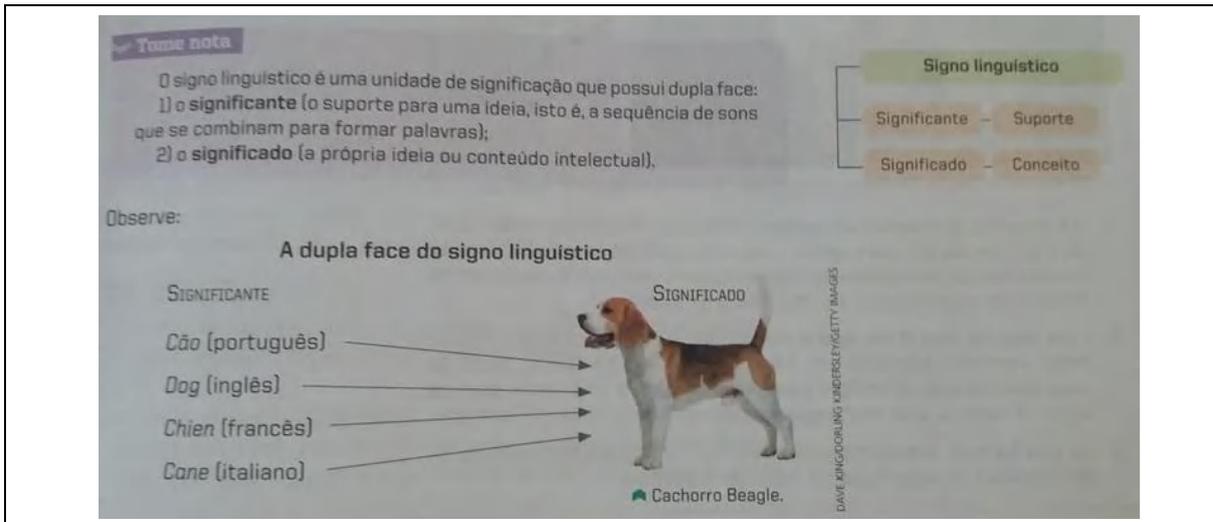
Quanto ao livro “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, o Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015 (2014b) diz:

[...] é comum à obra a leitura e interpretação de textos para introduzir determinado conteúdo, ou a análise de textos de vários gêneros para *promover uma reflexão sobre os conceitos apresentando-se levar o aluno a reconhecer de que modo os aspectos discutidos contribuem para a construção do sentido do texto* (GUIA DOS LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015, 2014b, p.28, grifos nossos).

Pela citação acima, é possível perceber que o livro apresenta diferenças com relação aos outros dois livros, pois além de trabalhar com conteúdos – gramaticais inclusive – e com vários gêneros textuais, há uma “tentativa” de levar o aluno a entender como se constrói o sentido do texto. Isso ocorre pois, de acordo com o Guia (2014b), as atividades propostas “possibilitam aos alunos refletir sobre os conceitos apresentados e reconhecer de que maneira os aspectos gramaticais discutidos contribuem para a construção dos sentidos do texto” (GUIA DOS LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015, 2014b,p.31).

Outro aspecto que é importante ressaltar ainda é que o Guia (2014b) considera como ponto forte deste livro “A *absoluta correção* e atualização *dos princípios teóricos* que embasam o trabalho com todos os eixos de ensino” (GUIA DOS LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015, 2014b, p.29, grifos nossos). Entretanto, essa “absoluta correção” não é observada ao definir e exemplificar o “signo linguístico”, como observado a seguir:

Quadro 04 – O Signo Linguístico em ABAURRE, ABAURRE & PONTARA (2012)



Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v. 1, p.159.

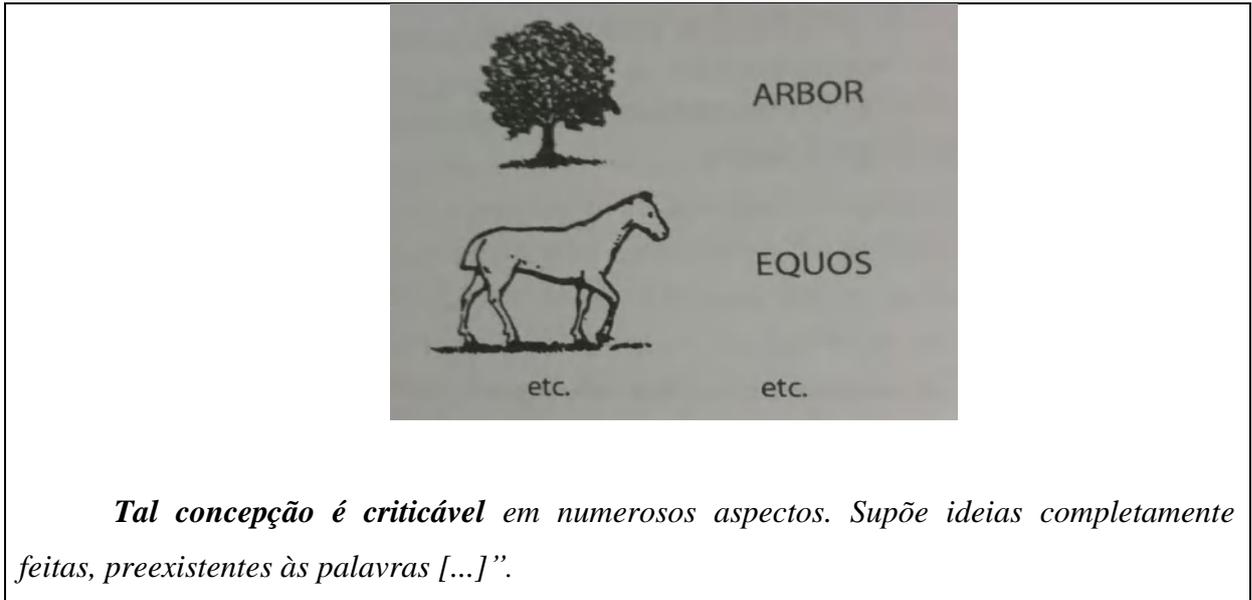
Como se pôde notar, o referido livro trata o “significante” como uma “sequência de sons”, diferente do conceito utilizado por Saussure (1916 [2012]) – “imagem acústica”-, além de trazer a imagem de um cachorro associado ao “signo linguístico”, ou seja, traz algo exterior à língua para explicá-la. Faz-se necessário pontuar esta observação aqui, pois este trabalho encontra-se na área de Linguística e um dos livros aqui analisados apresenta um erro conceitual justamente na definição do “signo linguístico”, desenvolvido por Saussure (1916 [2012]). É interessante notar que o exemplo trazido pelo livro é incoerente com as ideias presentes no Curso de Linguística Geral (1916 [2012]), como pode ser observado a seguir:

Quadro 05 – A Natureza do Signo Linguístico em SAUSSURE (1916[2012])

NATUREZA DO SIGNO LINGUÍSTICO

1. SIGNO, SIGNIFICADO, SIGNIFICANTE

Para certas pessoas, a língua, reduzida a seu princípio essencial, é uma nomenclatura, vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas. Por exemplo:



Fonte: SAUSSURE, 2012, p. 106, grifos nossos.

Pôde-se notar aí, portanto, que apesar de o Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015 (2014.b) apontar como “ponto forte” a “absoluta correção dos princípios teóricos”, este livro didático traz logo no início dos estudos gramaticais¹³ um erro relacionado à teoria do signo linguístico de Saussure.

Não se pretende aprofundar sobre este aspecto aqui, até porque este trabalho aborda a questão do humor dentro do livro didático. Esta questão foi levantada para demonstrar que a avaliação disponível no Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015 (2014b) sobre os livros didáticos aprovados é questionável já que, como foi visto, apresenta contradições entre, por exemplo, o parecer sobre o livro e o conteúdo apresentado pelo mesmo.

Com relação ao “ponto fraco” deste livro, o Guia (2014b) aponta apenas um – “A fragmentação de inúmeros textos literários da coleção” (GUIA DOS LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015, 2014b,p.29) – que não será aqui discutido por não ser de interesse nesse trabalho.

Na subseção a seguir, pretende-se discutir sobre o conceito de humor, efeito de humor, piadas, tiras cômicas e estereótipo, conceitos importantes para a compreensão das análises deste trabalho.

¹³ABAURRE, Maria Luiza M.; ABAURRE, Maria Bernadete M. & PONTARA, Marcela. **Português: Contexto, Interlocução e Sentido**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2012. v.1. p.159.

2.4 Humor

Devido a sua “enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana” (TRAVAGLIA, 1990, p.55), o humor interessa a muitos estudiosos não só na área de língua, mas de áreas de conhecimento diversas. Defini-lo, entretanto, não é tarefa fácil. Como há várias teorias acerca deste assunto, teorias estas que o tratam de um aspecto diferente, escolheu-se para esta pesquisa a definição de humor desenvolvida por Travaglia (1990). Segundo este autor:

*O humor é uma atividade ou faculdade humana cuja importância se deduz de sua enorme presença e disseminação em todas as áreas da vida humana, com funções que **ultrapassam o simples fazer rir**. Ele é uma espécie de arma de denúncia; de instrumento de manutenção do equilíbrio social e psicológico; **uma forma de revelar e de flagrar outras possibilidades de visão do mundo** e das realidades naturais ou culturais que nos cercam e, assim, de desmontar falsos equilíbrios (TRAVAGLIA, 1990, p.55, grifos nossos)*

De acordo com a afirmação de Travaglia (1990) citada acima, nota-se que, apesar de o humor estar associado ao riso, ao fazer rir, ele é visto como importante “arma de denúncia” visto que se faz presente em diversas situações da vida cotidiana, e também “revela” as diversas visões de mundo sobre temas que circulam na sociedade. Sabendo-se disso, é interessante retomar o problema que norteia este trabalho: “A construção do humor em piadas e tiras cômicas, presentes no livro didático de Língua Portuguesa, propaga e dissemina preconceitos ou retrata apenas uma imagem lúdica dos sujeitos?”.

Considerando-se a afirmação de Travaglia (1990), já é possível apontar que, como as piadas e tiras cômicas são tratadas como textos humorísticos, logo, elas circularão pela sociedade facilmente, podendo propagar sim preconceitos. Entretanto, é importante ressaltar também que este preconceito, que aparece nestes textos através da construção de estereótipos¹⁴, poderá ser uma tentativa de “denunciar” e/ou “revelar” as visões que circulam sobre os indivíduos, instituições, valores presentes na sociedade brasileira. Desse modo, a presença destes estereótipos seria uma espécie de “provocação”, gerando reflexão e discussão acerca do assunto tratado naqueles textos.

Como as piadas e tiras cômicas analisadas neste trabalho serão observadas dentro do livro didático de Língua Portuguesa, todos estes aspectos aqui levantados ganharão maior

¹⁴ Entende-se por estereótipo, neste trabalho, uma imagem pré-concebida de sujeitos, instituições etc. Um “lugar-comum”.

ênfase já que se trata de uma importante ferramenta de ensino, podendo veicular e disseminar ideias não desejadas como, por exemplo, preconceitos.

É interessante notar que, das três coleções selecionadas para a análise neste trabalho, apenas uma – “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara ¹⁵– traz um conceito de humor. Neste livro, no capítulo 16 intitulado “Efeitos de sentido”, aparecerá, nas páginas 216 e 217, o que os autores deste livro entendem por humor. Observe como “O discurso humorístico” é tratado neste capítulo:

Certamente você já ouviu e já contou piadas. Mas já parou para analisá-las? Já se perguntou o que, nesse gênero textual, desencadeia o riso? Veremos, a seguir, que **a raiz de humor** das piadas liga-se a duas situações: **ao que é tematizado ou ao modo como a linguagem é utilizada.**(ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v.1, p. 216, grifos nossos.)

Nota-se na afirmação acima que o humor, neste livro didático, está articulado com o “fazer rir” e é desencadeado ou por uma questão tematizada, provocada por um final inesperado, conforme exemplificado pelos autores neste livro didático, ou pelo modo como a linguagem é utilizada, através do duplo sentido. O livro traz ainda uma nota em um quadro intitulado como “Cuidado com o preconceito”. Observe a seguir como a questão do preconceito associado ao humor aparece neste livro:

Quadro06 – Humor e Preconceito em ABAURRE, ABAURRE & PONTARA (2012)

Cuidado com o preconceito

Verbos

A professora pergunta para a Mariazinha:

- Mariazinha, me dê um exemplo de verbo.

- Bicicreta! – respondeu a menina.

- Não se diz “bicicreta”, e sim “bicicleta”. Além disso, bicicleta não é verbo. Pedro, me diga você um verbo.

- Prástico! – disse o garoto.

- É “plástico”, não “prástico”. E também não é verbo. Laura, é sua vez: me dê um exemplo

¹⁵O conceito de humor trazido por estes autores aparece no volume 1 desta coleção. Apesar de, neste trabalho, utilizar apenas o volume 2 para a seleção e a análise de piadas e tiras cômicas, considerou-se necessário trazer esta discussão neste momento do trabalho.

correto de verbo – pediu a professora.

- Hospedar! – respondeu Laura.

- Muito bem! – disse a professora. Agora forme uma frase com este verbo.

- Os pedar da bicicleta é de prástico!

Disponível em: <http://criancas.uol.com.br/piadas/livro-de-piadas/verbos.jhtm>.

Acesso em: 7 de nov.2012.

*Várias piadas trabalham com representações estereotipadas de variedades linguísticas estigmatizadas para provocar o riso. Como vimos no Capítulo 12, não se deve recorrer ao modo como as pessoas falam para justificar qualquer tipo de discriminação ou preconceito. Mesmo que a brincadeira com a interpretação equivocada de **Os pedar**, na piada, provoque riso, é preciso reconhecer que o texto faz uma caracterização estereotipada e preconceituosa dos alunos que são falantes de variedades do português diferentes das normas urbanas de prestígio.*

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v. 1, p. 217.

Como se pôde notar, os autores do livro didático reconhecem que as piadas trazem estereótipos com a finalidade de provocar riso e que esta caracterização estereotipada dos indivíduos dissemina preconceito. Neste exemplo, nota-se que, embora de maneira discreta, há uma tentativa de combater o preconceito presente na piada em questão ao chamar a atenção em “Cuidado com o preconceito” e no trecho do texto que aparece abaixo da piada “não se deve recorrer ao modo como as pessoas falam para justificar qualquer tipo de discriminação e preconceito”. Apesar disso, o que se observa é que o estereótipo e o preconceito, neste acontecimento, aparecem associados apenas às variedades linguísticas, ao preconceito linguístico, não abrindo discussão para outras possibilidades. O assunto esgota-se aí nesta nota.

Por este exemplo, já é possível levantar a hipótese de que as piadas e as tiras cômicas, presentes nos livros didáticos, podem sim propagar preconceitos, ou por não haver discussão acerca dos estereótipos ali presentes, ou por haver pouca discussão acerca deles. É importante ressaltar que quando se fala em piadas e tiras cômicas, neste trabalho, leva-se em consideração a definição de Ramos (2017) que aproxima as tiras cômicas e as piadas, tratando-as como:

[...] textos em geral curtos (tamanho de ambos, tendencialmente menor), presenças de personagens fixos ou não (recurso narrativo comum),

necessidade de conhecimentos prévios e de inferências (nome dado à compreensão de elementos não explícitos do texto) por parte do leitor/ouvinte, para entender o efeito de humor¹⁶ das histórias (processo de construção de sentido) (RAMOS, 2017, p. 66).

Desse modo, ao aproximar tiras cômicas e piadas e dizer que estas “reproduzem preconceitos sociais encobertos em um texto de humor” (RAMOS, 2011, p.51), pode-se dizer que será possível identificar a presença de “preconceitos sociais” tanto em um quanto em outro, mas aí, retomando Travaglia (1991, p.69), pode ser entendido também que o humor “ataca algo da estrutura social, mas defende a verdade que quer revelar”. Portanto, ao analisar estes textos humorísticos dentro do livro didático, deve-se considerar, para responder à pergunta que norteia este trabalho, o tratamento dado ao humor pelos autores do livro didático, mas também refletir sobre a postura do profissional da educação, ao deparar-se com este tipo de situação-problema.

Como já se pôde notar, a temática discutida neste trabalho é complexa e, por conta disso, com certeza, não se esgotará neste trabalho. Muitas são as possibilidades para se analisar o objeto de estudo desta pesquisa. Aqui foi feito um recorte para a análise. Recorte este que levou em consideração o problema, a hipótese, o *corpus* e a teoria escolhida para embasar este trabalho. A seguir, serão elencados os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa.

2.5 Procedimentos Metodológicos

As piadas e as tiras cômicas analisadas neste trabalho foram retiradas de três livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Médio. A escolha destes livros se deu por serem os três livros mais adotados por escolas públicas estaduais do NTE 11, no oeste da Bahia, onde a pesquisadora é professora de Língua Portuguesa. Vale ressaltar aqui que, conforme dados disponíveis no site www.fnnde.gov.br, as três coleções utilizadas para o estudo neste trabalho também foram as coleções mais distribuídas a nível nacional no PNLD 2015 sendo: “Português linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2.313.339 de livros); “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio (1.548.498 de livros); “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara (822.319 livros).

¹⁶Entende-se, neste trabalho, por efeito de humor a “oposição que gera um final inusitado, que leva ao humor”. (RAMOS, 2011, p.52).

Sabendo-se disso, foi feita uma observação geral de todas as coleções e escolheu-se apenas o volume 2 de cada coleção (equivalente à 2ª série do Ensino Médio) para se fazer a análise. A justificativa para esta escolha foi o fato de o volume 2 representar o “processo em andamento”, não estando nem no início nem no final do Ensino Médio. Definidas as coleções, o passo seguinte foi delimitar o *corpus*. Para isso, decidiu-se, então, que seriam selecionadas quatro piadas e quatro tiras cômicas¹⁷ de cada livro didático para se analisar. Como este trabalho tem por objetivo analisar a presença do estereótipo presente nesses textos humorísticos, foram escolhidas as piadas e as tiras cômicas que apresentaram estereótipos, apontando um certo preconceito, com mais evidência.

Quadro 07–Delimitação do *corpus*

Livro didático	Autores	Editora	Número de piadas	Número de tiras cômicas
Português Linguagens	William Roberto Cereja & Thereza Cochar Magalhães	Saraiva	3	4
Novas Palavras	Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite & Severino Antônio	FTD	4	4
Português: contexto, interlocução e sentido	Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre & Marcela Pontara	Moderna	1	4

Os procedimentos metodológicos adotados para se analisar o *corpus* selecionado para esta pesquisa são os procedimentos enunciativos de produção de sentido – a reescrituração e a articulação – e a construção de um DSD, procedimentos próprios estabelecidos no interior da Semântica do Acontecimento. Como os textos foram retirados do Manual do Professor, estando, na maioria das vezes, em exercícios, serão analisados também os exercícios e as respostas previstas (pelo livro didático) para cada questão. E, no caso das tiras, será feita a descrição e a análise da imagem também articulada ao texto verbal. Na seção a seguir, serão feitas as análises de dados.

¹⁷Vale ressaltar que não havendo quatro piadas e/ou quatro tiras cômicas no volume do livro didático analisado, será analisado a quantidade de piadas e tiras cômicas encontrada.

3 ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, serão analisadas piadas e tiras cômicas retiradas de três livros didáticos, escolhidos para a análise nesta pesquisa. Para isso, esta seção foi dividida em três subseções: a 1ª trará a análise de piadas e tiras cômicas, retiradas de exercícios e da explicação de conteúdos, no livro didático “Português linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães; a 2ª, do livro “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio; e a 3ª, do livro “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara. Cada subseção foi dividida em dois momentos: um tratará da análise de piadas e o outro, de tiras cômicas. Ao final das análises de cada subseção, foram feitas considerações finais sobre os resultados encontrados em cada livro didático.

3.1 “Português Linguagens”

O livro “Português Linguagens”, utilizado nesta subseção da pesquisa, produzido pelos autores William Roberto Cereja¹⁸ e Thereza Cochar Magalhães¹⁹, foi publicado em 2013 pela Editora Saraiva e pertence ao Material de Divulgação da Editora Saraiva do PNLD 2015 Ensino Médio. Além de ter sido o livro mais adotado durante o PNLD 2015 por escolas públicas do NTE 11, no oeste da Bahia, foi também o mais adotado nacionalmente, com um total de 2.313.339 de livros distribuídos²⁰. Por atingir o maior número de “usuários”, o conteúdo e a forma como este conteúdo são abordados neste livro podem trazer implicações positivas ou negativas para a formação do estudante. Sabendo-se disso, a seguir serão feitas as análises de três piadas e de quatro tiras cômicas selecionadas deste livro didático para este estudo.

¹⁸William Roberto Cereja é professor graduado em Português e Linguística e licenciado em Português pela USP. Mestre em Teoria Literária pela USP e Doutor em Linguística Aplicada e Análise do Discurso pela PUC-SP. Também atua como professor da rede particular de ensino em São Paulo, capital.(Esta informação está disponível no próprio livro.)

¹⁹Thereza Cochar Magalhães é professora graduada e licenciada em Português e Francês pela FFCL de Araraquara-SP. Mestra em Estudos Literários pela UNESP de Araraquara-SP. Atua como professora da rede pública de ensino em Araraquara-SP.(Esta informação está disponível no próprio livro.)

²⁰Dados disponíveis em: www.fnnde.gov.br. Acesso em: 16/09/2017.

3.1.1 Piadas

(Recorte 01)

A piada a seguir aparece no exercício da página 139 que trata dos tempos e das formas verbais. Observe:

Quadro 08– Recorte 01

Leia a anedota a seguir e responda às questões 2 e 3.

Dois camaradas se encontram quando estão passeando com seus cachorros na rua.

Um deles, muito convencido, diz:

- O meu cachorro consegue ler!

O outro, mais convencido ainda:

- Eu já sabia. O meu me contou!

*(Amir Mattos, org. Brincadeiras, pegadinhas e piadas da Internet.
Belo Horizonte: Leitura, 2001. P.12.)*

2. Reconheça o tempo em que estão as formas verbais sublinhadas na anedota.

*encontram, consegue: presente do indicativo; sabia: pretérito imperfeito do indicativo;
contou: pretérito perfeito do indicativo*

3. Identifique a locução verbal que aparece na anedota e substitua-a por uma forma verbal simples de sentido equivalente.

estão passeando / passeiam

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 139.

Segundo Guimarães (2009), o procedimento de reescrituração

se caracteriza por fazer interpretar uma forma (reescriturada) como diferente de si (em virtude da reescrituração). E nessa medida a reescrituração é um procedimento que coloca em funcionamento uma operação enunciativa fundamental na constituição do sentido pelo acontecimento enunciativo. (GUIMARÃES, 2009, p.53)

Desse modo, a reescrituração de *camaradas*, associado à articulação dessa palavra na piada acima, será determinante para a construção do sentido e do humor do texto. Para compreender o modo como *camaradas* aparece reescriturado, é necessário observar que, num primeiro momento, *camaradas* aparece articulado a “dois”. Essa informação é relevante para a

compreensão do texto visto que *camaradas* aparece dividido, isto é, reescriturado em dois momentos diferentes, por dois locutores no acontecimento que estabelecem um diálogo. A cena enunciativa, que é uma especificação local no espaço de enunciação (GUIMARÃES, 2002), trará a marcação do lugar social do locutor esperto 1 e locutor esperto 2. Assim, *camaradas* aparece reescriturada de forma elíptica em “estão passeando”, por “um deles, meu” e por “o outro, eu, meu, me”. Ao dividir *camaradas* em “um” e “o outro”, nota-se que há aí uma diferença entre os dois sujeitos. Observando-se o funcionamento de cada uma dessas expressões, através do procedimento de articulação, é que se notará como elas contribuem para a construção do sentido e do humor do texto. Observe:

(1) Um deles, muito convencido, diz:

(2) O outro, mais convencido ainda:

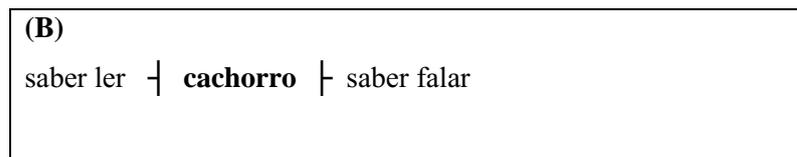
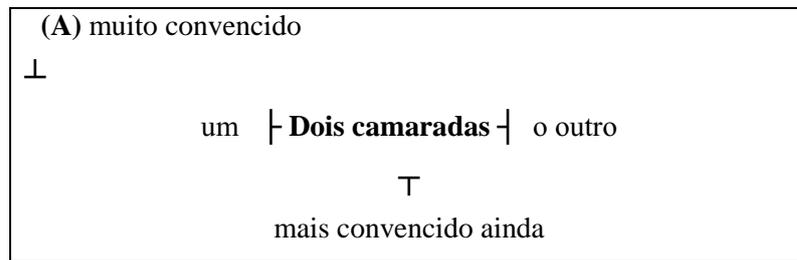
Em (1), “um” aparece articulado a “muito convencido”; já em (2), “o outro” aparece articulado a “mais convencido ainda”. Aqui, será retomado brevemente Ducrot e a sua Teoria de Argumentação na Língua (TADL), segundo o qual, a palavra é um operador argumentativo que orienta o enunciado para determinada conclusão. Assim, as palavras “muito” e “mais ainda” associadas à palavra “convencido” marcarão não só o grau de convencimento de cada um dos indivíduos como também a esperteza de cada um deles que aparece nessa enunciação na forma de “contar vantagem”. Isso será observado nos enunciados a seguir:

(3) O meu cachorro consegue ler!

(4) Eu já sabia. O meu me contou!

Em (3), “um (camarada)”, reescriturado por “meu”, aparece associado à ideia de esperteza visto que traz uma informação (inverídica, ficcional) sobre o cachorro: saber ler. É interessante notar que a esperteza presente aí não está relacionada ao cachorro saber ler, mas sim no “possuir” este cachorro que sabe ler. No entanto, o que trará humor ao texto será o enunciado “Eu já sabia. O meu me contou!”. Isso porque, recorrendo novamente a Ducrot, a palavra “já” traz a ideia de que a informação – “O meu cachorro consegue ler” – é antiga, apresenta uma argumentação fraca, visto que “o outro (camarada)” também possui um cachorro que fala e, portanto, já havia dito isso a ele, ou seja, o “já” aqui aponta que o segundo locutor possui uma informação mais importante do que o outro locutor trouxe.

Isso leva a construção dos seguintes DSDs:



Os DSDs (A) e (B) constituem o sentido de “dois camaradas” nessa piada, associando-os ao *convencimento* e à *esperteza*, e isso traz o memorável, entendido como “uma rememoração de sentidos de enunciações, recortado no e pelo acontecimento enunciativo” (MACHADO, 2012), de esperteza, projetando um futuro de interpretações – a futuridade – que reforça a ideia de que para se “contar vantagem” é necessário ser muito esperto. Aqui aparece um duplo memorável *espertezaxesperteza*, onde “o outro (camarada)” se sobrepõe a “um (camarada)” por demonstrar “mais ainda” esperteza no referido acontecimento.

Nesta piada, é possível perceber ainda que o memorável da esperteza remete à Lei de Gérson (ou Lei da Vantagem). Esta lei é um princípio que determina que a pessoa, para obter vantagens, deve agir de forma indiscriminada, sem preocupação com princípios éticos e valores morais. O que importa é “o fim e não os meios”, ou seja, é levar vantagem em tudo, como consta na fala de Gérson – ex-jogador de futebol – que protagonizou a propaganda de cigarro²¹ que deu origem a esta lei: “*Gosto de levar vantagem em tudo, certo? Leve vantagem você também, leve Vila Rica!*”. Assim, na piada em estudo, a esperteza é sinônima de “levar vantagem”, no sentido da Lei de Gérson, da “malandragem brasileira”.

Um outro aspecto que merece destaque é o que se refere à questão do humor nesse acontecimento. A piada acima analisada aparece no livro em estudo em um exercício. Em primeiro lugar, é possível notar que – embora não apareça nenhuma definição – a piada é chamada de anedota logo no primeiro enunciado: “*Leia a anedota a seguir e responda às questões 2 e 3*”. Nota-se aí que piada e anedota são empregadas numa relação de sinonímia. Ao

²¹Esta propaganda de cigarro foi produzida por Caio Domingues e Associados e veiculada no Brasil em 1976. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org>. Acesso em: 29/05/2017.

discutir sobre “O que é piada?”, Ramos (2011, p.33) diz “Há, logo de início, dois obstáculos para responder à pergunta acima. O primeiro [...] Há uma aplicação ampla para o termo piada. O segundo obstáculo é a utilização de uma série de palavras, muitas vezes interpretadas como equivalentes a piada”. Considerando-se isso, pode-se dizer que os autores deste livro didático utilizam a anedota como equivalente a piada, desconsiderando o conceito e as características desta ou daquela, já que não traz a definição de anedota. Percebe-se, ainda, que toda a atividade é voltada para verificar a compreensão sobre questões gramaticais, para o reconhecimento de tempo e formas verbais e substituição de uma locução verbal por uma forma verbal simples.

Questões relacionadas ao humor presentes na *anedotanão* são levadas em consideração. E isso pode ser confirmado na resposta indicada para a questão 2 – “*encontram, consegue: presente do indicativo; sabia: pretérito imperfeito do indicativo; contou: pretérito perfeito do indicativo*” – e para a questão 3 – “*estão passeando / passeiam*”. Na questão 3, os autores trazem a expressão “sentido equivalente” que poderia iniciar uma discussão acerca do que seria sentido, o que não ocorre, uma vez que a resposta proposta pelo livro é objetiva e meramente gramatical – “*estão passeando / passeiam*”.

Logo, nesse exemplo, já se pode observar que o humor presente nessa piada retrata uma imagem lúdica dos sujeitos, mas já aponta a presença de preconceitos: o brasileiro é malandro e gosta de tirar vantagem em tudo. Não houve aqui um interesse em explorar o texto, observando-se o humor e os sentidos presentes aí. A piada foi utilizada com o objetivo de ilustrar uma atividade puramente gramatical.

Neste recorte, já se nota que o texto humorístico – piada – é utilizado apenas como pretexto para aferir conhecimentos gramaticais. Não há aí a preocupação em desenvolver o senso crítico do aluno, conforme estabelecido pela LDB e reafirmado pelos PCNEM. Utilizou-se o “gênero” piada, atendendo “aparentemente” as orientações dos PCNEM, mas o foco continua sendo a gramática.

Notou-se, ainda, na piada em estudo, a presença do político, termo utilizado por Guimarães (2002) no interior da Semântica do Acontecimento, que instaura o conflito no centro do dizer. Nesse acontecimento, *dois camaradas* aparecem incluídos enquanto espertos, mas um assume a posição de mais esperto do que o outro, o que acaba gerando uma exclusão de um dos indivíduos. E essa contradição, essa disputa por ser o mais esperto reforçará o estereótipo de que brasileiro gosta de levar vantagem em tudo, propagando a ideia de que brasileiro é malandro. Além disso, nesse espaço de enunciação específico (Brasil), há uma exclusão dos que não são espertos, ou seja, para ser brasileiro tem que ser esperto, isto é,

todos os brasileiros são incluídos como espertos, porém, alguns são mais espertos do que outros.

(Recorte 02)

Agora observe este segundo exemplo que aparece nas páginas 249 e 250, no capítulo intitulado “O modelo morfossintático – o sujeito e o predicado”:

Quadro09 – Recorte 02

Leia a tira a seguir, de Fernando Gonsales, e responda às questões 1 e 2.



(Têdio no chiqueiro. São Paulo: Devir, 2006, p. 23.)

1. No 2º quadrinho da tira, foi empregado o advérbio **loucamente**.

a) Que tipo de circunstância esse advérbio expressa?

modo

b) Identifique o sufixo desse advérbio e empregue-o na formação de outras palavras.

- mente / felizmente, facilmente, perfeitamente, legalmente, geralmente, etc.

c) A partir do radical desse advérbio, forme uma família de palavras.

louco(a), louquinho (a), loucura, louquice, louquejar.

2. A tira estabelece relação intertextual com outro texto. Qual é esse texto?

“Um elefante incomoda muita gente, dois elefantes incomodam muito mais” e assim por diante.

3. Na anedota a seguir, foram propositalmente suprimidas duas palavras. Leia-a.

O prefeito foi visitar o manicômio da cidade. Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo. Preocupado, diz à bibliotecária do hospício:

- *O que é que esse □ está fazendo aí no teto?*
- *Ele pensa que é um lustre.*
- *Permitir isso é uma □ ! Ele pode cair e se machucar! Por que não o tiram daí?*
- *Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?*

- a) *Uma ou outra das palavras suprimidas na anedota poderia ser **loucamente**? Não.*
- b) *De acordo com o contexto, que palavras da família do radical **louc-** podem completar adequadamente as lacunas da anedota? **louco e loucura, respectivamente.***
- c) *A que classe gramatical pertence cada uma dessas: à dos substantivos, à dos adjetivos, à dos verbos ou à dos advérbios? **Ambas pertencem à classe dos substantivos.***

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 249-250.

Apesar de, por uma questão didática, esta seção ser dedicada ao estudo e à análise de piadas no interior do livro didático selecionado, a questão proposta nas páginas 249 e 250 do referido livro aborda o assunto através de um exercício que traz uma tira e uma piada como exemplo. Por isso, nesta análise, a tira também será considerada para se compreender como se dá o trabalho com humor neste acontecimento.

Analisar um texto é “interpretar os sentidos produzidos pelos textos, os sentidos que podemos reconhecer num certo texto particular (GUIMARÃES, 2011, p.31)”. Desse modo, para se proceder à análise da piada, faz-se necessário “completar **adequadamente** as lacunas da anedota”, como pede o livro didático. Para se compreender o sentido que **adequadamente** assume aí, é necessário considerar também o emprego dos termos “loucamente”, “contexto” e “radical louc-”.

Embora não apareça a definição do que seja “contexto” para os autores que elaboraram este livro didático, de maneira geral, pode-se chegar ao sentido que “contexto”, considerando-se que *a anedota* é um texto narrativo, seria o local (ou situação) onde ocorre a história – no caso específico, no manicômio. Associados a isso, aparecem as palavras **loucamente** (questão 3a) e **radical louc-** (questão 3b) que servirão de indício para encontrar as palavras que faltam no referido texto. A questão 3a exclui a possibilidade de uma das palavras suprimidas ser **loucamente**, mas na questão 3b há a afirmação que as palavras suprimidas possuem o **radical louc-**. Dessa forma, como se sabe que o *manicômio* interna pessoas com

problemas mentais e as palavras suprimidas no texto possuem o radical *louc-*, depreende-se daí que as palavras são *louco* e *loucura*.

Já na tira em estudo, a construção do humor se dará de outra forma. No enunciado “Enquanto os vírus se reproduzem loucamente... eles cantam”, nota-se que a palavra “loucamente” atribui ao enunciado um sentido de intensidade, embora a palavra “loucamente” seja classificada como um advérbio de modo pela gramática normativa. É possível chegar a esta conclusão, pois o referido enunciado traz duas ações simultâneas – “reproduzir” e “cantar” – associadas ao termo “loucamente” e esse termo intensifica estas ações.

Contudo, o efeito de humor se dará no último quadrinho na fala do personagem “14 bilhões 800 mil vírus incomodam muita gente... 14 bilhões 800 mil e um vírus incomodam, incomodam, incomodam...”. Isso porque aparece aí a expressão “e um” que vem mostrando que os vírus estão se reproduzindo “loucamente”, ou seja, intensamente, e para cada um que nasce, a música – que é muito chata – é cantada, e isso perturba muito. Além disso, aparece ainda a repetição da palavra “incomodam” que reforça os sentidos trazidos por “loucamente” e “e um” no referido enunciado.

Pode-se afirmar ainda que a tira traz o memorável de que algo em grande quantidade incomoda, pois retoma uma cantiga popular “um elefante incomoda muita gente” que utiliza a figura do elefante – grande e pesado – para representar o tamanho do incômodo. A atividade, no entanto, traz apenas uma questão sobre esse aspecto, pedindo somente para identificar o texto com o qual a tira estabelece uma relação intertextual, mais uma vez sem explorar as questões relacionadas ao sentido do texto.

Utilizando-se os procedimentos enunciativos de produção de sentido, desenvolvidos no interior da Semântica do Acontecimento, é possível chegar a esta conclusão de outro modo. Observe:

- (5) Chegando à biblioteca, vê um homem pendurado no teto, de cabeça para baixo.
- (6) Ele pensa que é um lustre!

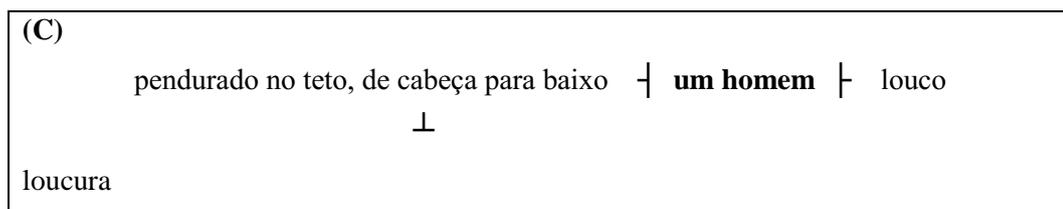
Em (5), *um homem* aparece articulado a “pendurado no teto, de cabeça para baixo” e em (6), *um homem* aparece reescriturado por “ele” e por “um lustre”. Tanto em (5) quanto em (6) as informações acerca de “um homem” sugerem que ele não seja uma pessoa *normal*, uma vez que não é comum encontrar uma pessoa pendurada de cabeça para baixo em uma biblioteca se fazendo de lustre. Por aí já é possível perceber que ele é um louco. Além disso, pode-se observar ainda nos enunciados a seguir:

(7) O que esse □ está fazendo aí no teto?

(8) Permitir isso é uma □ !

Em (7), a palavra suprimida aparece acompanhada por “esse”, palavra masculina. Considerando-se que aí, no □, deve aparecer uma reescrituração de “um homem”, associado às demais informações obtidas no texto e à questão que diz que a palavra possui o *radical louc-*, pode-se afirmar que a palavra em questão é *louco*. Já em (8), a palavra suprimida aparece acompanhada por “uma”, palavra feminina. Aqui *isso* condensa toda a informação que aparece acerca de “um homem” nesse acontecimento. Como *isso* traz a ideia que o homem é louco, logo, pode-se concluir que “isso é uma *loucura*”.

Isso leva à construção do seguinte DSD:



O DSD (C) constitui o sentido de “um homem”, trazendo o memorável de *loucura*, mas não é aí que está o humor do texto. Esse se dará em outro momento:

(9) Por que não o tiram daí?

(10) Mas, à noite, como é que a gente vai fazer para ler no escuro?

Em (9), a indagação do prefeito sobre o motivo de não retirar “um homem”, reescriturado aí por “o”, “do teto” (reescriturado por “daí”) ocasionará uma resposta que gera surpresa. Isso se dará porque na fala da bibliotecária do manicômio em (10) está pressuposto²² que ela também é louca, já que acredita que o homem realmente é um lustre. Nota-se isso em (10), quando na fala da bibliotecária aparece a expressão *a gente* que inclui tanto os loucos do

²²A palavra *pressuposto* empregada aqui leva em consideração o conceito de pressuposição desenvolvido por Ducrot (1987): “o pressuposto pertence antes de tudo à frase: ele é transmitido da frase ao enunciado na medida em que esse deixa entender que estão satisfeitas as condições de emprego da frase da qual ele é a realização” (p.33) e “a informação pressuposta é colocada à margem do discurso” (p.42). (DUCROT, Oswald. *Pressupostos e subentendidos (Reexame)*. In: DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas-SP: Pontes, 1987. Tradução: Ana Maria Guimarães e Eleni Jacques Martins).

manicômio quanto a funcionária da biblioteca. O humor do texto ocorre nesse momento visto que não se espera que um funcionário de manicômio também seja um louco. Há aí uma oposição de ideias – *loucura x normalidade* – trazidas pelo memorável que associa manicômio à loucura e funcionário de manicômio à normalidade. É essa discrepância de expectativa que produzirá o humor deste texto.

Entretanto, mais uma vez o que se nota é que o humor aparece nesse livro didático apenas porque tanto a tira quanto a piada (anedota) são textos humorísticos, mas não há a finalidade de se explorar os sentidos e o humor presentes neles, eles são utilizados com um objetivo meramente ilustrativo, para se abordar questões gramaticais. E isso pode ser confirmado na página 250 no texto que se segue com o título “Conceituando”. Observe o fragmento a seguir:

Na tira e na anedota, para combinar as palavras *loucamente*, *louco* e *loucura* com outras palavras das frases de modo que ficassem de acordo com o contexto, os autores precisaram selecioná-las. **Essas palavras têm o mesmo radical.** Quando é acrescentado ao radical *louc-* o sufixo *-ura*, forma-se um substantivo *-loucura*; quando é acrescentado o sufixo *-mente*, forma-se um advérbio *-loucamente*. (CEREJA & MAGALHÃES, 2013, p.250, grifos nossos)

Acima, é possível observar que a tira e a *anedota*, utilizadas no exercício das páginas 249 e 250, foram retomadas aqui meramente para retomar a formação das palavras *loucamente*, *louco* e *loucura* que servem para dar início ao estudo gramatical. Nesse acontecimento assim como no anterior o humor apareceu como um *personagem figurante*, compondo apenas o cenário para que a gramática protagonize. Todo o exercício é construído com a finalidade de aferir conhecimentos gramaticais, não possibilitando uma reflexão acerca dos textos humorísticos ali presentes nem dando mais de uma possibilidade de resposta. Isso retira a possibilidade de o aluno desenvolver-se criticamente já que cada questão induz para “a resposta correta”.

Na piada em estudo, o político instaura uma contradição ao incluir os personagens – “um homem” (louco) e a “bibliotecária” – ao grupo de pessoas e excluí-los, quando se divide pessoa em *normal x louca*. Nota-se que esta contradição define quem pode agir dessa ou daquela forma, sobrepondo uma pessoa (normal) a outra pessoa (louca). Isso é reforçado no final inesperado da piada, que gera o efeito de humor, pois, espera-se que a bibliotecária do manicômio seja uma pessoa “normal” já que é uma funcionária e este lugar – de funcionária – não ser “normalmente” ocupado por um louco. Mas, o que se nota no desfecho da piada é que

a bibliotecária é tão louca quanto o homem pendurado no teto, já que também acredita que ele é um lustre.

Mais uma vez este exemplo mostra que o uso do texto como pretexto para estudos gramaticais e a ausência de uma reflexão acerca dos estereótipos, dessa divisão entre *normalidade x loucura*, reforçam estereótipos, podendo propagar preconceitos, já que não se pode controlar os sentidos presentes nesse acontecimento.

(Recorte 03)

Agora observe este terceiro exemplo que aparece na página 251, no capítulo intitulado “O modelo morfossintático – o sujeito e o predicado”:

Quadro 10 – Recorte 03

O freguês sentou-se e pediu um chope. O garçom trouxe o chope e o freguês pediu para trocar por um suco de laranja. O garçom trocou, o freguês bebeu e saiu sem pagar.

- *Ei! – disse o garçom. – O senhor não pagou o suco de laranja.*
- *Claro que não! Eu o troquei pelo chope!*
- *É... Mas o senhor não pagou o chope.*
- *Claro que não! Eu não o bebi.*

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 249-250.

Na piada acima, apesar de aparecer dois nomes de personagens – *freguês* e *garçom* -, nota-se que apenas *freguês* aparece reescriturado por palavras diferentes. A palavra *garçom* aparece reescriturada por duas vezes pela mesma palavra “garçom”. A repetição desta palavra pode atribuir o sentido de “movimento, de estar à disposição do freguês” a este personagem; já *freguês* é reescriturado por “senhor, eu” e de forma elíptica em “pediu, saiu”. Mas será através do procedimento enunciativo de produção de sentido – a articulação – que se terá uma melhor ideia do sentido adotado pelo freguês neste acontecimento. Observe os enunciados a seguir:

- (11) o freguês bebeu e *saiu sem pagar*.
- (12) O senhor *não pagou o suco de laranja*.
- (13) Mas o senhor *não pagou o chope*.

O que se nota nos enunciados acima é que *freguês* aparece articulado a “saiu sem pagar”, em (11), “não pagou o suco de laranja”, em (12), e “não pagou o chope”, em (13). Essas relações semânticas trazem o sentido que o freguês é caloteiro, visto que compra e não paga, agindo de má fé.

Observa-se que, nesta piada, aparece um duplo memorável já que *freguês* ocupa tanto o lugar de “caloteiro” quanto de “esperto”. A esperteza aí é notada através do uso da palavra “trocar”. Observe:

(14) O garçom trouxe o chope e o freguês pediu para *trocar* por um suco de laranja.

(15) Claro que não. Eu o *troquei* pelo chope.

Em (14), nota-se que *a troca* está relacionada a “chope/suco de laranja”. Nesse momento, não se nota aí humor e isso ocorre porque trocar um produto por outro é uma prática comum no comércio brasileiro; já em (15), o “troquei” traz o efeito de humor visto que a resposta inesperada do freguês traz a ideia de “malandragem” já que utilizou uma prática comum – trocar um produto por outro, quando se está insatisfeito com o que foi adquirido – para “dar calote” no garçom.

Aqui, mais uma vez, aparece o memorável de esperteza, mas uma esperteza que retoma a Lei de Gérson, pois agiu de forma indiscriminada para levar vantagem. Não houve preocupação do freguês com a possibilidade de o garçom perder o emprego ou ter parte do seu salário retido por conta dele não ter pago a dívida.

Isso leva à construção do seguinte DSD:

(D)

saiu sem pagar	┆	caloteiro	┆	freguês	┆	esperteza	┆	não pagou o chope
não pagou o suco de laranja								

O DSD (D) constitui o sentido de “freguês”, trazendo um duplo memorável *esperteza x caloteiro*, pois o freguês utiliza-se da esperteza para levar vantagem sobre o garçom, saindo sem pagar a conta.

Entretanto, neste acontecimento, esta piada não foi empregada com a finalidade de se discutir “os valores morais e princípios éticos” nem o humor do texto. Ela foi utilizada, neste livro, novamente, para ilustrar um assunto gramatical. A referida piada aparece em uma seção do livro intitulada “Forma e Função” e foi utilizada com o propósito de se analisar um único enunciado – “O senhor não pagou o suco de laranja” – quanto a forma (morfologia) e quanto a função (sintaxe).

Até aqui, o que se pôde ver é que as piadas selecionadas pelos autores deste livro didático ocupam um lugar meramente ilustrativo para se trabalhar questões gramaticais. Em momento algum, observou-se a organização de um trabalho que visasse compreender o humor e os efeitos de sentidos presentes nestes textos. É possível inclusive afirmar que, diante do que foi analisado até aqui, a piada ocupa um espaço que poderia ser ocupado por qualquer outro texto visto que o objetivo do referido livro é meramente gramatical. Um argumento que colabora para esta constatação – além dos que já foram mencionados neste trabalho – é que, neste volume do livro didático em estudo, há apenas três piadas, por isso, nesse item, não será possível analisar quatro piadas como foi proposto nos procedimentos metodológicos deste trabalho.

Considerando-se, ainda, que a língua é “atravessada pelo político”, segundo Guimarães (2002), é possível perceber nesse recorte que há uma contradição na composição do sentido de *freguês*. Ele aparece dividido em *caloteiro*, por agir de má fé, tentando tirar vantagem da situação, e em *esperto*, por conseguir sair ileso, sem pagar a conta. Nesse acontecimento, *freguês* aparece incluído enquanto “cliente” de um bar e excluído no momento em que aparece dividido em *caloteiro x esperto*. A oposição *caloteiro x esperto* reforça o estereótipo que brasileiro gosta de levar vantagem em tudo e, para isso, utiliza a tão conhecida “malandragem brasileira”.

O item a seguir, como foi proposto nos procedimentos metodológicos deste trabalho, discutirá a questão do humor presente em quatro tiras retiradas deste livro didático.

3.1.2 Tiras cômicas

(Recorte 04)

A tira a seguir aparece em um exercício da página 30, no capítulo que trata sobre o “Substantivo”. Observe:

Quadro 11 – Recorte 04

(Disponível em: <http://dropscurrais.wordpress.com/2012/03/15/parabens-mafalda/>. Acesso em: 12/4/2012.)

1. A tira mostra claramente a diferença entre as duas personagens quanto a valores. Qual é essa diferença? *Susanita preza valores materiais (vestidos), ao passo que Mafalda preza valores culturais.*

2. Contrapondo-se aos valores de Mafalda, Susanita argumenta: “se você sair na rua sem cultura, a polícia te prende? Experimenta sair sem vestido.”

a) Do ponto de vista morfológico, como se classificam os substantivos **vestidos** e **cultura**? *vestidos: substantivo simples, plural, concreto; cultura: substantivo simples, singular, abstrato.*

b) A argumentação de Susanita baseia-se em algo concreto: vestidos. Explique como a classificação morfológica de **cultura** contribui para a construção do humor do texto. *Cultura é um substantivo abstrato, pois refere-se a conhecimento humano, e não a algo que se possa mostrar materialmente, como um vestido. Daí a frase “sair sem cultura na rua” ser inesperada e provocar o efeito de humor.*

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 30.

Ramos (2011, p.11) diz que “as tiras utilizam estratégias de construção de sentido semelhantes às das piadas para produzir o efeito de humor”. Desse modo, para se analisar as tiras selecionadas para este estudo, serão levados em consideração os procedimentos enunciativos de produção de sentido – a reescrituração e a articulação -, a construção de um DSD e, como se trata de tiras, a descrição e a análise de imagem.

Segundo Guimarães, o procedimento da reescrituração “rediz o já-dito” atribuindo algo ao reescriturado. A análise que se procederá a seguir tomará como base a tira e as questões relacionadas a ela. Assim, é possível dizer que a tira possui “duas personagens” (meninas). Para se dizer isso, considerou-se a imagem presente na tira assim como a questão 01 do exercício: “A tira mostra claramente a diferença entre as duas personagens quanto a valores!”.

Desse modo, para se compreender a reescrituração de “duas personagens”, deve-se entender que “duas” divide as personagens, demonstrando que são diferentes e, portanto, são reescrituradas por palavras distintas. Além desta informação, como na tira não aparece escrito o nome de cada personagem, serão tomadas como base as informações oferecidas pelas questões propostas no exercício deste livro didático. Na questão 01, ao dizer na resposta proposta para o professor que “*Susanita preza por valores materiais (vestidos), ao passo que Mafalda preza valores culturais*”, é possível diferenciar uma personagem da outra, através do nome atribuído à postura adotada por cada personagem.

Na tira acima, então, a expressão “duas personagens” aparece dividida em “Susanita” e “Mafalda”. *Susanita* aparece reescriturada por “eu, alguém” e de forma elíptica em “quero”; já *Mafalda* aparece reescriturada por “eu, você”. Observando-se o funcionamento de cada uma dessas palavras, através do procedimento da articulação, é que se notará como elas contribuem para a construção do sentido do texto. Observe:

(16) Quando eu crescer quero *ter muitos vestidos*.

(17) E eu *muita cultura!*

(18) É triste ter que bater em alguém *que tem razão!*

Em (16), *Susanita* aparece articulada a “ter muitos vestidos” e isso traz o sentido de “pessoa fútil”; já *Mafalda*, em (17), aparece articulada a “(ter) muita cultura” e isso traz o sentido de “pessoa inteligente”. O efeito de humor aparecerá nesta tira no quarto quadrinho, cuja fala aparece transcrita em (18), com a atitude inesperada da Mafalda – “bater em Susanita” – por conta de uma constatação que ela chegou neste diálogo: “a sociedade valoriza mais os bens materiais que culturais”. Em (18), *Susanita* aparece articulada a “que tem razão” e isso gerará o humor da tira, visto que Susanita apanhou por estar correta e Mafalda demonstrar com sua atitude não aceitar isso. As crianças aqui, segundo consta na questão 01 da atividade, representam dois grupos da sociedade brasileira que se opõem: aqueles que prezam os valores materiais e aqueles que prezam os valores culturais.

Outro aspecto importante para se compreender o sentido deste texto é a articulação de Susanita a “ter muitos vestidos”. A personagem Susanita é loira e, associando esta informação sobre a personagem ao sentido observado em (16), pode-se chegar à seguinte conclusão: mulher (loira) é fútil e esta futilidade traz o memorável que “loira é burra”, presente também em piadas brasileiras. Já Mafalda é morena e aparece associada à “pessoa inteligente”. Esta

oposição entre as características da personagem – *loira x morena, burra x inteligente* – reforçará o estereótipo que (apenas) a mulher loira é burra.

Isso leva à construção do seguinte DSD:

(E)	
Susanita	Mafalda
┆	┆
Duas personagens	
T	T
ter muitos vestidos	(ter) muita cultura

O DSD (E) constitui o sentido de “duas personagens” nesse acontecimento, associando-as à “futilidade” e à “inteligência”, e isso traz o memorável de que (apenas) “mulher loira é burra”, pois quem atribui mais valor ao “ter” (bens materiais) do que ao “ser” é a personagem loira. Aparece aí uma oposição entre *o ter x o ser, valores materiais x valores culturais* que caracteriza o conflito existente na sociedade. Conflito esse em que *o ter* sobrepõe-se *ao ser*, justificando-se, assim, a postura da Susanita: sair sem roupa afeta outras pessoas, enquanto que sair sem cultura não afeta ninguém.

Nesse exercício, ao contrário do que ocorreu nas análises das piadas, já aparece na questão 2b um pequeno interesse pela questão do humor do texto. Ao ler esta questão – “A argumentação de Susanita baseia-se em algo concreto: vestidos. Explique como a classificação morfológica de **cultura** contribui para a construção do humor do texto.”-, percebe-se que os autores trazem a questão da “construção do humor” da tira.

Nota-se, entretanto, que os autores deste livro didático limitam a interpretação do humor do texto à questão gramatical ao definir no enunciado “Explique como a classificação morfológica de **cultura** contribui para a construção do humor do texto.” Mais uma vez a questão gramatical sobrepõe-se à questão semântica. A questão do humor aqui aparece atrelada a compreensão gramatical do conceito de substantivo. O efeito de humor, expressão citada na resposta sugerida pelo livro didático para a questão, está relacionado a interpretar a palavra “cultura” como um *substantivo abstrato* “pois refere-se a conhecimento humano, e não a algo que se possa mostrar materialmente como um vestido” e entender que a frase “sair sem cultura na rua” é inesperada e provoca um efeito de humor por isso, ou seja, o operador argumentativo, definição de Ducrot, “daí” orienta para a compreensão que o que causa humor na frase “sair sem cultura na rua” é o fato de a palavra “cultura” ser um substantivo abstrato e não concreto.

Pôde-se observar neste exemplo de trabalho com tiras no livro didático que, apesar de o humor aparecer em uma questão da atividade, o foco ainda é aferir o conhecimento sobre conceitos gramaticais e não a exploração dos sentidos e dos efeitos de humor presentes no texto. Notou-se ainda que a presença do estereótipo “loira é burra” aparece na tira, embora não seja explorado pelas questões relacionadas a ela neste exercício. Já se pode notar que, ao escolher uma tira que traz uma oposição entre *mulher fútil (loira) x mulher inteligente (morena)*, o estereótipo “loira é burra” é reforçado, projetando este sentido para futuras interpretações, propagando preconceitos.

Nesse recorte, as oposições *valores materiais x valores culturais, o ter x o ser, loira x morena* compõem o sentido de loira nesse acontecimento, atribuindo a ela característica de burra. Susanita e Mafalda são pertencentes ao grupo de mulher, mas a contradição existente entre *loira x morena, burra x inteligente, valores materiais x valores culturais* marcará o pertencimento de uma ao grupo de mulher burra e a outra ao grupo de mulher inteligente. É esse conflito que estabelece a *inclusão x exclusão* dos indivíduos que marca o político da linguagem; que define quem pode (e deve) dizer. Ou seja, se a personagem Mafalda (morena) aparecesse na tira valorizando os bens materiais, isso não traria o memorável de “burrice”, pois a mulher morena *pode* falar em “ter muitos vestidos” sem ser considerada fútil e burra, mas a loira não.

(Recorte 05)

A tira a seguir aparece em um exercício que dá início ao capítulo que trata do assunto “Interjeição” na página 202:

Quadro 12 – Recorte 05

Leia a tira:



1. No 1º quadrinho, a ratinha faz uma pergunta a Níquel Náusea.

- a) *Descreva a reação que o ratinho tem quando ouve a pergunta. Ele arregala os olhos, como se tivesse ficado surpreso ou desconfortável com a pergunta.*
- b) *Tendo em vista a reação do ratinho, deduza: Qual é o significado da fala “Hum”, nesse quadrinho? Dúvida, desconforto.*
2. *Releia a fala de Níquel no 2º quadrinho e levante hipóteses: Qual é a reação entre o que diz e o aparente desconforto em que fica com a pergunta inicial? Ela supõe que sua resposta deixará a ratinha contrariada.*
3. *No 3º quadrinho, a ratinha diz a Níquel: “Puxa!! Obrigada!”. Que sentimentos as palavras da ratinha expressam? Surpresa, contentamento, agradecimento.*
4. *Observe a fisionomia de Níquel no 3º quadrinho.*
- a) *A reação da ratinha foi a que ele esperava? Justifique sua resposta. Não, pois ele fica desconcertado, com a expressão de não ter gostado do que ouviu.*
- b) *Que reação ele esperava que a ratinha tivesse? Ele provavelmente esperava que ela ficasse contrariada ou triste.*
- c) *Caso o que a ratinha disse atendesse à expectativa de Níquel, que palavras ou expressões ela provavelmente teria usado? Resposta pessoal. Sugestões: “Que chato!”, “Ah, não!”, “Droga!”, “Bah!”, “Ora!”, etc.*
5. *Observe as palavras “hum, puxa e obrigada”, na tira. Retomando o estudo feito nas questões anteriores, identifique entre os itens a seguir o que se refere adequadamente à função dessas palavras na tira.*
- *Expressam alegria e satisfação, tanto por parte do enunciador como por parte do destinatário.*
 - *Caracterizam psicologicamente as personagens da tira, uma vez que se referem a emoções que elas têm.*
 - *Expressam sensações e sentimentos, prevendo e provocando certas reações no interlocutor.*

- *Apontam seres e objetos que participam da história e/ou compõem o cenário da tira.*

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 202.

É possível observar na tira acima a presença de dois personagens. Considerando-se a questão 01 da referida atividade, pode-se afirmar que são um “ratinho” e uma “ratinha”. Nesse acontecimento, *ratinha* aparece reescriturada apenas por “me”; já *ratinho* é reescriturado por “você, eu”, de forma elíptica em “vou” e pelos nomes “Níquel Náusea, Níquel”, na questão 01. Associado a isso, pode-se dizer ainda que a *ratinha* é a personagem que aparece “lilás” e o *ratinho* é o “azul”. É possível dizer isso porque esse acontecimento traz o memorável que “lilás” é cor que identifica mulher e “azul” é a cor de homem, reforçando a diferença entre *mulher x homem*. Nesse primeiro momento, nota-se que *ratinho* e *ratinha* formam um casal, representando uma relação entre marido/mulher.

Observe os enunciados a seguir:

(19) Que **presente** você vai me **dar no aniversário**?

(20) ... Eu acho que **vou estar viajando no dia**.

Em (19), *ratinha* aparece articulada a “presente de aniversário”. Essa articulação traz o memorável de que “mulher” gosta de receber presentes, bens materiais e, no aniversário, isso é imprescindível. Já o *ratinho* aparece articulado em (20) a “vou estar viajando no dia” e isso traz o memorável que o homem não dará presente para a mulher por não estar em casa na ocasião do aniversário dela. Isso mostra que o homem, ao contrário da mulher, não é apegado a datas comemorativas, esquecendo-se delas, por isso não presenteia a mulher nestas ocasiões.

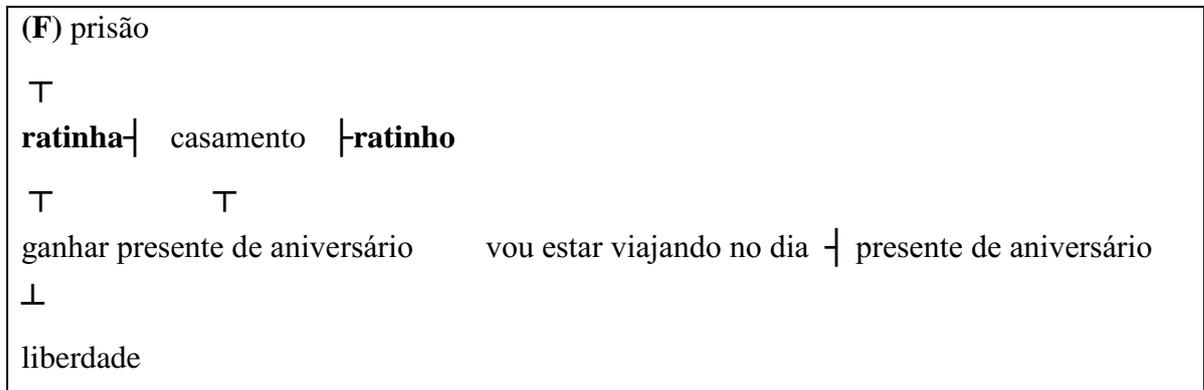
Entretanto, o humor do texto se dará pela quebra de expectativa do leitor, no último quadrinho da tira, por conta da reação da *ratinha*. Travaglia (1990, p.56, grifos nossos) diz que “humor é coisa ‘séria’ com funções importantes para o ser humano, mas que **são desempenhadas pelo humor de uma forma agradável**”. Ou seja, a tira em análise traz uma visão negativa sobre relacionamento. Isso ocorre porque a *ratinha* (que representa a mulher) espera que o *ratinho* (que representa o marido) lhe dê um presente de aniversário. A resposta do *ratinho* (20), no entanto, revela a princípio que isso não ocorrerá. Em um primeiro momento, espera-se que a *ratinha* brigue com o *ratinho* por conta disso, visto que em uma situação real seria esta a reação de uma mulher. Aí é que entra o conceito de humor trazido

por Travaglia. A tira trará um assunto sério – desentendimento de casal – de forma leve e bem humorada.

Nota-se no último quadrinho na fala da ratinha “Puxa!! Obrigada!” que a palavra “presente” assume um duplo sentido nesse acontecimento: o primeiro sentido tem relação com ganhar algum bem material, atitude comum em aniversários no Brasil; o segundo sentido, e esse é o que produz o efeito de humor, “presente” é compreendido no último quadrinho como alegria da ratinha²³ pela ausência do marido no dia do seu aniversário, dando a ela a liberdade para fazer o que gosta. Esse final inesperado traz uma ideia negativa do casamento – algo que aprisiona – uma vez que a ratinha fica feliz com a ausência do marido que pode ser comprovado na fala “Puxa!! Obrigada!”, surpreendendo o leitor que esperava uma reação contrária: de decepção, discussão e briga.

O interessante nessa tira é que, apesar de não se ter este objetivo exposto na referida atividade, há aí uma “quebra de estereótipo” da mulher – que valoriza presentes – e da mulher comprometida – que é insegura e faz questão da presença do homem em todos os momentos que considera importantes em sua vida.

Assim, é possível chegar ao seguinte DSD:



No DSD (F), pôde-se observar que “presente” nesse acontecimento representa festejar o aniversário longe do marido, o que traz o memorável que casamento é algo negativo, pois aprisiona. Passar a data de aniversário sem a companhia do marido é um presente, porque representa libertação, “tirar um peso das costas” e isso provoca humor.

²³Pode-se afirmar que a ratinha ficou feliz com a ausência do marido no dia do seu aniversário, porque, no terceiro quadrinho, a imagem da ratinha aparenta alegria, enquanto a imagem do ratinho aparenta raiva, decepção. Além disso, nas histórias em quadrinho, a utilização das letras maiúsculas e em negrito representa fala alta e, associado ao uso de exclamações, nessa tira, representa alegria.

Mais uma vez, embora trata-se de uma tira (cômica), segundo a definição de Ramos (2010-2011), no livro em estudo esta tira é utilizada apenas para dar início ao estudo gramatical da “Interjeição”. Os autores deste livro didático iniciam o capítulo com o subtítulo “Construindo o conceito” e seguindo do exercício que traz a tira em análise. Nota-se que em nenhum momento há a preocupação em se trabalhar com o humor do texto. Todas as questões foram elaboradas para “construir o conceito de interjeição” e nada mais. Isso pode ser confirmado na página 203, intitulada “Conceituando”, que aparece logo após a atividade em estudo:

Pelos exercícios anteriores, você observou que, de acordo com o contexto, muitas palavras podem expressar sensações e sentimentos, ou provocar reações no interlocutor, fazendo com que ele adote certo tipo de comportamento. As palavras e expressões que desempenham esse tipo de papel chamam-se **interjeições**. (CEREJA & MAGALHÃES, 2013, p.203.)

Tomando-se esse exemplo, pode-se dizer que a escolha desta tira para abordar o conteúdo “Interjeição” já traz o memorável de que casamento é ruim, propagando este preconceito sobre isso. Como se trata de um livro didático, ferramenta muito utilizada pelo professor no Ensino Médio, trazer uma tira que trata de forma negativa o matrimônio acaba construindo não só o conceito de “Interjeição” (propósito da atividade) como também construindo uma ideia negativa acerca do casamento, projetando uma futuridade na qual casamento é ruim.

Outra vez, a tira cômica foi utilizada apenas como pretexto para se trabalhar com assuntos gramaticais, não possibilitando uma reflexão crítica sobre o assunto ali abordado, o que torna o aluno um “mero receptor de conhecimentos gramaticais”, impedindo-o de desenvolver-se criticamente, conforme proposto pela LDB e reforçado pelos PCNEM.

Nota-se ainda que, no recorte 05, o conflito instaura-se na instituição casamento. Pode-se dizer isso, porque *casamento* aparece aí como um espaço de conflito, de oposição das ideias *prisão x liberdade*. O casamento, enquanto prisão, inclui tanto ratinha (mulher) quanto ratinho (homem); já quando casamento representa liberdade, ratinho (homem) aparece excluído, ou seja, a ratinha (mulher) só consegue ter liberdade na ausência do marido. E isso reforça o estereótipo que casamento é ruim, uma vez que aprisiona.

(Recorte 06)

A tira a seguir aparece na página 29 do livro didático em estudo:

Quadro 13 – Recorte 06

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 29.

A tira acima aparece em uma seção do livro didático intitulada “Morfofossintaxe: forma e função”. É possível observar que a tira possui dois quadrinhos: no 1º, aparece o título da história “As aventuras de Sir Manoel o cavaleiro português” e no 2º, uma imagem e fala do rei. Nota-se que há cinco personagens no 2º quadrinho: o rei (único que fala), o cavaleiro português, a cabeça da princesa, o dragão e um bobo da corte.

Considerando-se o procedimento enunciativo de produção de sentido – a reescrituração -, pode-se observar que o nome *Sir Manoel* aparece reescriturado por “cavaleiro” e “seu idiota”. A palavra “idiota” atribui ao nome “Sir Manoel” um sentido negativo, de pessoa burra.

Observe o enunciado a seguir:

(21) As aventuras de Sir Manoel o cavaleiro *português*.

Nota-se em (21) que “Sir Manoel” aparece articulado à palavra “português”. Essa articulação entre “Manoel” e “português” traz o memorável de que “português é burro” visto que em piadas brasileiras Manoel é português e ocupa um lugar de burro e, as tiras cômicas, segundo Ramos (2010-2011), assemelham-se às piadas. Isso é reforçado pela utilização da palavra “idiota” para se referir ao Manoel assim como a imagem dele, que aparece de olho

arregalado ao ouvir o rei falar “Seu idiota, era pra matar o dragão e casar com a princesa”, o que mostra que ele não compreendeu nada, pois é burro.

A fala do rei “Seu idiota, era pra matar o dragão e casar com a princesa” retoma ainda o conto de fadas “Rapunzel”. Neste, o cavaleiro deveria enfrentar o dragão que vigiava a princesa Rapunzel em uma torre, derrotá-lo e salvar a princesa, casando-se com ela e vivendo felizes para sempre. Entretanto, não é isso o que ocorre na tira em estudo. Pela imagem – um dragão com véu, buquê de noiva e vários corações ao redor indicando paixão; a cabeça de uma princesa pendurada nas mãos do cavaleiro; o olhar assustado do cavaleiro e a expressão facial de fúria do rei -, é possível perceber que o cavaleiro português fez o contrário do que se esperava – matou a princesa e casou-se com o dragão. Essa quebra de expectativa provocará o efeito de humor da tira e reforçará o estereótipo de português: pessoa burra.

Assim, é possível chegar ao seguinte DSD:

<p>(G)</p> <p>idiota portuguêsSir Manoel burrice ... matar a princesa e casar com o dragão</p> <hr style="width: 80%; margin: 10px auto;"/> <p style="text-align: center;">matar o dragão e casar com a princesa ... inteligência</p>

O DSD (G) constitui o sentido de “Sir Manoel”, associando-o às características de “idiota” e “burro”, o que reforça o memorável de que “português é burro”, pois abre a latência de futuro, já que Sir Manoel é um português nesse acontecimento.

Sobre o humor desta tira, os autores do livro didático explicam:

Comparando a frase do rei com o texto não verbal, percebe-se que **o efeito de humor** é construído por uma inversão na combinação entre os verbos e seus complementos (“casar com a princesa” e “matar o dragão”). (CEREJA & MAGALHÃES, 2013, p. 29. Grifos nossos)

Ora, apesar de os autores trazerem a explicação para o “efeito de humor” da tira, o que se nota é que mais uma vez a explicação para o “efeito de humor” ocorrerá pela ótica da gramática normativa – “inversão na combinação entre os verbos e seus complementos (“casar com a princesa” e “matar o dragão”) – e isso esvazia o conceito de efeito de humor, pois a tira neste livro didático é utilizada apenas para ilustrar um assunto gramatical.

Nesse recorte, instaura-se o conflito na atitude contraditória do cavaleiro português. Nesse acontecimento, *Sir Manoel* – o cavaleiro português – aparece incluído enquanto cavaleiro, pois teve que executar uma ordem do rei: “matar o dragão e casar com a princesa”. Entretanto, *Sir Manoel* é excluído no momento que executa a missão, mas de forma contrária: “matou a princesa e casou-se com o dragão”. Essa atitude atribui ao personagem Sir Manoel um sentido de burro, reforçando o estereótipo que “português é burro” já que o cavaleiro é um português. Nesse caso, Sir Manoel é excluído do grupo dos cavaleiros inteligentes, ou melhor, dos cavaleiros heróis, pois falhou em sua missão de salvar a princesa.

A ausência de uma discussão acerca da existência do estereótipo “português é burro”, na tira cômica, associada ao fato de o livro didático “desviar” a atenção da interpretação da tira para a análise gramatical, mais uma vez, impedem o desenvolvimento pleno do indivíduo, o desenvolvimento do senso crítico, e, dessa forma, reforça o preconceito contra o português, tratando-o sempre como burro.

(Recorte 07)

A tira abaixo aparece na página 51 do livro didático, no capítulo que trata do assunto “Adjetivo”.

Quadro 14 – Recorte 07

Leia a tira:



1. No 1º quadrinho, Zezé pede à irmã que o ajude a encontrar o livro da biblioteca. O que a resposta de Zoé permite ao leitor concluir sobre o comportamento do irmão? *Que ele sempre perde o livro, visto que ela usa a expressão “de novo”.*
2. Observe a fala de Zoé no 2º quadrinho:

“Vou te ajudar a achar seu estúpido livro da biblioteca!”

- a) *A que termo da frase se refere o adjetivo **estúpido**? Livro.*
 - b) *Por que Zezé se ofende com a fala da irmã? Porque ele percebe que ela trata o livro com descaso ao utilizar esse adjetivo, de cunho pejorativo.*
3. *Diante da reclamação de Zezé, Zoé se desculpa e reformula sua frase. Observe a fala de Zoé no 4º quadrinho:*

“Vou te ajudar a achar seu livro da biblioteca, estúpido!”

- a) *A quem se refere o adjetivo **estúpido**, nesse caso? À pessoa com quem ela fala, que é o próprio irmão, Zezé. Trata-se de um vocativo.*
- b) *Zezé não reclama mais da fala da irmã. Levante hipóteses: por que Zezé reage dessa forma e como seu comportamento contribui para a construção de humor na tira? Professor: Sugerimos abrir discussão com a classe, pois há mais de uma possibilidade de resposta. Sugestões: Por ser pequeno, Zezé não percebe o novo sentido criado pela mudança de lugar do adjetivo da frase. Como o vocativo aparece isolado e não se refere a nenhum termo específico do interior da frase, ele não entende o que a irmã diz, e essa falta de compreensão do irmão pequeno, que acha “melhor” a nova construção, cria o humor da tira. Outra possibilidade: Zezé supervaloriza o livro e, mesmo sendo chamado de estúpido (mas no fundo sabendo que não é), prefere essa forma à anterior.*

Fonte: CEREJA; MAGALHÃES, 2013, v. 2, p. 51.

Na tira, aparecem duas crianças – um menino e uma menina – aparentemente dentro do quarto da menina já que a parede ao fundo da imagem possui desenhos de corações e listras rosas e isso traz o memorável que “rosa” é cor de menina.

Há um diálogo entre as duas crianças que, nesse acontecimento, recebem os nomes de Zoé (a menina) e Zezé (o menino). Zoé aparece aí reescriturada por “irmã” e de forma elíptica por “pode, vou” e Zezé por “me, te, seu, estúpido, irmão”. Considerando-se que a reescrituração atribui algo ao reescriturado, através das palavras “irmão” e “irmã”, pode-se dizer que o diálogo e, posteriormente, a discussão ocorrem em uma relação fraterna, comum entre irmãos, principalmente entre crianças que aparentam ter quase a mesma idade devido ao tamanho que cada um tem na tira.

Observe os enunciados a seguir:

(25) Vou te ajudar a achar seu *estúpido livro da biblioteca*.

(26) Vou te ajudar a achar seu *livro da biblioteca, estúpido!*

Em (25), *Zezé* aparece articulado a “estúpido livro da biblioteca”. Essa articulação traz o sentido de que livro é algo negativo, desnecessário e sem importância. Isso traz o memorável que, numa sociedade capitalista, o dinheiro é mais valorizado que a cultura. Para se chegar a esta conclusão, considerou-se que “livro”, nesse acontecimento, simboliza o conhecimento, ter cultura. Pôde-se dizer isso, pois o referido livro é de uma biblioteca, ou seja, não foi necessário gastar dinheiro para ter acesso ao seu conteúdo. Sobre o enunciado (25), a questão 2b trará o questionamento: “*Por que Zezé se ofende com a fala da irmã?*” Para esta pergunta, o livro didático sugere a seguinte resposta: “*Porque ele percebe que ela trata o livro com descaso ao utilizar esse adjetivo, de cunho pejorativo.*” Esse par pergunta/resposta reforça o sentido trazido pelo memorável de que a cultura é pouco valorizada. Pôde-se chegar a esta conclusão uma vez que a resposta proposta pelo livro didático articula *livro* a “descaso” e “cunho pejorativo”; e *Zezé* aparece articulado a “se ofende” e essa articulação atribui o sentido de que *Zezé* é intelectual, pois valoriza o conhecimento.

Em (26), *Zezé* aparece articulado a “livro da biblioteca” e a “estúpido”. Nesse enunciado, o livro deixa de ter um sentido depreciativo como em (25), mas ainda não é visto como algo valorizado, pois é somente “mais um” ou “qualquer um” livro da biblioteca. Aqui, *Zezé* é que aparece articulado a “estúpido”. Nesse momento, essa palavra atribui a *Zezé* o sentido de “pessoa grossa, ignorante” que, considerando o 2º quadrinho da tira, pode ser reforçado através da imagem do menino que aparece de boca aberta (indicando grito) e de olhos arregalados (irritação), além da palavra “**Ei!**”, em caixa alta e em negrito, que na tira representa fala alta e grito.

Notou-se, nesse acontecimento, que “estúpido” possui mais de um sentido e isso contribuirá para a construção do humor da tira. No enunciado (25), “estúpido” refere-se ao livro e este é visto com sentido depreciativo; já em (26), “estúpido” refere-se ao menino e este é visto como uma pessoa ignorante, bruta. O efeito de humor dessa tira se dará justamente na mudança de sentido provocada pela mudança de posição da palavra “estúpido” nos 2º e 4º quadrinhos da tira.

Assim, pôde-se chegar aos seguintes DSDs:

(I)

Zezé | estúpido | comportamento de Zezé | valorização do conhecimento

(J)

livro da biblioteca estúpido | desvalorização da cultura | Zoé

No DSD (I), observa-se que o comportamento de Zezé (estúpido) constrói o sentido de que ele valoriza a cultura e, por conta disso, não admite a desvalorização do livro que, nesse acontecimento, aparece como instrumento de acesso ao conhecimento. Já no DSD (J), Zoé, ao considerar o livro da biblioteca estúpido, aparenta um descaso à cultura e isso traz o memorável de que, numa sociedade capitalista, dinheiro e bens materiais são mais valorizados do que a cultura.

É interessante notar aqui também que o (ter) conhecimento está associado ao homem e a desvalorização da cultura está associada à mulher. Isso reforça o estereótipo que homens e mulheres são diferentes; diferença esta que atribui ao homem a característica da inteligência e à mulher, a futilidade. Pode-se observar isso na tira: a menina aparece penteando o cabelo de uma boneca enquanto o menino está à procura de um livro. A escolha desta tira, embora não seja o propósito da atividade, acaba reforçando a diferença entre homem/mulher, tratando um como sendo superior ao outro e, por se tratar de um exercício de um livro didático, isso pode ser compreendido pelos alunos como natural. Esse conflito existente entre *homem x mulher*, *valores materiais x valores culturais* configura o político da linguagem, nesse acontecimento, já que inclui *homem e mulher* ao grupo de pessoas, mas exclui a *mulher* do grupo de pessoas inteligentes; pessoas que têm cultura.

Sobre a construção do humor da tira, a questão 3b do livro didático traz o seguinte questionamento: “*Zezé não reclama mais da fala da irmã. Levante hipóteses: por que Zezé reage dessa forma e como seu comportamento contribui para a construção de humor na tira?*” A sugestão para responder a esta pergunta é a seguinte:

Professor: Sugerimos abrir discussão com a classe, pois há mais de uma possibilidade de resposta. Sugestões: Por ser pequeno, Zezé não percebe o **novo sentido criado pela mudança de lugar do adjetivo da frase**. Como o vocativo aparece isolado e não se refere a nenhum termo específico do interior da frase, ele não entende o que a irmã diz, e essa falta de compreensão do irmão pequeno, que acha “melhor” a nova construção, **cria o humor da tira**. Outra possibilidade: Zezé supervaloriza o livro e, mesmo sendo chamado de estúpido (mas no fundo sabendo que não é), prefere essa forma à anterior. (CEREJA & MAGALHÃES, 2013, p. 51. Grifos nossos)

Pôde-se perceber aí que a explicação que os autores do livro didático dão para a construção do humor da tira, além de reforçar a existência de duas possibilidades de resposta – “há mais de uma possibilidade de resposta” e “outra possibilidade” – associa *sentido* a noções gramaticais, nesse caso, a “mudança de lugar do adjetivo na frase”. Apesar disso, nesse acontecimento, a tira não foi tratada como “mera ilustração” para se trabalhar com a gramática normativa; houve aí, ainda que associada ao conteúdo “adjetivo”, questões voltadas para a interpretação de texto. Isso pode ter ocorrido, possivelmente, porque a tira encontra-se em uma seção do livro intitulada como “Semântica e Discurso” e, partindo-se disso, compreende-se que a atividade tem por objetivo tratar do sentido produzido pelo adjetivo em uso e do discurso veiculado no texto, nesse exemplo, na tira.

3.1.3 Discussões

Pôde-se perceber nesta subseção que o humor ocupa um lugar secundário, atuando na maior parte das vezes como figurante, dentro deste livro didático. Tanto na parte que trata de piadas quanto na parte das tiras, o que se pôde notar é que os textos humorísticos são utilizados para ilustrar exercícios ou assuntos gramaticais, havendo pouco interesse em explorar os aspectos que constroem o sentido e o humor do texto. Isso é mais facilmente notado nas piadas, pois, como foi citado durante a análise das mesmas, neste livro há apenas três piadas e todas foram empregadas com o intuito de aferir ou ilustrar conhecimentos gramaticais. Quanto às tiras, embora também tenham sido utilizadas com o propósito de se trabalhar gramática, percebeu-se aí que há questões voltadas para o humor do texto, mas estas são em menor quantidade e, quando exploradas, ainda estão associadas a questões gramaticais.

Apesar disso, notou-se através das análises feitas nesta subseção que tanto as piadas quanto as tiras trazem estereótipos que, como não são trabalhados dentro do livro didático, podem reforçar e disseminar preconceitos visto que se não há uma discussão acerca da existência deles, serão compreendidos pelos estudantes como se isso fosse natural, correto. Essa constatação vai de encontro ao Guia dos Livros Didáticos PNLD 2015, segundo o qual, os livros didáticos aprovados pelo MEC respeitam a diversidade, não havendo qualquer tipo de preconceito. O livro “Português: Linguagens”, de CEREJA & MAGALHÃES, foi aprovado pelo MEC, logo, não deveria propagar preconceitos, mas, como se pôde ver nas análises até aqui feitas, a ratificação de preconceitos ocorre a todo momento, e isso se dá em decorrência do uso do texto como pretexto para estudos gramaticais e da ausência de uma

análise crítica que promova a discussão e reflexão acerca dos assuntos abordados nos textos humorísticos, o que, se ocorresse, promoveria uma formação crítica e plena do indivíduo, prevista pela LDB e pelos PCNEM.

Considerando-se que o livro didático é um espaço de enunciação e, enquanto tal, é marcado pelo conflito já que a língua é atravessada pelo político, segundo afirma Guimarães (2002), o aluno é incluído ao “dever” responder a atividade proposta pelo livro didático, mas é excluído por “não saber interpretar” o texto humorístico e/ou “não poder” responder a atividade criticamente já que o livro limita as respostas, induzindo o aluno para “a única resposta correta”. Isso mostra que, apesar dos esforços em se criar “Parâmetros” para nortear a elaboração dos componentes curriculares da Educação Básica, o ensino continua o mesmo, pois, como se viu nas análises, o texto é utilizado apenas como pretexto para o estudo gramatical, ou seja, a utilização do texto no exercício do livro didático é dispensável já que só se vai observar “palavras” e “frases” soltas, sob a ótica da Gramática Normativa.

Como a questão que norteia este trabalho é investigar se os estereótipos presentes em piadas e tiras cômicas, presentes no livro didático de Língua Portuguesa, propagam preconceitos ou retratam uma imagem lúdica dos sujeitos, pelos recortes analisados no livro “Português: Linguagens”, de CEREJA & MAGALHÃES, pôde-se observar que o humor só está presente neste livro por se considerar piadas e tiras cômicas como textos humorísticos. Apesar de Travaglia (1990) considerar o humor como uma “arma de denúncia” e uma forma de “revelar e de flagrar outras possibilidades de visão de mundo”, o que se pôde notar é que não há um espaço dedicado, no livro didático, para explorar e analisar as diversas “revelações” e/ou “denúncias” feitas nas piadas e nas tiras cômicas. Nem mesmo o “fazer rir”, característica primeira dos textos humorísticos, é de interesse, nesses recortes, deste livro didático.

A ausência de um estudo aprofundado destes textos, considerando-se o que gera o efeito de humor, como se constituem os sentidos e os estereótipos nesses acontecimentos, não só “castra” o desenvolvimento pleno do indivíduo, limitando o conhecimento linguístico às normas da Gramática Normativa, como também acaba propagando os preconceitos presentes nesses textos.

3.2 “Novas Palavras”

O livro “Novas Palavras”, utilizado nesta subseção da pesquisa, produzido pelos autores Emília Amaral²⁴, Mauro Ferreira²⁵, Ricardo Leite²⁶ e Severino Antônio²⁷ foi publicado em 2013 pela FTD e pertence ao Material de Divulgação da Editora FTD do PNLD 2015 Ensino Médio. Ao lado do livro “Português: Contexto, Interlocução e Sentido”, das autoras Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, foi o segundo livro mais adotado durante o PNLD 2015 por escolas públicas do NTE 11, no oeste da Bahia, e o segundo mais adotado nacionalmente, com um total de 1.548.498 de livros distribuídos. A seguir, serão analisadas quatro piadas e quatro tiras cômicas.

3.2.1 Piadas

(Recorte 08)

A piada a seguir aparece em uma atividade da página 300 do capítulo que trata dos “Termos associados a nomes”:

Quadro 15 – Recorte 08

Leia esta piadinha:

Um homem entra meio cambaleante num consultório médico e diz para a recepcionista:

- Eu quero ser consultado pelo médico.

A moça nota que o homem está embriagado e diz rispidamente:

²⁴Emília Amaral é Doutora em Educação e Mestre em Letras (área: Teoria Literária) pela Universidade de Campinas (UNICAMP). Professora do Ensino Médio e do Ensino Superior e consultora nas áreas de literatura, leitura e produção de textos há mais de 20 anos. (Estas informações estão disponíveis no próprio livro).

²⁵Mauro Ferreira do Patrocínio tem especialização em Metodologia de Ensino pela UNICAMP. Professor do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e de cursos pré-vestibulares durante 22 anos. Dedicou-se à realização de palestras para professores e à criação de obras didáticas. (Estas informações estão disponíveis no próprio livro).

²⁶Ricardo Silva Leite é Mestre em Letras (área: Teoria Literária) pela UNICAMP. Professor do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e de cursos pré-vestibulares há mais de 30 anos. (Estas informações estão disponíveis no próprio livro).

²⁷ Severino Antônio Moreira Barbosa é Doutor em Educação (área: Filosofia e História da Educação) pela UNICAMP. Professor do Ensino Médio e do Ensino Superior há 40 anos e autor de vários livros. (Estas informações estão disponíveis no próprio livro).

- O doutor não atende bêbado!

- Tuuuuuudo bem – diz o homem, sentando-se em uma poltrona. – Eu... eu... (hic!)
espero ele melhorar...

(Texto de domínio público)

- a) O que a recepcionista quis dizer ao afirmar “O doutor não atende bêbado!”? *Ela quis dizer que o médico se recusava a atender pessoas embriagadas.*
- b) Como o homem interpretou a fala da moça? *Ele supôs que o médico, por estar bêbado, não poderia atendê-lo naquele momento.*
- c) A palavra “bêbado” tem, na fala da moça e na interpretação do homem, a mesma função sintática? *Justifique. Não. Na fala da moça, “bêbado” é objeto direto (completa o sentido do verbo “atender”). O homem interpreta “bêbado” como uma característica circunstancial (momentânea) do médico; nesse sentido, o termo funciona como predicativo do sujeito.*

Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v.2, p. 300.

A piada acima, tratada pelos autores do livro didático como “piadinha”, possivelmente por tratar de forma leve e lúdica os sujeitos, traz três personagens: o *homem*, a *recepcionista* e o *médico*. Nesse acontecimento, *homem* aparece reescriturado por “eu” e de forma elíptica em “diz”; *recepcionista* é reescriturada por “moça” e de forma elíptica em “diz”; e *médico* aparece reescriturado por “doutor, ele”. É importante notar que tanto “homem” quanto “recepcionista” aparecem reescriturados de forma elíptica por “diz”. Isso mostra que um e outro estão dialogando e, nesse diálogo, falam sobre o médico já que este aparece reescriturado por “ele”, referindo-se à terceira pessoa do discurso (aquela de quem se fala).

Nessa piada, a construção do sentido e do humor do texto dependerá, entre outras coisas, das articulações estabelecidas com os nomes “homem”, “recepcionista” e “médico”. Observe os enunciados a seguir:

(27) Um homem *entremeio cambaleante* num consultório médico [...].

(28) A moça nota que o homem está *embriagado* e diz *rispidamente*.

Em (27), *homem* aparece articulado a “meio cambaleante” e, em (28), a “embriagado”. Nesse acontecimento, “meio cambaleante” e “embriagado” atribuem à palavra “homem” o significado de “bêbado”. Já em (28), nota-se ainda que *moça* aparece articulada a

“rispidamente”, isso traz o sentido de que a recepcionista agiu com rispidez, grosseria, porque o homem estava bêbado e bêbado traz o memorável de “chatice, inconveniência”.

Observe agora estes enunciados:

(29) O doutor *não atende bêbado!*

(30) Eu... eu... (hic!) espero ele *melhorar...*

Em (29), *doutor* aparece articulado a “não atende bêbado”. Nesse enunciado, é possível compreender que o doutor (sóbrio) não atende pessoas em estado de embriaguez. Já em (30), *doutor* aparece articulado a “melhorar”. Nesse momento, ocorre o efeito de humor. Isso se dá porque há uma quebra de expectativa, uma ambiguidade de sentidos no emprego do termo “bêbado”. Ao utilizar a palavra “bêbado”, a recepcionista estava se referindo ao estado de embriaguez que se encontrava o (possível) paciente; já o homem (paciente) compreende que o médico é quem estava embriagado e, portanto, não poderia atendê-lo naquele momento. Essa postura do homem reforça o sentido que bêbado é chato e, nesse caso, inconveniente, já que mesmo sendo tratado com rispidez pela moça, ainda assim decide contrariá-la “sentando-se em uma poltrona” à espera do médico.

Desse modo, é possível chegar ao seguinte DSD:

(K)sentando-se em uma poltrona	chato	bêbado	meio cambaleante/embriagado
⊥			
homem			

No DSD (K), é possível perceber que o sentido de “homem” constitui-se, nesse acontecimento, por “bêbado” e “chato”. Entretanto, nessa piada, a chatice e a inconveniência do bêbado provocarão humor e isso torna o bêbado engraçado, suavizando a atitude e a visão que a sociedade tem acerca deste indivíduo. Possivelmente, por conta disso, os autores deste livro didático tenham designado²⁸ este texto por “piadinha”, trazendo um sentido leve e afetuoso.

²⁸Adotou-se aqui o conceito de designação desenvolvido por Guimarães (2002) que considera “A designação é o que se poderia chamar de significação de um nome [...]. Seria a significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, mas enquanto uma relação linguística (simbólica) remetido ao real, exposta ao real, ou seja, *enquanto uma relação tomada na história*”. (GUIMARÃES, 2002, p.9. Grifos nossos.)

Neste livro didático, a piada foi utilizada, aparentemente, com a finalidade de se interpretar texto. Pode-se observar isso nas questões 3a (*O que a recepcionista quis dizer ao afirmar “O doutor não atende bêbado!”?*) e 3b (*Como o homem interpretou a fala da moça?*). Em 3a e 3b, o que se nota é que – apesar de não se utilizar o termo “ambiguidade” – há a preocupação em se interpretar o duplo sentido do enunciado “O doutor não atende bêbado!”. No entanto, a interpretação do(s) sentido(s) do texto se encerra aí; não se explora a construção ou o efeito de humor provocado por esta ambiguidade.

Isso será reforçado na questão 3c (*A palavra “bêbado” tem, na fala da moça e na interpretação do homem, a mesma função sintática? Justifique.*). Aqui o que se nota mais uma vez é que a piada foi utilizada com o propósito de aferir a compreensão de assuntos gramaticais, no caso em questão, do objeto direto e do predicativo do sujeito. O que deveria ser uma “interpretação” acerca da ambiguidade da palavra “bêbado”, que provoca o efeito humorístico do texto, tornou-se um exercício de análise sintática já que a resposta sugerida pelos autores do livro didático diz: *“Não. Na fala da moça, “bêbado” é **objeto direto** (completa o sentido do verbo “atender”). O homem interpreta “bêbado” como uma característica circunstancial (momentânea) do médico; nesse sentido, o termo funciona como **predicativo do sujeito.**”*

Apesar disso, a utilização da piada neste livro didático se difere do livro didático analisado nesta pesquisa na subseção 3.1 visto que traz, ainda que superficialmente, questões de interpretação de texto tentando unir “sentido e gramática”. Além disso, tratar o texto por “piadinha” sugere que os autores deste livro consideram que a piada trata de forma lúdica os sujeitos nela retratados, demonstrando, pois, uma *certa intencionalidade* ao se utilizar este texto e não outro. Compreende-se, por esta atitude, que os autores deste livro reconhecem que as piadas podem trazer estereótipos, podendo propagar preconceitos, mas ao tratar o texto selecionado por “piadinha”, nota-se que se pretende, através da construção do humor, “suavizar” a imagem do bêbado, tratando-o de forma lúdica. Entretanto, isso não impede a propagação de preconceitos já que não é possível controlar os sentidos.

Nesse recorte, o político instaura uma contradição ao incluir os personagens – “bêbado” e “médico” – ao grupo de *homens*, mas excluir “bêbado” do grupo de “homem de respeito” já que é chato e inconveniente. Essa contradição define quem pode e deve ser respeitado e, nesse acontecimento, tratar o bêbado “rispidamente” reforça esta divisão – *homem sóbrio (merece respeito) x homem bêbado (não merece respeito)* – determinando quem pode (ou não) assumir a posição de paciente em um consultório médico.

(Recorte 09)

A piada a seguir aparece em um exercício da página 292, no capítulo intitulado “Sintaxe da oração”:

Quadro 16 – Recorte 09

Leia esta narrativa, uma piada citada por Sigmund Freud, o pai da psicanálise:

Um conhecido especulador da bolsa, também banqueiro, caminhava com um amigo na principal avenida de Viena. Quando passaram por um café, disse:

- Vamos entrar e tomar alguma coisa?

Seu amigo o conteve:

- Mas, HerHofrat, o lugar está cheio de gente!

(POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. P.30.)

- a) *Para achar graça dessa piada, o leitor precisa estabelecer adequadamente as diferentes relações de transitividade e de sentido de um dos verbos no diálogo. Identifique esse verbo e explique essas relações. O verbo é “tomar”. O primeiro falante, o banqueiro, emprega esse verbo como **transitivo direto** e com o sentido de “beber, ingerir” (Ex: tomar um café); o segundo falante, o amigo do banqueiro, “interpreta” esse verbo como **transitivo direto e indireto**, significando “tirar, apossar-se” (tomar alguma coisa de alguém).*
- b) *O que essa piada dá a entender a respeito de determinados banqueiros? A piada é uma crítica ao comportamento de certos banqueiros, pois sugere que eles vivem tentando tomar os bens (dinheiro) das demais pessoas, isto é, dedicam-se exclusivamente a apossar-se do que não é deles.*

Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v.2, p. 292.

A piada acima ocorre “na principal avenida de Viena” e envolve dois personagens: o *especulador da bolsa* e um *amigo*. O *especulador da bolsa* aparece reescriturado por “banqueiro, o, HerHofrat” e de forma elíptica em “disse”; já *amigo* aparece reescriturado por “seu amigo”. É interessante notar que ao reescriturar *especulador da bolsa* por “banqueiro”, *banqueiro* aparece acompanhado por “também”. Este termo acrescenta ao nome “especulador

da bolsa” um atributo – *banqueiro* – que contribuirá para a construção do estereótipo e do humor do texto. *Especulador da bolsa* e *amigo* aparecem reescriturados de forma elíptica em “passaram, vamos”. Nesse caso, a reescrituração traz o sentido de que ambos *estão e agem* juntos nesse acontecimento.

Sabendo-se isso, observe o enunciado a seguir:

(31) Vamos entrar e *tomar alguma coisa*?

Em (31), *especulador da bolsa* e *amigo* aparecem articulados a “tomar alguma coisa”. A compreensão deste enunciado, que se encontra ambíguo, associado ao final inusitado é o que provocará humor no texto.

Ao dizer “tomar alguma coisa”, o *especulador da bolsa* quis dizer “beber algo”. É possível chegar a esta conclusão, pois, antes da fala deste personagem aparece o enunciado “Quando passaram por um café” e, por isso, pode-se compreender que “tomar” se refere a bebida. Já o *amigo* compreendeu “tomar alguma coisa” como “roubar algo de alguém”. Só é possível chegar a esta conclusão, pois *amigo* aparece articulado a “o conteve”, o que prova que era contrário à atitude proposta pelo outro, e também através da fala final do texto “Mas, HerHofrat, o lugar está cheio de gente!”. Aqui, há uma quebra de expectativa, a revelação de que HerHofrat queria “tomar”, no sentido de roubar alguém, e como o lugar estava cheio de gente, ele seria surpreendido, descoberto. Nesse momento é que se observa o estereótipo presente na piada.

Para se entender o duplo sentido ocasionado pela palavra “tomar” nesse acontecimento, é necessário também saber da existência do estereótipo que “banqueiro é ladrão”. E, como se viu logo no início do texto, HerHofrat aparece articulado à figura do banqueiro, ganhando destaque esta informação por conta do uso da palavra “também”, conforme foi visto anteriormente.

Assim, é possível chegar ao seguinte DSD:

(L)
tomar alguma coisa ladrão banqueiro

No DSD (L), pôde-se observar que “tomar alguma coisa” só determina ladrão, porque quem enuncia isso é um banqueiro e, em piadas veiculadas no Brasil, “banqueiro” possui o estereótipo de ladrão, pessoa que tenta se apropriar do que é de outras pessoas através das transações bancárias (abusivas).

Neste exercício, notou-se mais uma vez que os autores deste livro didático tentaram unir interpretação do texto com compreensão gramatical. Isso pode ser percebido na questão “a”. Como se vê, a questão do humor – “*Para achar graça dessa piada*” – está associada a compreender a *transitividade* e o *sentido* dos verbos. Nesse exemplo, também não se utiliza o termo “ambiguidade”. Apesar disso, a questão “a”, na resposta sugerida pelos autores do referido livro, trazem a explicação para o duplo sentido da palavra “tomar”: “*O **primeiro falante**, o banqueiro, emprega esse verbo como **transitivo direto** e com o sentido de “beber, ingerir” (Ex: tomar um café); o **segundo falante**, o amigo do banqueiro, “interpreta” esse verbo como **transitivo direto e indireto**, significando “tirar, apossar-se” (tomar alguma coisa de alguém).*”

Ao questionar, na questão “b”, “*O que essa piada dá a entender a respeito de determinados banqueiros?*”, nota-se ainda que há a preocupação dos autores em se observar o estereótipo (embora este nome não seja citado na atividade) presente na piada. Diferentemente do que ocorreu nas análises feitas na primeira subseção, neste livro, a resposta sugerida para a questão “b” – “*A piada é uma crítica ao comportamento de certos banqueiros, pois sugere que eles vivem tentando tomar os bens (dinheiro) das demais pessoas, isto é, dedicam-se exclusivamente a apossar-se do que não é deles.*” – traz a questão do estereótipo do banqueiro, aqui, tratando como “crítica ao comportamento de certos banqueiros”. Há uma tentativa de se analisar a imagem propagada sobre o banqueiro nesta piada e, através da palavra “certos”, que funciona como determinante de “banqueiro” neste enunciado, diferenciar *banqueiro* (ladrão) de *banqueiro* (honesto). Isso, nesse acontecimento, funciona como uma reflexão acerca do estereótipo do banqueiro presente em piadas brasileiras, reflexão esta que tenta diminuir os efeitos provocados pela presença de estereótipos em piadas já que há uma visão crítica acerca disso.

Outro aspecto importante de se ressaltar aqui é que na questão acima, *piada* aparece reescriturada por “esta narrativa”. Por isso, é possível entender que, como nesta piada há a presença de um estereótipo que traz uma imagem negativa de um sujeito (banqueiro ladrão), os autores deste livro preferiram chamá-la por “esta narrativa”. Esta forma de designar piada, possivelmente, seja uma forma de diferenciar uma piada que traz uma imagem lúdica do

sujeito (como foi o caso da “piadinha” do bêbado) da “narrativa” que traz estereótipo, uma imagem preconceituosa do ser (banqueiro).

Nesse recorte, estabelece-se o conflito entre *banqueiros honestos x banqueiros desonestos*, que determina o sentido de banqueiro (ladrão) dentro de piadas. Nesse acontecimento, Her Hofrat é incluído enquanto banqueiro, mas excluído daqueles que são honestos. Esta divisão aparece com maior evidência na questão (b) do exercício que traz as palavras “determinados” e “certos” para se referir a banqueiros, diferenciando-os e colocando-os em posições diferentes nesse acontecimento, mas, ao mesmo tempo, incluindo-os enquanto banqueiros.

(Recorte 10)

A piada a seguir aparece em um exercício na página 188, no capítulo que estuda pronome:

Quadro 17 – Recorte 10

3. Leia esta história humorística.

Adolfo e Berenice foram amantes quase a vida inteira. Fazia mais de trinta anos que estavam amigos. Estão os dois de noite assistindo televisão quando em uma cena de novela aparece uma cerimônia de casamento: noiva, padrinho, marcha nupcial etc. Emocionada, ela olha para Adolfo e diz:

- Olha, meu amor! Que coisa linda que é o casamento... Puxa vida, bem que a gente podia se casar, né?

- Xi... nestas alturas da vida, quem é que vai querer a gente?

ILARI, Rodolfo. Introdução à semântica: brincando com a gramática. São Paulo: Contexto, 2004.

Identifique, na fala de Berenice, o elemento textual que possibilita a criação do humor do diálogo. Justifique sua resposta. Pronome se. Berenice atribui ao pronome se o sentido de reciprocidade, propondo que ela e Adolfo se casassem um com o outro; Adolfo, intencionalmente ou não, interpreta o se apenas como reflexivo, dando a entender que a mulher estava sugerindo que cada um deles casasse com outra pessoa.

A piada acima, tratada pelos autores do livro didático como “história humorística”, traz dois personagens: *Adolfo* e *Berenice*. *Adolfo* aparece reescriturado por “amor”, e isso traz um sentido de afetividade e carinho por parte da mulher, e *Berenice* aparece reescriturada por “ela” e de forma elíptica em “diz”. Percebe-se, ainda, que *Adolfo e Berenice* aparecem reescriturados por “os dois, a gente, se” e de forma elíptica em “estavam”. Essas reescriturações trazem o sentido que Adolfo e Berenice formam um casal.

As relações semânticas estabelecidas com Adolfo e Berenice constituirão o sentido de “casal” nesse acontecimento. Observe os enunciados a seguir:

(32) Adolfo e Berenice foram *amantes* quase a vida inteira.

(33) Fazia mais de trinta anos que estavam *amigados*.

Em (32), Adolfo e Berenice aparecem articulados a “amantes” e, em (33), a “amigados”. Essas articulações atribuem um sentido negativo, depreciativo ao relacionamento existente entre Adolfo e Berenice, já que ser “amante” / “amigado” foge às convenções sociais; os termos “amantes” e “amigados” trazem o memorável que relacionamento amoroso entre homem/mulher só é legítimo se houver casamento. Esse sentido é reforçado na fala da Berenice:

(34) Puxa vida, bem que a gente podia se casar, né?

Em (34), pode-se perceber o quão legítimo e importante é a convenção social – casamento –, pois a mulher, mesmo tendo vivido “quase a vida inteira” (32) e “mais de trinta anos” (33) com o homem, ainda assim deseja casar-se (oficialmente) com ele. Utilizou-se aqui o termo “oficialmente”, porque a piada traz “uma cena de novela aparece uma cerimônia de casamento: noiva, padrinho, marcha nupcial etc.” e isso traz o memorável do casamento tradicional e da mulher romântica, que sonha em casar-se com o homem amado, típico das histórias de amor, dos contos de fada que têm sempre um “E viveram felizes para sempre”. Observa-se, ainda, que *Berenice* aparece articulada a “emocionada” e isso reforça o estereótipo de que mulher é romântica e sonha em casar-se com o homem amado (“meu amor”).

Entretanto, será a interpretação do enunciado (34) que contribuirá para a construção do humor desta piada, visto que foi empregado com um sentido pela mulher (ela e Adolfo deveriam oficializar o relacionamento que tinham há mais de trinta anos, casando-se) e

compreendido de outra forma pelo homem (cada um deveria procurar outra pessoa para casar-se). O efeito de humor se dará justamente na fala do homem “Xi... nestas alturas da vida, quem é que vai querer a gente?” que traz um duplo memorável: “homem não se importa com convenções sociais” e “há mulher para casar e há mulher para se divertir, ser amante”.

É possível, então, chegar ao seguinte DSD:

(L)	emocionada		ser romântica		querer casar-se		mulher
<hr/>							
	querer casar-se / não é digna de casar-se		amante		mulher		

No DSD (L), “mulher” aparece dividida em “mulher romântica que nasceu para casar” e “mulher amante que deseja casar, mas não é considerada digna para isso”. Nesse acontecimento, Berenice aparece incluída enquanto mulher, mas excluída no momento em que é uma mulher que serve para ser amante, mas não para casar.

Rir da fala do homem pode significar concordar com o que está por trás disso ou reconhecer que a piada traz um reflexo do que pensa a sociedade. Isso reafirma o estereótipo de “mulher amante”, mulher desvalorizada. Daí a necessidade de se discutir os estereótipos presentes dentro da piada e dos recursos utilizados para a construção do humor do texto. O que se nota, contudo, no exercício referente a esta piada no livro didático em estudo, é que o exercício limita a interpretação do texto a reconhecer que o pronome “se” é o elemento textual que possibilita a criação do humor do diálogo, pois foi empregado com o sentido de reciprocidade (pela mulher) e como reflexivo (pelo homem).

A atividade não propõe uma discussão acerca dos estereótipos ali presentes, da relação homem/mulher e o quê causa riso nesta piada. A ausência de uma reflexão acerca destes aspectos pode reforçar estereótipos, propagando preconceitos, visto que o livro didático é uma importante ferramenta no processo ensino-aprendizagem, sendo visto, na maioria das vezes, como o detentor da sabedoria.

(Recorte 11)

A piada a seguir aparece em um exercício da página 236, no capítulo do livro intitulado “Verbo (2ª parte)”:

Quadro 18 – Recorte 11

1. *Leia este texto humorístico.*

Numa festa, o secretário do presidente fila um cigarro. O presidente comenta:

- Não sabia que você fumava.

- Eu fumo, mas não trago.

- Pois devia trazer.

POSSENTI, Sírio. Os humores da língua: análises linguísticas de piadas. Campinas: Mercado de Letras, 1998. P.90.

*Em que fato linguístico o leitor precisa se basear para entender o humor desta piadinha? O leitor precisa perceber a coincidência de formas de dois verbos: o secretário usa **trago** como forma do verbo “tragar” (aspirar a fumaça); o presidente “interpreta” (finge entender) **trago** como forma do verbo “trazer”. Jogando com o significado da forma verbal, o presidente censura a atitude do secretário que, em vez de comprar seus próprios cigarros, fica filando dos outros.*

Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v.2, p. 236.

A piada acima, ora chamada de texto humorístico ora de piadinha pelos autores deste livro didático, traz um diálogo entre os personagens: *secretário* e *presidente*. Este aparece reescriturado de forma elíptica em “sabia” e aquele aparece reescriturado por “você, eu” e de forma elíptica em “trago, devia trazer”. As relações semânticas estabelecidas com a palavra “secretário” constituirão o sentido de “secretário” nesse acontecimento e contribuirão para a construção do humor deste texto. Observe o enunciado a seguir:

(35) Numa festa, o secretário **do presidente fila um cigarro**.

Em (35), *secretário* aparece articulado a “do presidente”. Esta articulação delimita o sentido de “secretário”, dividindo os papéis de chefe (presidente) e empregado (secretário do presidente). Por esta articulação, entende-se, a princípio, que o secretário ocupa uma posição inferior ao do presidente, devendo manter uma relação de respeito e de subserviência a ele. Entretanto, em (35), nota-se que *secretário* mantém uma relação semântica com “fila um cigarro”. Nesse acontecimento, “filar um cigarro” traz uma ideia de esperteza, malandragem do secretário, pois ele tenta tirar proveito do que é do outro, trazendo o memorável de que é necessário ser muito esperto para tirar vantagem sobre o outro.

Desse modo, pode-se chegar ao seguinte DSD:

(M) fila um cigarro		esperteza/malandragem		secretário		do presidente
---------------------	--	-----------------------	--	------------	--	---------------

No DSD (M), o sentido de “secretário” é determinado pela esperteza e malandragem, visto que ele tenta levar vantagem sobre outras pessoas, neste caso, mantendo o “seu vício” (fumar cigarro) às custas de outras pessoas. É importante ressaltar que não se trata de qualquer secretário, mas do secretário de um presidente, o que traz ainda o sentido de ser alguém bem remunerado e, portanto, além de esperto, ele ocupa a posição de avaro. Daí a crítica do presidente na última fala do texto: “Pois devia trazer”.

É interessante notar que o efeito de humor desta piada decorre do emprego ambíguo da palavra “trago” dentro do texto e da interpretação deste termo pelo presidente. No enunciado “Eu fumo, mas não trago”, dito pelo secretário do presidente, *trago* possui o sentido de “aspirar fumaça do cigarro”; já quando o presidente diz “Pois devia trazer”, provocando o humor do texto, entende-se que *trago* foi empregado com o sentido de “trazer” e isso revela a crítica ao comportamento adotado pelo secretário do presidente de “filar” o cigarro do outro, agindo com esperteza e malandragem.

Neste livro didático, a piada foi utilizada com o propósito de o leitor identificar o fato linguístico responsável para se entender o humor do texto. Apesar de aparecer no enunciado da questão – “entender o humor dessa piadinha” -, o que se nota, pela resposta proposta pelos autores deste livro didático para esta questão, é que a piada foi utilizada com o pretexto de se aferir conhecimentos gramaticais, neste caso, sobre verbo.

O leitor precisa perceber a coincidência de formas de dois verbos: o secretário usa **trago** como forma do verbo “tragar” (aspirar a fumaça); o presidente “interpreta” (finge entender) **trago** como forma do verbo “trazer”. Jogando com o significado da forma verbal, o presidente censura a atitude do secretário que, em vez de comprar seus próprios cigarros, fica filando dos outros.(AMARAL, 2013, p.236.)

Observa-se que a resposta proposta para a questão do exercício referente à piada pouco explora questões semânticas e humorísticas, não trazendo uma reflexão acerca dos estereótipos e comportamentos presentes dentro da piada em estudo. Há, nesta questão, apenas o enunciado “o presidente censura a atitude do secretário que, em vez de comprar seus próprios cigarros, fica filando dos outros” que, aparentemente, traz uma reflexão acerca do comportamento adotado pelo personagem (secretário). Mas, considerando-se ainda a resposta

sugerida pelos autores deste livro didático, nota-se que este enunciado foi utilizado apenas para se explicar o jogo “com o significado da forma verbal”. Em outras palavras, mais uma vez, a piada foi utilizada como “pano de fundo” para o estudo gramatical, não proporcionando reflexão nem gerando discussão acerca da construção do humor e dos estereótipos presentes dentro do texto, podendo, por conta disso, reforçar estereótipos e propagar preconceitos.

O item a seguir, como foi proposto nos procedimentos metodológicos deste trabalho, discutirá a questão do humor presente em quatro tiras retiradas deste livro didático.

3.2.2 Tiras cômicas

(Recorte 12)

A tira abaixo aparece em um exercício que trata sobre “Pronome (1ª parte)”, presente na página 187 deste livro didático.

Quadro 19 – Recorte 12

2. *Compreender adequadamente um texto depende de nossa capacidade de estabelecer relações coerentes entre o que estamos lendo e outras informações e conhecimentos que fomos acumulando por meio de leituras anteriores e de nossa experiência de vida.*

Considerando esse fato, observe atentamente esta cena e responda aos itens a e b.



a) *Na fala do personagem:*

- *Os pronomes pessoais **a** e [d]ela têm como referente um substantivo que não é citado explicitamente, mas o contexto permite identificá-lo. Qual é esse substantivo? Substantivo “(a) Terra”. (Por que não chama a Terra de “árvore da sabedoria”? Isso*

os afastaria da Terra!)

- *O pronome pessoal os refere-se a quem? Aos seres humanos (habitantes da Terra).*

b) Comente o sentido crítico da fala do personagem. O anjo faz uma crítica irônica aos seres humanos. Ao dizer que, se Deus desse à Terra o nome de “árvore da sabedoria”, os humanos se afastariam dela, o anjo deixa implícito que os humanos não gostam de sabedoria, ou seja, são estúpidos. Assim, Deus estaria protegendo o planeta da destruição provocada pela estupidez humana.

Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v.2, p. 187.

Considerando-se que os sentidos se constituem no acontecimento, de acordo com a Semântica do Acontecimento, faz-se necessário compreender o significado do enunciado: “Compreender adequadamente um texto depende de nossa capacidade de estabelecer relações coerentes entre o que estamos lendo e outras informações e conhecimentos que fomos acumulando por meio de leituras anteriores e de nossa experiência de vida.” Isso porque, nesse acontecimento, ele orientará o aluno a interpretar a tira e a responder a atividade.

No referido enunciado, “compreender adequadamente um texto” aparece numa relação sinonímica a “estabelecer relações coerentes”. Observa-se, ainda, que “estabelecer relações coerentes” aparece articulado a:

(36) o que estamos lendo e outras informações

(37) conhecimentos que fomos acumulando por meio de leituras anteriores e de nossa experiência

Em (36) e (37), pode-se perceber que, para “estabelecer relações coerentes”, o aluno deve estabelecer relações entre o que está lendo e a leituras anteriores e entre o que está lendo e ao seu conhecimento de mundo. Considerando-se isso, pode-se dizer que, neste exercício, “leituras anteriores” mobiliza o conceito de memorável, desenvolvido no interior da Semântica do Acontecimento.

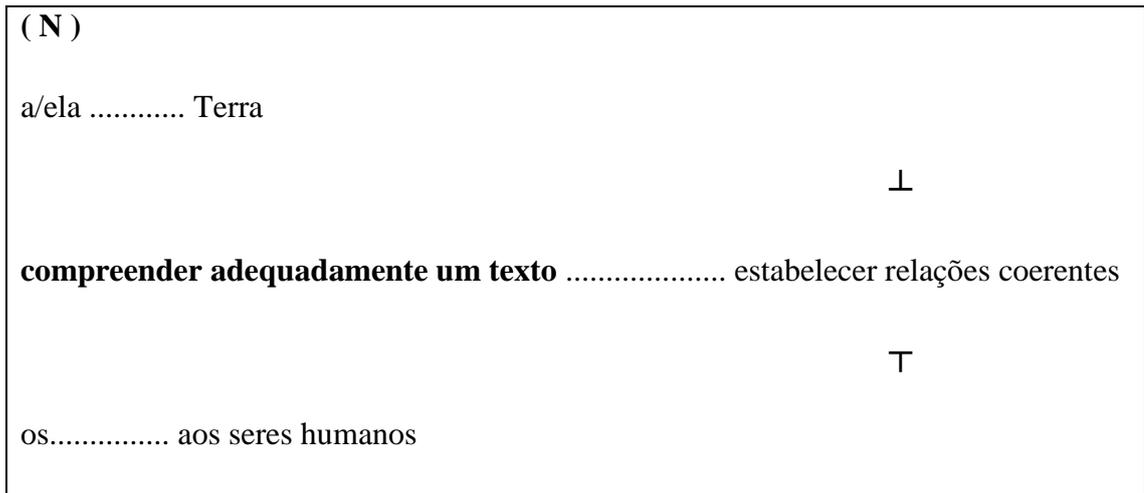
A tira que aparece neste exercício traz a imagem de dois anjos conversando sobre uma nuvem, possivelmente, com Deus. É possível chegar a esta conclusão, pois os três personagens estão olhando para o planeta Terra e um deles, o anjo, questiona a Deus: “Por que não a chama de ‘árvore da sabedoria?’” Esta fala associada à imagem trazem o memorável da “criação do mundo”. Neste caso, ao momento de nomeação do planeta.

O efeito de humor, nesta tira cômica, se dará ao se observar a expressão facial de Deus – que indica surpresa – ao constatar na fala do anjo – “Por que não a chama de ‘árvore da sabedoria’? Isso os afastaria dela!” – que os seres humanos (criados por Ele) são estúpidos, ignorantes. Ao sugerir a Deus nomear o planeta (Terra) de “árvore da sabedoria” com o objetivo de afastar os seres humanos dela, aparece aí o estereótipo que “os seres humanos são ignorantes” uma vez que não se importam em adquirir conhecimento, sabedoria. Esse sentido é reforçado na resposta sugerida para a questão 2b: “O anjo faz uma crítica irônica aos seres humanos. Ao dizer que, se Deus desse à Terra o nome de “árvore da sabedoria”, os humanos se afastariam dela, o anjo deixa implícito que os humanos não gostam de sabedoria, ou seja, são estúpidos. Assim, Deus estaria protegendo o planeta da destruição provocada pela estupidez humana.” Isso ocorre porque a questão afirma que há um *sentido crítico* na fala do anjo e, na resposta sugerida pelos autores deste livro didático para esta questão, há a afirmação que “os seres humanos não gostam da sabedoria, ou seja, são estúpidos”. Por conta da estupidez humana, Deus deveria nomear o planeta por “árvore da sabedoria” para evitar a destruição do planeta pelos humanos.

Pode-se observar que, neste exercício, há duas questões - 2a e 2b - relacionadas à tira em estudo. Nota-se que, na questão 2a, o exercício pretende aferir a compreensão acerca do uso de pronomes pessoais. Entretanto, percebe-se que a questão não se limita a aferir os conhecimentos gramaticais, mas considera também a situação comunicativa, ou seja, a fala do anjo articulada à imagem da tira. Já a questão 2b solicita uma reflexão – “comente o sentido crítico” – acerca da fala do personagem.

Apesar de a tira cômica ter sido utilizada em um exercício que trata do assunto “Pronomes”, notou-se que, neste caso, a tira não foi utilizada *apenas* como pretexto para aferir conhecimentos gramaticais. Há também uma tentativa – embora superficial – de interpretar o texto. Contudo, não se aprofunda em questões relacionadas à construção do humor e do estereótipo dentro deste texto, podendo reforçar estereótipos.

Neste recorte, é possível chegar ao seguinte DSD:



No DSD (N), “compreender adequadamente um texto” significa, nesse acontecimento, entender que os pronomes pessoais “a/ela” referem-se à Terra e o pronome pessoal “os”, aos seres humanos, habitantes da Terra. Desse modo, a compreensão deste texto dependerá das “relações coerentes” estabelecidas entre o que se está lendo (a tira cômica) a outros “conhecimentos acumulados por meio de leituras anteriores” (memorável: criação do mundo).

Nessa cena enunciativa, estabelece-se o conflito entre *compreender x não compreendera* tira cômica. Isso se dá porque, a princípio, todos os alunos que utilizam este livro didático podem “compreender adequadamente um texto”, mas o aluno que não consegue “compreender adequadamente um texto”, estabelecer “as relações coerentes”, no caso específico, não compreender que “a/ela” referem-se à Terra e “os”, aos seres humanos, será excluído. Nesse espaço enunciativo, aquele que responde de acordo com o que o livro didático propõe sobrepõe-se àquele que respondeu de outra forma.

(Recorte 13)

A tira abaixo aparece na página 181 do livro didático e foi utilizada para ilustrar o assunto “Pronomes possessivos” abordado nesta página.

Quadro 20 – Recorte 13

Pronomes possessivos

Leia, na tira humorística abaixo, o diálogo entre Hagar e Helga, a mulher dele:



Nesse diálogo:

- **nossas** – refere-se a “necessidades básicas”, indicando que se trata de coisas pertencentes tanto a quem fala (Helga) quanto a quem ouve (Hagar).
- **suas** – refere-se a “necessidades básicas”, indicando algo pertencente a quem ouve (Helga).
- **minhas** – refere-se às “necessidades básicas” do próprio falante (Hagar).

Essas palavras – *nossas, suas, minhas* – são exemplos de **pronomes possessivos**.

Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v. 2, p. 181.

Na tira acima, chamada de tira humorística no livro didático, aparecem dois personagens: *Helga* e *Hagar*. *Helga* aparece reescriturada por “você, suas” e de forma elíptica em “pensei”; *Hagar* aparece reescriturado por “você, eu, minhas”. *Hagar e Helga* aparecem, ainda, reescriturados, enquanto casal, por “nossas” e de forma elíptica em “íamos”. Mas serão as relações semânticas que constituirão o sentido de *Hagar e Helga*, nesse acontecimento, e contribuirão para a construção do humor do texto. Observe os enunciados a seguir:

(38) Pensei que tivesse dito a você que só íamos levar **nossas necessidades básicas**.

(39) Você leva as **suas necessidades básicas**, eu levo as **minhas**.

Em (38), nota-se que *Hagar e Helga*, enquanto casal, aparecem articulados a “necessidades básicas”. Neste enunciado, “necessidades básicas” significam vestimentas, visto que *Helga* aparece na tira selecionando roupas para arrumar a mala. Observa-se, ainda, em (38), que “necessidades básicas” aparecem articuladas a *nossas*. Isso traz o memorável deque mulher preocupa-se com família, pensando sempre no bem estar de todos.

Já em (39), “necessidades básicas” aparecem articuladas a *Helga (suas)* e a *Hagar (minhas)*, em momentos diferentes. Ao articular “necessidades básicas” a *suas* e *minhas*, em (39), *Hagar* diferencia “necessidades básicas” de mulher e de homem. Considerando-se a tira em estudo, “necessidades básicas” para a mulher têm o significado de vestimentas para toda a

família; já para o homem, “necessidades básicas” significam ter bebidas alcoólicas para se divertir, pois Hagar aparece na tira carregando um barril de bebida. Isso traz o memorável que homem é egoísta e boêmio, preocupando-se sempre consigo mesmo, deixando a responsabilidade sobre a família para a mulher.

Desse modo, pode-se chegar ao seguinte DSD:

(O)homem		egoísta		bebida alcoólica		
⊥						
casal		nossas-		necessidades básicas		minhas
suas						
⊥						
mulher		preocupada com família		vestimentas para a família		

No DSD (O), nota-se que o sentido de “necessidades básicas” é constituído pelo que o homem e a mulher consideram “necessidades básicas”. Através da construção do sentido de “necessidades básicas”, nesse acontecimento, pôde-se perceber que homem e mulher ocupam um significado diferente dentro deste texto, marcando a diferença existente entre homem (egoísta) e mulher (dedicada à família). O efeito de humor desta tira se dará justamente na fala de Hagar, em (39), ao diferenciar as “necessidades básicas” do homem e da mulher, ao aparecer carregando um barril de bebida alcoólica.

Observa-se, ainda, que homem e mulher aparecem incluídos enquanto casal, devendo, pois, ter a mesma responsabilidade com a família. Entretanto, o que se nota é que a mulher é excluída, por não ter o direito de pensar em divertir-se, como faz o homem, pois é a responsável por proporcionar o bem estar da família.

Infelizmente, mais uma vez, a tira cômica foi utilizada unicamente para ilustrar um assunto gramatical: pronomes possessivos. Os autores deste livro didático utilizaram a tira apenas para identificar no diálogo entre Helga e Hagar os pronomes “nossas, suas, minhas” e classificá-los como pronomes possessivos. Não há, em momento algum, uma discussão sobre a construção do humor, dos estereótipos e dos memoráveis ali presentes; nem mesmo os sentidos adquiridos pelos pronomes possessivos “nossas, suas, minhas” dentro da tira são analisados.

A diferença entre ser homem e ser mulher, marcando o lugar que cada um ocupa (ou imagina-se que ocupa ou deve ocupar) dentro da sociedade, aparece na tira, promovendo o

humor e evidenciando uma necessidade para a discussão destes papéis na sociedade contemporânea, o que não ocorre neste momento do livro didático. A ausência de uma leitura reflexiva deste texto, além de reforçar estereótipos dos sujeitos, não desenvolve o senso crítico do aluno, deixando de contribuir para o desenvolvimento pleno do estudante.

(Recorte 14)

A tira abaixo aparece na página 225, exemplificando o assunto “Principais empregos dos tempos do modo subjuntivo: presente do subjuntivo”.

Quadro 21 – Recorte 14

Principais empregos dos tempos de modo subjuntivo

Empregos do presente

As formas do **presente do subjuntivo** são mais comumente empregadas:

1. Em frases que exprimem hipótese, suposição, desejo etc.

Exemplos:

- Talvez você **mude** de opinião, **volte** aqui e **ajude** no trabalho.
-



Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v.2, p. 225.

Na tira acima, aparecem três personagens: duas cobras, que dialogam, e um outro personagem (aparentemente, um sapo) denominado de Felipe, a quem se dirigem as cobras. *Felipe*, nesse acontecimento, aparece reescriturado apenas por “você”, já que aí ele é o

interlocutor dos outros dois personagens. É interessante notar que a construção do humor desta tira se dará observando-se as articulações estabelecidas com o nome “Felipe”.

Observe os enunciados a seguir:

(40) Que você encontre **uma mulher disposta a casar** com você.

(41) Que você **seja feliz!**

Em (40), *Felipe* aparece articulado a “uma mulher disposta a casar” e, em (41), *Felipe* mantém relação semântica com “seja feliz”. Essas articulações trazem o sentido de que a felicidade está associada ao casamento, trazendo o memorável dos contos de fadas que, no final, o mocinho casa com a mocinha e vivem “felizes para sempre”. Entretanto, quando as cobras aparecem, no 3º quadrinho, pensativas e, no último quadrinho, uma delas diz “Uma das duas coisas”, nota-se que o significado dos enunciados (40) e (41) é outro.

O efeito de humor se dará justamente nos dois últimos quadrinhos da tira, quando uma das cobras aparece reflexiva sobre sua fala - (40) e (41) – e complementa: “Uma das duas coisas”. Esta fala traz o memorável que casamento é algo ruim, pois, segundo a fala da cobra no último quadrinho, ou se casa (40) ou se é feliz; não é possível ter as duas coisas juntas. É bom ressaltar, ainda, que este ponto de vista é masculino, já que se deseja a um (provavelmente) amigo encontrar uma mulher para casar; esta fala revela uma visão machista sobre o casamento, já que *mulher* aparece aí como sinônimo de infelicidade.

Desse modo, é possível chegar ao seguinte DSD:

(P)		
mulher disposta a casar	├ casamento ┤	prisão (para o homem)
felicidade		

No DSD (P), “casamento” aparece como antônimo de felicidade, pois significa, para o homem, prisão, aumento de responsabilidades, já que ele é o “homem da casa”. Isso ocorre, nesse acontecimento, porque a mulher é vista como a responsável pela infelicidade do homem, trazendo o memorável de que a mulher é chata e controladora, não havendo, portanto, possibilidade de o homem ser feliz no casamento.

No recorte 14, o conflito instaura-se na instituição casamento. Pode-se dizer isso, porque *casamento* aparece aí como um espaço de conflito, de oposição das ideias *casamento = infelicidade x liberdade = felicidade*. O casamento inclui tanto o homem quanto a mulher, mas o homem, nesse acontecimento, é excluído por não ser feliz casado, tendo que escolher entre ser casado e infeliz ou ser solteiro e feliz. Isso reforça o estereótipo que casamento é ruim, propagando esta ideia negativa sobre o casamento.

Mais uma vez, o livro didático utiliza a tira cômica para exemplificar um assunto gramatical: empregos do presente do subjuntivo. Neste caso, a tira foi utilizada apenas com o propósito de entender que as formas verbais – *encontre* e *seja* (que aparecem em negrito na fala de uma das personagens na tira em questão) - que estão no presente do subjuntivo, exprimem “hipótese, suposição, desejo etc”.

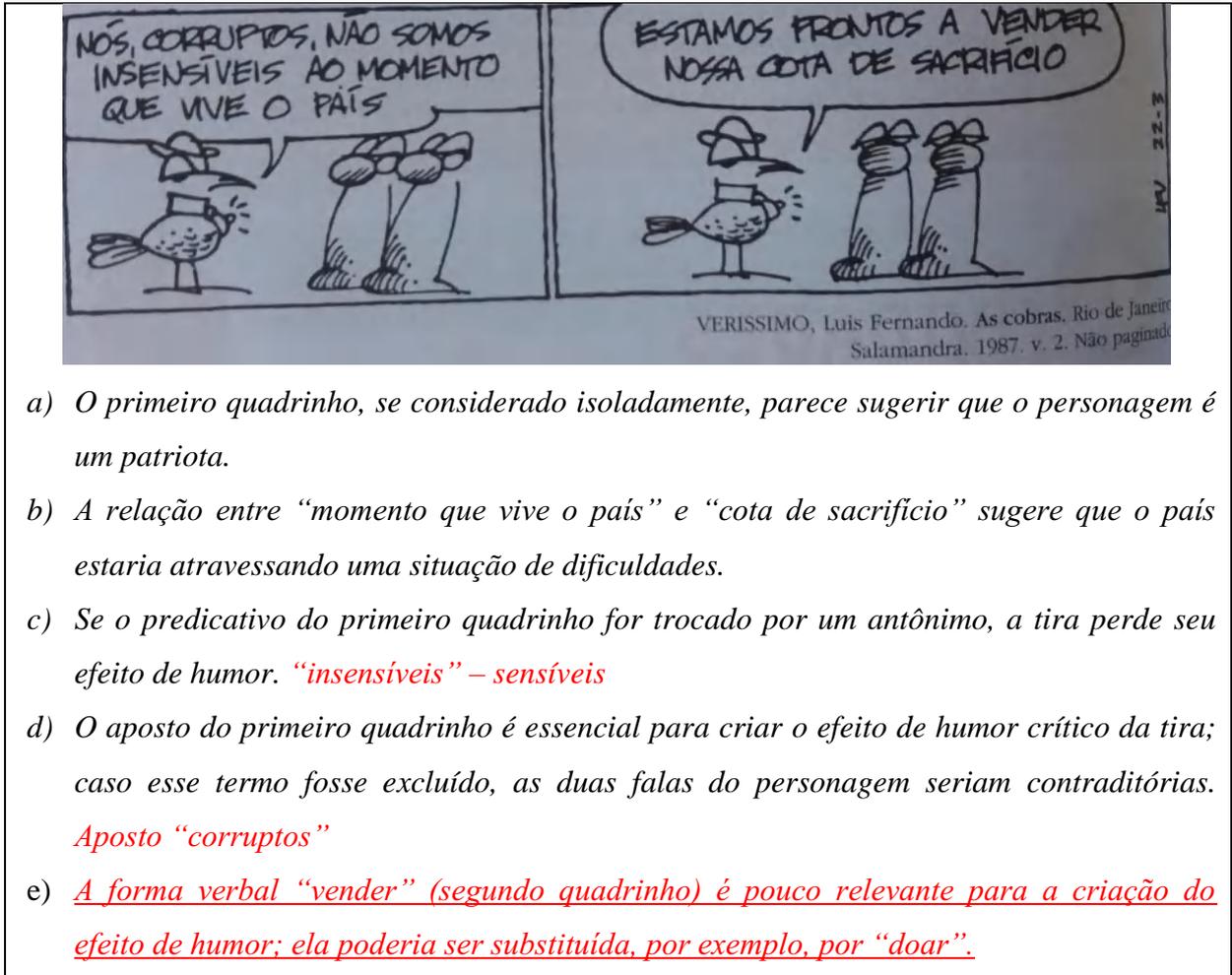
Apesar de a tira revelar uma visão comum da sociedade brasileira acerca do casamento, podendo gerar diversas discussões sobre isto, os autores deste livro didático limitaram o uso desta tira a um estudo meramente gramatical. Questões relacionadas ao humor, como o que faz com que a fala “Uma das duas coisas” produza o efeito de humor, não são sequer citadas. Um ensino de língua voltado somente para o estudo da gramática normativa, utilizando-se gêneros textuais – neste trabalho, humorísticos – como pretexto para aferir conhecimentos gramaticais, não proporciona um desenvolvimento pleno do indivíduo, não cumprindo o que se espera a LDB nem os PCNEM: o desenvolvimento do senso crítico dos alunos.

(Recorte 15)

A tira cômica a seguir aparece em um exercício, na página 306, que trata do assunto “Termos associados a nomes”.

Quadro 22 – Recorte 15

3. Leia esta tira humorística e assinale a afirmação <i>incorreta</i> .



- a) O primeiro quadrinho, se considerado isoladamente, parece sugerir que o personagem é um patriota.
- b) A relação entre “momento que vive o país” e “cota de sacrifício” sugere que o país estaria atravessando uma situação de dificuldades.
- c) Se o predicativo do primeiro quadrinho for trocado por um antônimo, a tira perde seu efeito de humor. *“insensíveis” – sensíveis*
- d) O aposto do primeiro quadrinho é essencial para criar o efeito de humor crítico da tira; caso esse termo fosse excluído, as duas falas do personagem seriam contraditórias. *Aposto “corruptos”*
- e) A forma verbal “vender” (segundo quadrinho) é pouco relevante para a criação do efeito de humor; ela poderia ser substituída, por exemplo, por “doar”.

Fonte: AMARAL; FERREIRA; LEITE; ANTÔNIO, 2013, v. 2, p. 306.

Na tira acima, aparecem três personagens: um pássaro e duas cobras. O pássaro, único personagem que fala na tira, aparece reescriturado por “nós, nossa” e de forma elíptica em “estamos”. Pássaro, nesse acontecimento, aparece articulado a “corruptos”, e isso traz o memorável de que o pássaro é um político corrupto. Considerando-se, ainda, que na tira em estudo o pássaro é um político e aparece reescriturado por palavras que estão na primeira pessoa do plural – nós, nossa, estamos -, pode-se dizer que todos os políticos são vistos como corruptos.

Observe estes enunciados:

(42) Nós, **corruptos**, **não somos insensíveis** ao momento que vive o país.

(43) Estamos **prontos a vender nossa cota de sacrifício**.

Em (42), *políticos* aparecem articulados a “corruptos” e a “não somos insensíveis”. Nessa articulação, nota-se que há uma tentativa de se negar o estereótipo de que político

corrupto não se importa com a população, sendo insensível aos problemas vividos por ela. Entretanto, ao negar esta imagem pré-concebida sobre o político, reforça-se este estereótipo. Isso ocorre porque, em (43), *políticos* aparecem articulados a “prontos a vender nossa cota de sacrifício”. Essa articulação atribui a político o sentido de corrupto, visto que se entende por *cota sacrifício* “abrir mão de alguma coisa em prol de outras pessoas”, mas, nesse acontecimento, *cota de sacrifício* aparece acompanhada por “vender”, reforçando o estereótipo de que político é corrupto, tentando levar vantagem em todas as situações.

O efeito de humor, nesta tira, ocorre justamente porque, no primeiro quadrinho, um político tenta negar o estereótipo de que políticos corruptos não se importam com os problemas da nação e, no segundo quadrinho, diz que os políticos corruptos estão sempre dispostos a “vender” sua cota de sacrifício, confirmando que político corrupto realmente só se importa consigo mesmo.

Assim, pode-se chegar ao seguinte DSD:

(Q)

corruptos † **políticos** † vender cota de sacrifício

No DSD (Q), o sentido de políticos é constituído por “corruptos”, que tentam sempre tirar vantagem sobre a população, aproveitando-se até mesmo da crise vivida pela nação.

Neste recorte 15, político aparece dividido em *corrupto, porém sensível aos problemas da nação* x *corrupto e insensível aos problemas da nação*. O conflito é instaurado, nesse acontecimento, no momento em que se inclui todos os políticos enquanto corruptos e tenta-se excluir políticos corruptos do grupo daqueles que são insensíveis aos problemas da nação. Este conflito tornará mais evidente o estereótipo de político corrupto, que não se importa com a nação, reforçando-o.

É interessante notar que a tira cômica foi utilizada neste livro didático em um exercício que propunha “assinalar a afirmação incorreta” sobre a tira. Apesar de o exercício ser de múltipla escolha, observou-se que os autores deste livro didático tentaram, nas alternativas propostas, trazer uma interpretação da tira humorística. Nas alternativas (C), (D) e (E), os autores trouxeram a expressão “efeito de humor”. Apensar de não se explicar o significado de efeito de humor, as questões que trazem esta expressão buscam entender o que provoca o efeito de humor da tira. Apesar disso, a compreensão do que seria este efeito de humor aparece associada a questões gramaticais como: predicativo, antônimo, aposto e forma

verbal. Há aí uma tentativa de se aferir conhecimentos gramaticais unindo isso à compreensão da tira.

Contudo, em se tratando de uma importante ferramenta no processo ensino-aprendizagem, a atividade traz ainda pouca reflexão sobre a tira em estudo. E isso ocorre não pelo fato de ser uma questão de múltipla escolha, mas por não trazer uma reflexão acerca dos estereótipos ali presentes, principalmente, por ser um estereótipo de político corrupto, tão em evidência dentro da sociedade brasileira. A ausência de uma reflexão acerca deste aspecto, dentro da tira cômica em estudo, reforça o estereótipo de que político é corrupto, projetando este sentido para o futuro.

3.2.3 Discussões

Pôde-se notar nesta subseção que, apesar de este livro didático ter o maior número de piadas, dentro os três selecionados para este trabalho, e apresentar um grande número de tiras cômicas, o humor ainda ocupa nelem lugar secundário. Pode-se dizer isso, pois, na maioria das vezes, as piadas e as tiras cômicas apareceram ou em exercícios sobre assuntos gramaticais ou como ilustração destes assuntos.

O estudo de piadas e tiras cômicas, considerando-se os elementos que contribuem para a construção do sentido e do humor do texto, é pouco explorado: normalmente, limita-se a interpretar a ambiguidade dentro do texto. Pouco se fala em humor e efeito de humor destes textos e, quando acontece, observa-se ainda que o humor aparece articulado à compreensão de assuntos gramaticais, tendo estes maior destaque.

Questões como a presença de estereótipos em piadas e tiras cômicas sequer são exploradas. Em todos os recortes, muitos e variados estereótipos apareceram, tais como: bêbado é chato e inconveniente; casamento é algo ruim; político é corrupto e insensível aos problemas da nação, etc. Apesar disso, não houve em nenhum dos recortes desta subseção uma discussão profunda acerca da existência destes estereótipos e de como eles se tornam evidentes dentro de textos humorísticos; algumas questões, nos exercícios, até aparentam preocupar-se com a interpretação textual, mas este aspecto ainda é muito superficial.

Como o livro didático não propõe uma reflexão profunda acerca dos assuntos abordados nas piadas e nas tiras cômicas, dando um maior destaque aos assuntos gramaticais ali presentes, o aluno, no espaço de enunciação (escola), passa a reproduzir conhecimentos, ratificando um ensino tradicional, voltado apenas para “decorar” regras gramaticais, não desenvolvendo a sua capacidade crítica, conforme preveem a LDB e os PCNEM.

É importante destacar que, aqui, não se defende a abolição do estudo gramatical, mas entende-se que, além do estudo gramatical, é necessário trabalhar também outros aspectos do texto, no caso específico deste trabalho, os estereótipos e os elementos que provocam humor em piadas e tiras cômicas, possibilitando uma maior reflexão acerca destes elementos. Observar que os estereótipos, encontrados em textos humorísticos, estão presentes na sociedade brasileira e promover uma discussão sobre isso podem proporcionar o desenvolvimento do senso crítico do aluno, atingindo um dos objetivos da LDB e dos PCNEM.

3.3 “Português: Contexto, Interlocução e Sentido”

O livro “Português: Contexto, Interlocução e Sentido”, utilizado nesta subseção da pesquisa, produzido pelos autores Maria Luiza M. Abaurre²⁹, Maria Bernadete M. Abaurre³⁰ e Marcela Pontara³¹ foi publicado em 2013 pela Editora Moderna e pertence ao Material de Divulgação da Editora Moderna do PNL D 2015 Ensino Médio. Ao lado do livro “Novas Palavras”, dos autores Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, foi o segundo livro mais adotado durante o PNL D 2015 por escolas públicas do NTE 11, no oeste da Bahia, e o terceiro mais adotado nacionalmente, com um total de 822.319 livros distribuídos. A seguir, serão analisados cinco textos humorísticos: uma piada e quatro tiras cômicas.

²⁹Maria Luiza M. Abaurre é bacharel em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestra em Letras na área de Teoria Literária pela UNICAMP. Membro da banca elaboradora das provas de redação, língua portuguesa e literatura de língua portuguesa do vestibular da UNICAMP (1992, 1993, 1995, 1996). Consultora (língua portuguesa) do Enem/Inep/MEC (2000-2002). Coordenadora de 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental e de Ensino Médio (língua portuguesa) em escola particular há mais de 11 anos. (Estas informações estão disponíveis no próprio livro).

³⁰Maria Bernadete M. Abaurre é licenciada em Letras (Português-Inglês) pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Mestra em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de New York – Buffalo. Professora titular do Departamento de Linguística (IEL/UNICAMP). Coordenadora executiva da Comissão Permanente para os Vestibulares da UNICAMP (1988-2002). Consultora (língua portuguesa) do ENEM/Inep/MEC (2000-2002). (Estas informações estão disponíveis no próprio livro).

³¹Marcela Pontara é licenciada em Letras (Português-Latim) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP). Membro da banca de correção das provas de redação, língua portuguesa e literatura de língua portuguesa dos vestibulares da UNICAMP e da UNESP (seis anos). Professora em escolas particulares de ensino há mais de 20 anos. Assessora (língua portuguesa) em escola particular há mais de 5 anos. (Estas informações estão disponíveis no próprio livro).

3.3.1 Piada

(Recorte 16)

A piada a seguir aparece em uma atividade na página 236, capítulo 16, que trata sobre “Pronomes”.

Quadro 23 – Recorte 16

A piada a seguir, em circulação na internet, serve de base para a questão 5.

A certa altura da aula, a professora de português ouve um zum-zum-zum no fundo da classe e dispara:

- Joãozinho, me diz dois pronomes!*
- Quem? Eu? – diz ele, levantando-se.*
- Muito bem! Pode sentar!*

Disponível em: <http://portaldohumor.com.br/cont/piadas/3258/os-pronomes.html>.

Acesso em: 5 jun. 2013.

*5. Na piada, a professora parabeniza o aluno por ter respondido corretamente à pergunta feita. Quais foram os dois pronomes utilizados por Joãozinho? Classifique-os. **O pronome interrogativo quem e o pronome da primeira pessoa do caso reto eu.***

- A professora não deveria ter parabenizado o garoto por sua resposta. Explique por quê. **A professora não deveria ter parabenizado o garoto, porque os dois pronomes não foram ditos por ele com a intenção de responder à pergunta feita. Ao ser chamado pela professora, o garoto reagiu, assustado, usando os dois pronomes para se certificar de que a professora falava mesmo com ele.***

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v.2, p. 236.

Na piada acima, há dois personagens – a professora e o Joãozinho – que aparecem no ambiente da sala de aula (“a certa altura da aula”). Nesse acontecimento, *professora* aparece reescriturada por “me” e de forma elíptica em “dispara” e *Joãozinho* aparece reescriturado por “quem, eu, ele”, de forma elíptica em “Pode sentar” e, considerando-se o exercício relacionado a esta piada, por “aluno” e “garoto”. Ao reescriturar *Joãozinho* por “aluno” e “garoto”, aparece o memorável de que se trata de um menino “traquino”, que dá trabalho na

escola, pois a professora, ao ouvir um “zum-zum-zum” – conversa paralela -, dirige-se a ele e questiona sobre o conteúdo da aula. Ao fazer isso, entende-se que Joãozinho era o responsável pela conversa “no fundo da sala” já que é prática comum de professores tomar esta atitude quando o aluno não está prestando atenção à aula; é uma maneira de inibir a ação dos alunos desinteressados.

Observe os enunciados a seguir:

(44) A certa altura da aula, a professora *de português* ouve um zum-zum-zum no fundo da classe e dispara:

(45) Muito bem! Pode sentar!

Nota-se, ainda, em (44), que *professora* aparece articulada a “de português”, especificando a professora; a disciplina ministrada por ela: Língua Portuguesa. Esta articulação contribuirá para a construção do sentido de “professora” nesse acontecimento, uma vez que traz o memorável que “professor de português é exigente”. Nesse momento, o sentido atribuído à professora de português é de rígida, exigente, já que, ao identificar um início de tumulto na sala, repreende o aluno responsável por isso. Entretanto, em (45), a imagem da professora sofre alteração: de professora exigente, passou a ser “uma boba”. Isso ocorre porque, ao parabenizar a “resposta” (não intencional) do aluno, a professora demonstra que não percebeu que o aluno não sabia a resposta para a pergunta – “dizer dois pronomes” -, acertando inconscientemente. Aqui a professora “de português” ocupa um lugar de “boba, ingênua”, contrapondo-se a imagem pré-concebida de professor – aquele que tem sabedoria.

É interessante notar que, nesse acontecimento, instaura-se um conflito entre o *saber x não saber* que define quem detém ou não detém a sabedoria. Nessa cena enunciativa, o locutor enquanto professor aparece como aquele que detém a sabedoria e o locutor enquanto aluno, como aquele que busca (ou deveria buscar) a sabedoria. Professor e aluno estão incluídos enquanto podem ter acesso a sabedoria, mas aluno aparece excluído por ter menos sabedoria que o professor. Isso pode ser reforçado na maneira encontrada pelo professor para repreender o aluno: fazer um questionamento sobre o assunto tratado na aula. Em outras palavras, a fala do professor poderia ser parafraseada da seguinte forma: “Eu sei o conteúdo, mas vou provar que você não sabe! Dê dois exemplos de pronomes!” Estabelece-se aí o conflito entre o *saber x não saber; professor (sábio) x aluno (ignorante)*.

O desfecho inesperado dessa piada, além de provocar o efeito de humor, inverterá esta lógica! Pode-se afirmar isso, porque, no final da piada, o aluno sai como esperto visto que,

ainda que não tenha sido intencional, conseguiu “enganar” o professor: o “detentor do saber”. O efeito de humor se dá nessa piada justamente na atitude inesperada da professora em parabenizar o aluno por ter acertado os pronomes que, como se sabe, não foi intencional. Não perceber que o uso de “Quem?” e “Eu?” pelo aluno não era uma resposta e sim uma pergunta é o que trará o sentido de que a “professora é boba” e o “aluno é esperto”.

Desse modo, pode-se chegar ao seguinte DSD:

(R)

parabeniza o aluno	boba	professora	de português	repreende o aluno com uma pergunta
esperto aluno “traquino”				

No DSD (M), é possível perceber que o sentido de “professora” constitui-se, nesse acontecimento, como “boba”. Esse sentido é reforçado pela professora ser apresentada, no início da piada, como rígida, uma vez que repreende o aluno, e logo depois faz papel de boba, pois não identificou que o aluno não sabia a resposta, enganando-a.

Mais uma vez é possível observar que a piada foi utilizada apenas como pretexto para se trabalhar questões gramaticais, no caso desse exercício, “pronomes”. Não se trabalha com a construção do humor do texto e nem com os sentidos de *aluno* e *professora* constituídos nesse acontecimento. A única questão, aparentemente de interpretação de texto, traz uma questão que já orienta para uma determinada resposta, não havendo outras possibilidades. O exercício sobre a piada, do modo como foi apresentado pelo livro didático, não contribui para uma reflexão acerca das imagens veiculadas pela piada nem sobre a construção dos sentidos e do humor do texto. E isso não só reforça os estereótipos ali presentes como também não contribui para a formação plena do indivíduo, para o desenvolvimento do senso crítico.

Faz-se necessário ressaltar ainda que o livro didático em questão é da disciplina de Língua Portuguesa e, mesmo trazendo uma piada que retrata de forma negativa o professor *de português*, não há uma reflexão acerca deste estereótipo, o que torna ainda mais grave a utilização do texto como pretexto para o ensino de gramática normativa. Nesse acontecimento, reforça-se a ideia pré-concebida que “estudar português é chato e ruim!” e isso, no espaço de enunciação (escola), traz consequências negativas já que afasta ainda mais o aluno do estudo da língua materna.

Como, neste livro didático, esta foi *a única* piada encontrada, na subseção a seguir serão feitas as análises de quatro tiras cômicas.

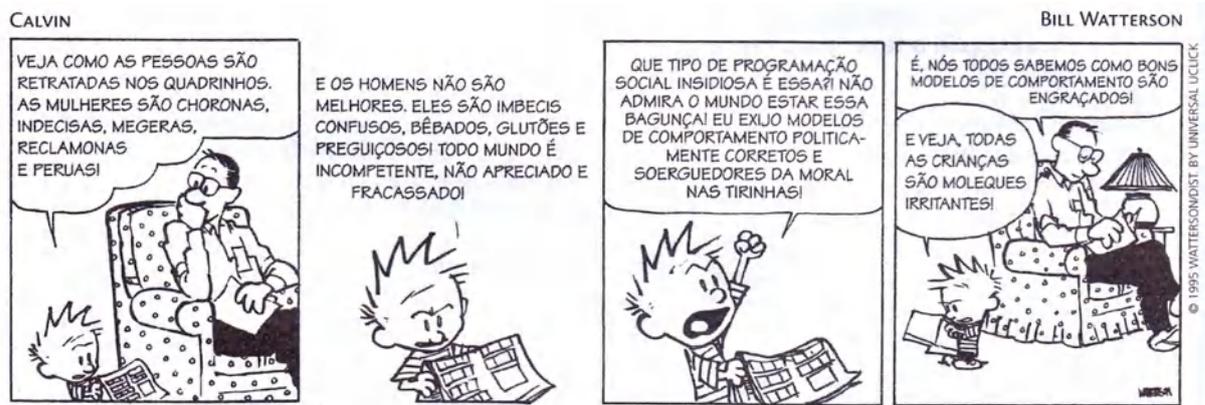
3.3.2 Tiras cômicas

(Recorte 17)

A tira a seguir aparece em um exercício das páginas 338-339, no capítulo 23, dedicado ao estudo da “*Sintaxe do período simples*”.

Quadro 24 – Recorte 17

A tira e o texto a seguir devem servir de base para as questões 6 e 7.



WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. V.2. São Paulo: Best News, 1995. P.108.

Tiras de quadrinhos, historicamente, têm estado cheias de estereótipos feios, a marca de escritores preguiçosos demais para observarem honestamente o mundo. Partes ofendidas, muitas vezes, sugerem tornar as tiras ainda mais antissépticas, mas uma das maiores forças dos quadrinhos é sua habilidade de criticar através da distorção. O truque é lembrar que o jeito que descrevemos as coisas revela o jeito que pensamos. O cartunista que recorre a estereótipos revela seus próprios preconceitos.

WATTERSON, Bill. *Os dez anos de Calvin e Haroldo*. V.2. São Paulo: Best News, 1995. P.108.

Caso ache necessário, explique aos alunos que a personagem Calvin, criada por Bill Watterson, é um garoto extremamente inteligente, mas também muito levado. Em companhia de seu tigre de pelúcia, Haroldo, Calvin está sempre metido em alguma confusão, o que enlouquece os seus pais e a sua professora.

6. Na tira, Calvin critica os estereótipos utilizados para retratar as personagens de

quadrinhos. *Quais são eles? Segundo Calvin, a caracterização estereotipada apresenta as mulheres como “choronas, indecisas, megeras, reclamonas e peruas!”; os homens são “imbecis, confusos, bêbados, glutões e preguiçosos!”; “Todo mundo é incompetente, não apreciado e fracassado!”; “Todas as crianças são moleques irritantes”.*

- a) *Calvin utiliza uma estrutura sintática recorrente para caracterizar as personagens. Classifique os predicados das orações empregadas nessa caracterização. Calvin, para demonstrar ao pai a apresentação estereotipada das personagens em quadrinhos, usa estruturas sintáticas por predicados nominais.*
 - b) *Por que esse tipo de predicado é mais adequado para a caracterização das personagens? Como se trata de demonstrar a caracterização negativa das personagens nessas histórias, os predicados nominais, que têm como núcleo um predicativo do sujeito, favorecem a atribuição de características estereotipadas aos sujeitos a que se referem (no caso: mulheres, homens, crianças).*
7. *Leia novamente a fala de Calvin no último quadrinho. De que modo essa fala pode ser relacionada à própria personagem? Calvin, como as personagens de histórias em quadrinhos criticadas por ele, é caracterizado como um moleque irritante que enlouquece pais e professores.*
- a) *A fala do pai de Calvin pode ser entendida como uma justificativa de Bill Watterson, autor da tira, para ter criado Calvin como um “moleque irritante”. Explique essa justificativa. A fala do pai de Calvin é irônica, pois faz uma afirmação pretendendo dizer exatamente o contrário, já que “bons modelos de comportamento”, em geral, não são usados para produzir humor, porque não são divertidos. Por meio dessa fala, Bill Watterson justifica a criação de uma personagem como Calvin, que é rebelde e indisciplinado.*
 - b) *Bill Watterson, no texto transcrito, questiona o modo estereotipado de autores de quadrinhos caracterizarem suas personagens. Explique de que maneira a criação de Calvin pode ser considerada um exemplo de crítica através da distorção. Calvin é também uma personagem estereotipada. Suas características são exageradas por Bill Watterson justamente para produzir o humor. Esse exagero pode ser considerado uma distorção (da realidade) usada para criticar, ou seja, para propor reflexões a respeito das situações apresentadas nas histórias.*

O exercício acima traz uma tira do personagem Calvin de Bill Watterson e um texto atribuído a este mesmo autor. Tanto a tira quanto o texto verbal trazem como tema principal a presença de estereótipos dentro de histórias em quadrinhos.

Na tira, *peessoas retratadas nos quadrinhos* aparecem reescrituradas por “mulheres, homens, crianças” e *todo mundo* reescritura “mulheres, homens, crianças”. Faz-se necessário ressaltar ainda que, nesse acontecimento, *crianças* é sinônimo de “moleques irritantes”, excluindo aí as crianças (meninas). Isso ocorre porque, nesta tira, “moleques irritantes” é o estereótipo atribuído ao Calvin. Daí a irritação do personagem na tira: reconhecer-se enquanto “moleque irritante” e sentir-se ofendido por isso. Para reforçar este estereótipo atribuído ao Calvin, os autores deste livro didático fazem uma observação no Manual do Professor:

Caso ache necessário, explique aos alunos que a personagem Calvin, criada por Bill Watterson, é um garoto extremamente inteligente, mas também muito levado. Em companhia de seu tigre de pelúcia, Haroldo, Calvin está sempre metido em alguma confusão, o que enlouquece os seus pais e a sua professora”. (ABAURRE, ABAURRE & PONTARA, 2013, p. 338.)

Esta informação acerca do personagem reforça o estereótipo de “moleque irritante” já que Calvin é visto aí como “muito levado” e “sempre metido em alguma confusão”, e isso “enlouque os seus pais e a sua professora” (≠ irritante).

É interessante notar ainda que *estereótipo* aparece aí reescriturado por “choronas, indecisas, megeras, reclamonas, peruas”, “imbecis, confusos, bêbados, glutões, preguiçoso”, “moleques irritantes”, “incompetente, não apreciado, fracassado” e isso reforça que estereótipo tem um sentido negativo já que todas as palavras selecionadas para reescrever a palavra “estereótipo” são características negativas dos sujeitos.

As articulações atribuídas às reescrituras de “peessoas retratadas nos quadrinhos” reforçarão ainda mais o sentido negativo dos estereótipos presentes em quadrinhos. Observe os enunciados a seguir:

(46) As mulheres são ***choronas, indecisas, megeras, reclamonas e peruas!***

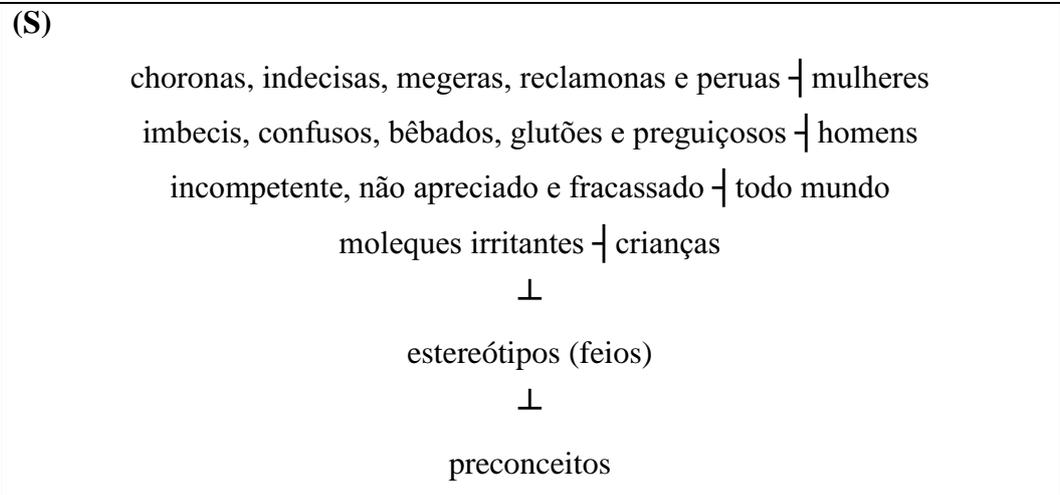
(47) E os homens [...] são ***imbecis, confusos, bêbados, glutões e preguiçosos!***

(48) Todo mundo é ***incompetente, não apreciado e fracassado!***

Em (46), *mulheres* aparece articulada a “choronas, indecisas, megeras, reclamonas e peruas” e, em (47), *homens* aparece articulado a “imbecis, confusos, bêbados, glutões e

preguiçosos”. Essas articulações atribuem a *mulheres* o sentido de “chatas” e a *homens*, o sentido de “defeituosos”, trazendo o memorável deque “toda mulher é chata” e “todo homem tem defeitos”. Já em (48), *todo mundo*, que representa todos os sujeitos retratados de maneira estereotipada em quadrinhos, articula-se a “incompetente, não apreciado e fracassado”. Essa articulação reforçará o sentido negativo dos estereótipos, servindo, pois, para “revelar preconceitos” acerca destes sujeitos presentes na sociedade brasileira. Nota-se aí aquilo que Travaglia (1990) falou ao definir o humor enquanto “arma de denúncia”.

Assim, é possível chegar ao seguinte DSD:



No DSD (S), nota-se que as características atribuídas a “mulheres, homens, todo mundo, crianças” constituirão o sentido de “estereótipo” nesse acontecimento. Aqui, *estereótipos feios* revelam preconceitos, podendo disseminá-los.

Percebe-se que o autor desta tira torna evidente a existência de estereótipos em quadrinhos, utilizando do humor para abrir uma reflexão acerca disso. Traz, inclusive, uma reflexão sobre aquilo que se considera “modelos de comportamento politicamente corretos”, mas, será que o livro didático consegue explorar esses dois vieses – o estereótipo e o politicamente correto -, associando-os ao humor?

Na questão 6 do referido exercício, apesar de citar que “Calvin critica os estereótipos”, o que se nota é que a questão é voltada para compreender a estrutura sintática, a classificação de predicados. O texto aí, novamente, é utilizado como pretexto para o estudo gramatical. Entretanto, na questão 7, percebe-se que já há uma tentativa de interpretar a tira e proporcionar uma reflexão acerca dos estereótipos presentes nos quadrinhos, já que este é o tema da própria tira.

Na questão 7a, os autores do livro didático propõem uma reflexão acerca da fala “É, nós todos sabemos como bons modelos de comportamento são engraçados!” Isso possibilitaria diversas interpretações e geraria muitas discussões acerca dos estereótipos e da criação e efeito de humor em tiras cômicas, no entanto, a resposta sugerida pelo livro didático a esta pergunta “limita” a análise e, conseqüentemente, a discussão acerca do assunto. Pode-se dizer isso, pois, segundo a resposta proposta pelo livro didático, “os bons modelos de comportamento não são usados para produzir humor, porque não são divertidos”, porém, não se discute o porquê de o humor estar relacionado a estereótipos e o porquê disso ser divertido, explorando pouco as possibilidades de interpretação oferecidas pelo próprio texto humorístico.

A questão 7b não trata mais da tira e sim do texto verbal, do mesmo autor da tira, que também aparece no exercício em análise. Nesta questão, considerando-se a tira e o texto verbal, os autores do livro didático esperam que o aluno “Explique de que maneira a criação de Calvin pode ser considerada um exemplo de crítica através da distorção”. Segundo a resposta proposta para esta questão pelos autores do livro didático, esta “distorção” serve para “propor reflexões a respeito das situações apresentadas nas histórias”. Apesar disso, no exercício proposto neste livro didático, há pouca reflexão sobre estas situações, sobre a criação destes estereótipos e sobre o humor do texto.

Na tira em estudo, instaura-se um conflito entre *modelos de comportamento politicamente corretos x estereótipos* presentes em quadrinhos. Aqui as pessoas são incluídas enquanto pessoas retratadas nos quadrinhos, mas excluídas, quando se define que *apenas* as estereotipadas provocam humor. É interessante notar que o efeito de humor na tira se dá na oposição entre a ideia de Calvin (3º quadrinho) – “Eu exijo modelos de comportamento politicamente corretos” – e do pai (4º quadrinho) – “É, nós todos sabemos como bons modelos de comportamento são engraçados”. Isso ocorre porque, ao contrário do que foi dito pelo pai de Calvin no 4º quadrinho, o que torna o texto engraçado é a presença de personagens estereotipados e não de comportamentos politicamente corretos. Nota-se aí uma inversão de valores, já que o “politicamente correto” é sem graça, enquanto “as figuras estereotipadas” são engraçadas. Ou seja, temos uma divisão na qual tudo pode ser usado para compor um quadrinho, mas somente os estereótipos ocupam esse lugar.

Embora Watterson (1995) reconheça que as tiras de quadrinhos estão “cheias de estereótipos feios” e que ao recorrer a estereótipos, o cartunista “revela seus próprios preconceitos”, ele afirma também que “uma das maiores forças dos quadrinhos é sua habilidade de criticar através da distorção”. Pode-se associar isso ao que Travaglia (1990,

p.55) afirmou sobre o humor: “com funções que ultrapassam o simples fazer rir”. Em outras palavras: o riso é consequência de estratégias utilizadas pelo humorista para “revelar” as diversas visões presentes na sociedade. O que fazer com esta descoberta é o que poderá reforçar e propagar estereótipos e preconceitos ou adotar uma postura reflexiva diante do assunto, “amenizando” os sentidos presentes naquele acontecimento.

(Recorte 18)

A tira a seguir aparece em um exercício sobre “Conjunção” da página 311.

Quadro 25 – Recorte 18



VERÍSSIMO, Luis Fernando. *As cobras em: se Deus existe que seja atingido por um raio*. Porto Alegre: L&PM, 1997. P.12.

1. O nome do pássaro com quem as cobras conversam equivale a um enunciado dito rapidamente. Que enunciado é esse? *Separando os termos que compõem o nome da personagem, temos o enunciado “Quero o meu”.*
 - a) *Esse nome permite que se pressuponha algo a respeito desse personagem. Explique. O nome escolhido para a personagem, Queromeu (“Quero o meu”), sugere que ela pretende sempre levar vantagem, obter algum lucro financeiro ou outro benefício. Esse nome traduz a postura do corrupto, que procura levar vantagem em negociações (tirar “o seu”).*
 - b) *De que modo a fala das cobras confirma esse pressuposto? As cobras pedem ao Queromeu um conselho para “o corrupto que está começando”, permitindo que ele seja identificado como uma autoridade em assuntos relacionados à corrupção. Por esse motivo, a fala confirma o pressuposto derivado da análise de seu nome.*

2. Ao responder à pergunta que lhe foi feita, a personagem faz uma adaptação de um conhecido dito popular. Que dito é esse? *O dito é “A justiça tarda, mas não falha”.*
- *A adaptação feita pela personagem é surpreendente. Por quê? Em lugar de afirmar a certeza de que a justiça será feita (sentido do dito popular), Queromeu sugere que os corruptos devem aproveitar a lentidão da justiça para obterem mais benefícios para si próprios.*
3. A relação entre as duas orações que constituem o dito popular é estabelecida por um termo. Que termo é esse e que tipo de relação de sentido ele estabelece entre as duas orações? *No caso do dito popular, o termo **mas** cria o vínculo entre a primeira oração e a segunda orações (“A justiça tarda/ mas não falha”). Ao introduzir a segunda oração, o **mas** estabelece uma mudança na orientação do que está sendo dito, quebrando a expectativa do leitor. No caso, pode-se imaginar que uma justiça muito lenta não chegue a ser feita. A segunda oração informa algo diferente: mesmo demorada, a justiça “não falha”.*
- a) *Qual o termo que, na adaptação criada por Queromeu, vincula as duas orações? Na adaptação de Queromeu, as orações são vinculadas por meio do termo **portanto**.*
- b) *Que relação de sentido esse termo estabelece entre as duas orações? Explique. Esse termo atribui um sentido conclusivo à relação entre as duas orações, fazendo o leitor interpretar a segunda informação (“aproveitem”) como algo que deve ser concluído a partir do que foi dito antes (“A justiça tarda”). Neste caso, estabelece-se uma relação completamente diferente daquela observada no dito popular.*

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v. 2, p.311.

Na tira acima, nota-se que há três personagens: Queromeu (o pássaro) e (du)as cobras. Entre Queromeu e uma das cobras há um diálogo:

(49) Queromeu, que **conselho** você daria **ao corrupto que está começando**?

(50) “Lembrem-se: a justiça tarda...”

(51) “Portanto, aproveitem”.

Em (49), o personagem Queromeu, reescriturado por “você”, aparece articulado a “conselho ao corrupto que está começando”. Esta articulação já sugere ao leitor que o

personagem “Queromeu” é um corrupto; uma autoridade reconhecida pela corrupção. Este sentido confirma-se no exercício referente a esta tira neste livro didático. Isso porque, na resposta proposta para a questão 1a, aparece o seguinte: *“O nome escolhido para a personagem, Queromeu (“Quero o meu”), sugere que ela pretende sempre levar vantagem, obter algum lucro financeiro ou outro benefício. Esse nome traduz a postura do corrupto, que procura levar vantagem em negociações (tirar “o seu”).”* Logo, articulando o enunciado (49) à resposta proposta pelos autores do livro didático para a questão 1a, chega-se à conclusão que Queromeu, nesse acontecimento, ocupa um lugar de corrupto e isso traz o memorável que “político é corrupto” já que, no Brasil, corrupção determina o sentido de “político” (entendido aqui como presidente, deputado, senador etc.).

Considerando-se a tira e o exercício, pode-se dizer que Queromeu, nesse acontecimento, aparece reescriturado por “você, pássaro, personagem, autoridade” e também por “corrupto”. Este sentido é reforçado ao observar que o “conselho” (de Queromeu) aparece articulado aos enunciados (50) e (51). Pode-se afirmar isso, pois, em (50), esperava-se que Queromeu completasse o enunciado com “mas não falha”, retomando o ditado popular “A justiça tarda, mas não falha”, que passa a ideia que todas as pessoas que *erram* serão punidas, devendo, portanto, ser honestas. Entretanto, ao concluir, em (51), “portanto, aproveitem”, confirma-se o sentido atribuído a Queromeu – corrupto -, já que o personagem sugere “ao corrupto que está começando” a aproveitar, a tirar vantagem por a justiça ser lenta, ficando os políticos, na maioria das vezes, impunes.

O efeito de humor desta tira se dará justamente em (51). Isso ocorre porque esperava-se uma atitude de Queromeu – repreender a atitude do corrupto que está começando, mostrando-lhe que a corrupção o levará a uma punição -, mas ele age de forma contrária – incentiva a ser mais corrupto ainda, insinuando que ele não será punido por isso. Essa quebra de expectativa surpreende o leitor, provocando o humor do texto. Esse final surpreendente é perceptível na imagem das cobras no último quadrinho da tira: vê-se, na expressão facial delas, espanto, surpresa. Além disso, traz também o memorável de que “a justiça não funciona” no Brasil, fator que contribui para o surgimento e proliferação de mais e mais corrupto.

Desse modo, é possível chegar ao seguinte DSD:

(T)
 A justiça tarda, portanto, aproveitem † conselho † **corrupto**
 ⊥
 impunidade † **corrupto**

No DSD (T), nota-se que o fato de a justiça ser lenta e ineficaz, transmitindo na maioria das vezes uma sensação de impunidade, determina o sentido de “corrupto” nesse acontecimento.

É interessante notar que, apesar de este exercício estar em um capítulo do livro didático dedicado ao estudo da conjunção, nota-se nele uma preocupação em se unir estudo gramatical e semântico. Pôde-se chegar a esta conclusão, pois o referido exercício traz questões sobre a interpretação do nome “Queromeu”, a intertextualidade, o pressuposto, o final inesperado (surpreendente) assim como o estudo das conjunções, nesse caso, “mas” e “portanto”. Observou-se que todos estes elementos contribuem para a interpretação do texto; interpretação dos sentidos ali presentes.

Entretanto, mais uma vez, o exercício não aborda a questão dos estereótipos – “político é corrupto” e “a justiça não funciona” – ali presentes. Possivelmente, isso ocorre porque entende-se que é comum (ou de senso comum) a existência de políticos corruptos assim como de uma justiça lenta e ineficiente, tornando sem sentido esta discussão. Não trazer uma reflexão acerca deste aspecto do texto acaba reforçando os estereótipos acima citados, levando o aluno a compreender que isso é algo natural, não tem como mudar.

Nessa cena enunciativa, o conflito é estabelecido no momento em que se divide a justiça enquanto “tarda, mas não falha” e “tarda, portanto, aproveitem”. Ao dizer que “a justiça tarda, mas não falha”, entende-se que *todos* que cometerem algum ato errado serão punidos; já quando se diz que “a justiça tarda, portanto, aproveitem”, entende-se que a justiça normalmente não funciona e, quando se trata de políticos corruptos, costuma ser ainda mais ineficiente, deixando-os, na maioria das vezes, impunes.

(Recorte 19)

A tira a seguir aparece em um exercício, na página 315, que trata do assunto “Conjunções”.

Quadro 26 – Recorte 19

Leia com atenção a tira abaixo para responder às questões 3 e 4.



3. A secretária do general Dureza transmite a ele um recado da esposa. Qual era o teor desse recado? *O recado era um ultimato da esposa para o general: ela queria “vê-lo ou no inferno ou em casa em cinco minutos”.*

- Como se classifica o termo que ocorre duas vezes no recado da esposa do general? O termo é **ou**. Classifica-se como conjunção coordenativa alternativa.*
- Que função esse termo desempenha nesse enunciado? A conjunção **ou** desempenha a função de vincular as expressões “no inferno” e “em casa”, estabelecendo entre elas uma relação de exclusão.*
- Considerando a função desse termo, o que a esposa do general deixa claro em seu recado para o marido? Como apresenta duas alternativas excludentes em seu recado (“vê-lo ou no inferno ou em casa em cinco minutos”), a esposa do general deixa claro que ele deveria ir para casa imediatamente, já que a primeira alternativa (vê-lo no inferno) não representa uma escolha real.*

4. Por que a reação do general Dureza ao recado da esposa contribui para a construção do efeito de humor da tira? *O general afirma escolher “o inferno” em resposta ao ultimato da esposa, deixando claro que não pretende ir para casa. Essa reação inesperada do general constrói o efeito de humor da tira, porque sugere que a companhia da esposa é algo pior do que estar no inferno.*

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v. 2, p. 315.

Na tira acima, nota-se, através da imagem, três personagens: duas secretárias e o general Dureza. Na fala das secretárias, observa-se, ainda, a presença de uma quarta personagem: a esposa do general Dureza. Na tira, *esposa* aparece reescriturada por “ela” e *general Dureza* é reescriturado por “sua, lo” e de forma elíptica em “escolho”. Através do enunciado “Sua mulher ligou”, é possível saber que o general Dureza é casado, pois *sua* indicará que *esposa* refere-se ao general Dureza.

Observe os enunciados a seguir:

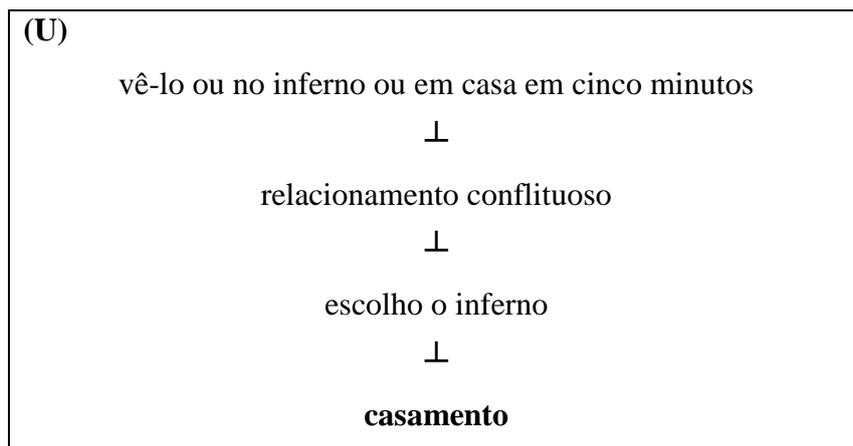
(52) O ela *queria*?

(53) Ela *quer vê-lo ou no inferno ou em casa em cinco minutos*.

Em (52), *esposa* aparece articulada a “queria”. Essa articulação traz o sentido de desejo, sentido esse que é confirmado em (53), que traz duas possibilidades para o desejo da mulher: ver o marido no inferno ou ver o marido em casa em cinco minutos. Nesse acontecimento, *ver o marido no inferno* pode ser parafraseado por: se o homem não for para casa imediatamente, terá briga; já *ver o marido em casa em cinco minutos* pode ser parafraseado por: se o homem for pra casa imediatamente, atendendo ao desejo da mulher, não terá briga. Essas duas paráfrases atribuem o sentido de que o relacionamento entre a esposa e o general Dureza é conflituosa, já que a mulher, ao apresentar as opções *inferno x casa* ao marido, tenta exercer um poder sobre ele, desejando algo de ruim (vê-lo no inferno), caso ele não atenda o desejo dela.

O efeito de humor se dará na fala do general Dureza: “Escolho o inferno”. Esta fala provoca riso, pois indica que estar em casa com a mulher é pior do que estar no inferno, trazendo o memorável de que casamento é algo ruim. Este estereótipo é reforçado pela palavra “escolho”. Isso ocorre porque “inferno” tem um sentido negativo, sendo, inclusive, utilizado em discursos religiosos como uma forma de amedrontar os fiéis que não seguem (rigidamente) os princípios religiosos estabelecidos pela Igreja. Apesar disso, o homem prefere ir para o inferno a voltar pra sua casa e permanecer em companhia da mulher, gerando a graça da tira.

Desse modo, é possível chegar ao seguinte DSD:



No DSD (U), *casamento* é determinado por “inferno” e por “relacionamento conflituoso”, trazendo o memorável de que casamento é algo ruim, já que homem e mulher, quando estão juntos, se desentendem.

No recorte 19, o conflito instaura-se na instituição *casamento*. Isso ocorre porque homem e mulher aparecem aí incluídos enquanto casados, mas homem aparece excluído, pois é infeliz, insatisfeito com o casamento. Nesse acontecimento, mulher aparece como a responsável pela insatisfação do homem, por ser chata (liga para o trabalho do marido) e controladora (exige o retorno do marido para casa no horário que determina).

Esta tira aparece em um exercício no livro didático que trata do assunto “conjunções”. Nota-se que as questões relacionadas à tira cômica em questão tentam unir compreensão gramatical (3a e 3b) e compreensão textual (3, 3c e 4). Traz ainda uma questão que busca analisar a construção do efeito de humor na tira. Sobre isso, o livro didático traz a seguinte sugestão para a resposta da questão 4:

O general afirma escolher “o inferno” em resposta ao ultimato da esposa, deixando claro que não pretende ir para casa. Essa reação inesperada do general constrói o efeito de humor da tira, porque sugere que a companhia da esposa é algo pior do que estar no inferno. (ABAURRE, ABAURRE & PONTARA. *Guia de recursos*. 2013, p.102.)

Apesar de afirmar que “a companhia da esposa é algo pior do que estar no inferno”, o livro didático não se aprofunda na temática aí evidente: a ideia que se tem de que casamento é algo ruim, nesse acontecimento, principalmente para o homem, pois a mulher ocupa um lugar de chata e controladora. Por aparecer em um exercício de um livro didático, a ausência de uma reflexão acerca destes estereótipos – “casamento é ruim” e “mulher é chata e controladora” - pode reforçar estereótipos, projetando esses sentidos para o futuro, o que não é interessante para os alunos, já que estão em processo de formação e, portanto, devem

desenvolver o senso crítico para saber posicionar-se (conscientemente e criticamente) diante das diversas situações e dos assuntos que circulam na sociedade.

É interessante ressaltar, ainda, que os estereótipos presentes em tiras cômicas revelam os pontos de vista, muitas vezes, preconceituosos, da sociedade acerca dos sujeitos e das instituições. Portanto, analisar estes estereótipos assim como os mecanismos utilizados para se provocar o humor do texto é de suma importância para o desenvolvimento pleno do indivíduo, conforme previsto pela LDB e pelos PCNEM.

(Recorte 20)

A tira a seguir aparece em um exercício, na página 339, que trata dos “Termos integrantes”.

Quadro 27 – Recorte 20

Observe a tira abaixo para responder às questões:



VERISSIMO, Luis Fernando. As cobras em: se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM,1997. P.27.

1. *Explique a relação de sentido que se estabelece entre a afirmação feita no primeiro quadrinho e a pergunta feita no último. No primeiro quadrinho, a cobra que passa correndo faz uma afirmação genérica sobre a descrença do povo (“Povo não acredita em mais nada”). No último quadrinho, depois de ouvir as cobras paradas contestarem a afirmação inicial, ela pergunta: “Viu?”. Ora, se as cobras não acreditam que a afirmação feita é verdadeira, elas estão justamente confirmando o conteúdo dessa afirmação (o povo não acredita em mais nada), ainda que a intenção fosse negá-la.*
2. *No primeiro quadrinho, há uma relação entre o verbo e um outro termo da oração, necessário para complementar o sentido desse verbo. Que termo é esse? O termo é em*

mais nada.

➤ *Explique por que ele ajuda a tornar mais claro o sentido do verbo. O verbo **acreditar** precisa de uma complementação de seu sentido para que se saiba qual é o objeto da “crença”. Por esse motivo, **em mais nada** torna mais claro o sentido do verbo, porque permite ao leitor compreender que a cobra faz uma afirmação genérica sobre a disposição do povo brasileiro para acreditar em algo.*

3. *Explique por que a presença do pronome indefinido **nada**, no primeiro quadrinho, faz com que a fala das cobras tenha sentido contrário ao pretendido por elas. A presença do pronome indefinido **nada**, na afirmação inicial, faz com que a segunda fala (“Não é verdade”) torne-se um exemplo daquilo que se afirma. Não acreditar em nada significa “questionar qualquer afirmação”, inclusive a primeira. As cobras não pretendiam que sua afirmação fosse entendida desse modo. O que elas provavelmente queriam dizer era algo como “Não é verdade que o povo não acredita em mais nada”. Dado o enunciado inicial, porém, qualquer negação feita aparecerá como uma confirmação do que foi dito, porque traduzirá sempre o desejo de **não acreditar em algo**.*

Fonte: ABAURRE; ABAURRE; PONTARA, 2012, v. 2, p. 339.

Na tira acima, aparecem três personagens (cobras). Duas cobras estão paradas, quando uma terceira passa correndo e assustada. Pode-se dizer isso sobre a terceira cobra, pois, nas HQs, listras horizontais indicam velocidade, enquanto as letras de fôrma e em negrito indicam fala alta. Além disso, observa-se que os olhos da cobra estão arregalados e o cabelo está assanhado, demonstrando susto.

Na tira, aparecem os seguintes enunciados:

(54) Povo **não acredita em mais nada!**

(55) Não é verdade.

Na fala da terceira cobra, que aparece correndo na tira, em (54), *povo* aparece articulado a “não acredita em mais nada!”. Essa articulação atribui o sentido de descrença, falta de fé em relação a alguma coisa. Considerando-se que a tira foi produzida por um brasileiro (Luís Fernando Verissimo) e publicada aqui no Brasil (Porto Alegre), o enunciado

(54) traz o memorável de corrupção, já que o povo brasileiro é descrente com relação à política brasileira.

Uma das cobras, que estavam paradas (possivelmente, na rua), tenta contestar a fala da cobra – “Povo não acredita em mais nada!” -, tentando passar otimismo, em (55), e isso provoca um efeito inesperado, gerando o humor do texto. Isso ocorre porque o enunciado (55) significa que nem todas as pessoas são descrentes; há, ainda, aquelas otimistas, que acreditam em mudanças. Para a cobra que ouviu a fala (55) e está correndo, desesperada, o enunciado (55) significa a confirmação da fala (54), um exemplo da descrença do povo, já que as duas cobras, na tira, representam o povo e um representante deste povo diz “Não é verdade”, ou seja, é mentira o que você está dizendo (¬ descrença). Mas, só se chega a esta conclusão no último quadrinho, quando a cobra assustada, aparentemente olhando para o leitor, diz: “Viu?”. Esta fala tenta reforçar o que foi dito no primeiro quadrinho, podendo ser parafraseada da seguinte maneira: “O povo não acredita em mais nada e esta é a prova do que falei”.

Assim, é possível chegar ao seguinte DSD:

<p>(V)</p> <p>descrença não acredita em mais nada povo</p>

No DSD (V), o sentido de *povo* é determinado por “não acredita em mais nada”. “Nada” aparece em oposição a “tudo”, trazendo o significado de descrença, falta de fé do povo em relação a várias situações do cotidiano.

No recorte 20, o conflito instaura-se na oposição entre *crença x descrença*. Aí, todas as pessoas que compõem a nação, inclusive as cobras presentes na tira em estudo, aparecem incluídas enquanto “povo”. Entretanto, ao dividir o povo em aquele que “não acredita em mais nada” daquele que “acredita” (“Não é verdade”), há aí a exclusão de uma parcela da população que também é “povo” (empregado no seu sentido genérico), mas ainda se mantém otimista.

O exercício referente a esta tira, apesar de ser intitulado por “Termos integrantes”, busca compreender o sentido da tira, relacionando conhecimento gramatical a questões semânticas. Apesar disso, este exercício não discute questões como o efeito de humor da tira, a presença de estereótipos e nem aprofunda uma discussão acerca do assunto tratado dentro da tira: a descrença do povo. Não dedicar um espaço para a discussão dentro do livro didático

pode promover um ensino superficial, que não proporciona o desenvolvimento crítico do aluno, fazendo com que este reproduza conceitos e preconceitos, reforçando-os.

3.3.3 Discussões

Pôde-se notar, nesta subseção, que o humor ocupa um lugar secundário dentro deste livro didático, sendo, ainda, pouco explorado. Em se tratando do objeto de estudo desta pesquisa – piadas e tiras cômicas -, o que se pôde ver foi que ambos foram empregados em exercícios para aferir conhecimentos gramaticais (como analisados neste trabalho). O texto humorístico, neste livro didático, foi empregado não por suas características, pelo seu grande poder de provocar o interlocutor, ao trazer estereótipos e imagens lúdicas dos sujeitos, causando risos, mas, provavelmente, para cumprir o que os PCNEM sugerem: o trabalho com gêneros textuais diversos.

Quando se trata de piadas, então, o livro didático pouco colabora para o estudo e a compreensão deste gênero textual. Pode-se dizer isso, pois, neste livro, há apenas uma piada (analisada neste trabalho), que foi utilizada com o propósito de aferir conhecimentos gramaticais, neste caso, de pronomes. Embora a piada em estudo tenha abordado uma imagem negativa do professor de português, colocando o aluno numa posição de esperto e o professor numa posição de bobo, não houve nenhuma discussão sobre o assunto abordado na piada, e isso pode reforçar esta imagem negativa do professor, principalmente, porque o livro é de Língua Portuguesa. Então, o aluno compreende esta informação como verdadeira, natural.

Já as tiras cômicas aparecem com maior frequência neste livro didático, principalmente em exercícios e como exemplos em assuntos gramaticais. As autoras deste livro didático, ao utilizar as tiras cômicas em exercícios, tentam elaborar questões, unindo interpretação de texto e conhecimentos gramaticais. Apesar disso, questões sobre a construção do humor e a presença de estereótipos dentro destas tiras cômicas são pouco exploradas, abordando os assuntos ali tratados superficialmente. Vale ressaltar que as tiras, presentes neste livro didático, são muito interessantes, trazendo vários estereótipos, o que poderia promover diversas discussões em sala de aula.

Contudo, pela análise feita nesta subseção, pôde-se perceber que a forma como a piada e as tiras cômicas foram abordadas dentro deste livro didático possibilita pouca reflexão sobre estes textos humorísticos, e isso pode reforçar os estereótipos ali presentes, propagando, muitas vezes, preconceitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se analisar se a construção do humor em piadas e tiras cômicas, presentes em livros didáticos de Língua Portuguesa, utilizados no Ensino Médio da rede estadual de ensino da Bahia, propaga e dissemina preconceitos por conta da presença de estereótipos ou retrata uma imagem lúdica dos sujeitos, com o propósito de provocar risos. Para se proceder à análise, definir o pressuposto teórico que nortearia a investigação sobre a construção do humor nos textos humorísticos selecionados foi imprescindível.

Adotou-se, então, a Semântica do Acontecimento, proposta por Eduardo Guimarães(2002), que entende que os sentidos se constituem no acontecimento do dizer. Desse modo, buscou-se analisar como os sentidos das piadas e das tiras cômicas se constituíram dentro dos livros didáticos selecionados, observando-se os textos humorísticos no acontecimento (nos exercícios e nos assuntos onde apareceram).

Por se tratar de livro didático, os PCNEM, que norteiam (ou deveriam nortear), a elaboração destes livros também foram mencionados. Isso porque a presença de gêneros textuais diversos, em livro didático, se deu depois do surgimento dos PCNEM, que defendem que a produção de sentido é a principal razão para qualquer ato de linguagem. Antes disso, o estudo centralizava-se na compreensão de frases soltas, descontextualizadas, com o intuito de se compreender a gramática normativa. Pouco se discutia sobre o sentido do texto e, quando se trabalhava com interpretação de texto, as respostas para as questões propostas eram retiradas do próprio texto, havendo apenas uma possibilidade de resposta: a correta. Havia pouca (ou nenhuma) reflexão acerca do estudo tanto gramatical quanto semântico (de interpretação de texto).

Após o surgimento dos PCNEM, os livros didáticos tiveram que sofrer alterações para atender às orientações dos parâmetros. Entre outras coisas, os livros deveriam trazer gêneros textuais diversos e um ensino contextualizado da gramática normativa, com a finalidade de promover reflexão sobre conteúdos estudados, desenvolvendo o senso crítico do aluno. Até porque, de acordo com os PCNEM (2000), a linguagem é considerada

comocapacidade humana de articular significados coletivos em sistemas arbitrários de representação, que são compartilhados e que variam de acordo com as necessidades e experiências da vida em sociedade. (PCNEM, Parte I, 2000, p.17.)

Desse modo, se o livro didático é de Língua Portuguesa, espera-se que os conteúdos façam sentido, ou melhor, que o aluno consiga investigar os sentidos ali presentes, não

decorando, simplesmente, regras gramaticais, mas verificando, por exemplo, a sua aplicabilidade em situações diversas, de modo que se reflita sobre estes assuntos. Nesse cenário, o aluno deixaria de ser um mero receptor de conhecimentos (prontos e acabados) para ser um investigador, um produtor do próprio saber.

Entretanto, o que se pôde notar, nas análises aqui feitas, foi que as mudanças ocorridas no interior do livro didático, pós surgimento dos PCNEM, foram superficiais. Pode-se dizer isso, pois, os recortes selecionados para o estudo neste trabalho servem para exemplificar que o ensino de Língua Portuguesa ainda prioriza o estudo da gramática normativa. Há exemplos disso nos três livros didáticos analisados: no recorte 01, retirado do livro “Português Linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, a piada foi utilizada com o propósito de se aferir conhecimentos gramaticais acerca dos tempos e dos modos verbais; no recorte 13, retirado do livro “Novas Palavras”, de Emília Amaral, Mauro Ferreira, Ricardo Leite e Severino Antônio, a tira cômica foi utilizada com a finalidade de ilustrar um assunto gramatical – pronomes possessivos; e, no recorte 16, retirado do livro “Português: contexto, interlocução e sentido”, de Maria Luiza M. Abaurre, Maria Bernadete M. Abaurre e Marcela Pontara, a piada, mais uma vez, foi utilizada com o objetivo de se verificar a compreensão acerca da gramática normativa, nesse caso, pronomes.

Em todos os recortes deste trabalho, notou-se que, ainda quando se tenta trabalhar gramática contextualizada, tentando unir sentido e conhecimento gramatical, este sobrepõe-se àquele, sendo os gêneros textuais, no caso específico deste trabalho, humorísticos, empregados como ilustração para o conteúdo. A presença de piadas e tiras cômicas dentro desses livros didáticos cumpre, em parte, as exigências dos PCNEM; “em parte”, porque os autores destes livros trazem uma diversidade de gêneros textuais, mas não aprofundam na compreensão deles. Não se percebeu, nos recortes selecionados, que o estudo da gramática é utilizado como estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos, conforme sugerido pelos PCNEM. O que se nota é o contrário: os textos humorísticos são utilizados como pretexto para se discutir e/ou aferir conhecimentos gramaticais. Desse modo, pode-se dizer que, apesar de o livro didático trazer alguns avanços, como a presença de diversos gêneros textuais, ainda são necessárias muitas mudanças.

Diante do que foi exposto, questiona-se: como estes livros didáticos foram avaliados e aprovados por professores especialistas da área e aprovados pelo MEC para a sua utilização em sala de aula? Quais foram realmente os critérios utilizados para que o livro X fosse aprovado e o Y reprovado? Todos os livros, aqui analisados, foram aprovados pelo MEC, sendo, portanto, considerados adequados para o uso em sala de aula, passando a ideia de que

estão de acordo com as exigências da LDB e dos PCNEM, o que, nas análises apresentadas neste trabalho, já se provou que não.

Retomando a questão que norteia este trabalho, percebeu-se que, apesar de o humor ser considerado como “arma de denúncia” (Travaglia, 1990), uma forma de revelar visões de mundo, o humor é pouco explorado nos livros didáticos analisados neste trabalho. Muitos foram os estereótipos encontrados nas piadas e nas tiras cômicas, tais como: político é corrupto; casamento é ruim; bêbado é chato e inconveniente; loira é burra; banqueiro é ladrão, etc. Apesar disso, não se explorou este aspecto nos acontecimentos onde as piadas e as tiras cômicas apareceram. Voltou-se para o estudo da gramática e para uma interpretação superficial, normalmente, sobre o duplo sentido dos textos.

Verificou-se que tanto as piadas quanto as tiras cômicas trazem imagens lúdicas e estereotipadas dos sujeitos, provocando risos. O que desencadeia o riso e o que fazer com isso devem ser as questões norteadoras para os autores que elaboram os livros didáticos e, também, para os professores, ao se depararem com textos humorísticos em livros didáticos, dentro da sala de aula. Será o tratamento dado a estes estereótipos que definirá se estes textos propagarão, ou não, preconceitos.

Observou-se, nos recortes analisados neste estudo, que os livros didáticos promovem pouca (ou nenhuma) reflexão acerca destes estereótipos. Isso, além de não contribuir para a formação plena do estudante, para o desenvolvimento do senso crítico, acaba reforçando preconceitos e projetando estes sentidos para a futuridade. Se, por exemplo, uma tira cômica traz um estereótipo de que “loira é burra” e o livro didático não aborda esta questão, o aluno entenderá que aquela informação é verdadeira, propagando-a.

O livro didático, dentro do espaço de enunciação (escola), é visto como uma ferramenta que veicula *a verdade*, não podendo, pois, ser contestada. Não há espaço para questionamentos, reflexões e possibilidades diversas de respostas dentro do livro. Há a resposta correta e a incorreta. Instaura-se, então, o conflito entre *aquele que sabe a resposta correta*³² *x* *e aquele que não sabe a resposta correta*. O aluno que consegue “acertar” a resposta é incluído no grupo daqueles que sabem; já o aluno que “erra” é excluído.

Diante do que foi exposto, o professor ocupa um papel fundamental: o de mediador/orientador de conhecimento. Diz-se isso, porque, mesmo tendo identificado falhas na elaboração destes livros didáticos, o professor pode, ainda, no ambiente da sala de aula, trazer uma discussão acerca dos estereótipos presentes nesses textos humorísticos, refletindo

³²Entende-se aqui por resposta correta aquela definida pelos autores do livro didático.

sobre a presença deles na sociedade brasileira. Não é porque o livro didático não aborda este tema que o professor, assim como o aluno faz, deve seguir rigorosamente o proposto nesses livros; ele pode acrescentar, refletir e até discutir com os alunos sobre a ausência destas questões dentro deste “Manual” usado no ambiente escolar. Possivelmente, a postura do aluno, diante destes textos, mudará após uma reflexão mais profunda acerca dos estereótipos.

Vale ressaltar que, mais uma vez, aqui, não se defende a extinção do estudo da gramática normativa e nem se pretende condenar os autores destes livros didáticos. Pretende-se, após a apresentação destas análises, apontar (e/ou pensar em) novos caminhos, propondo um estudo que traga gramática e semântica, principalmente, para o livro didático; um estudo de investigação sobre a construção dos sentidos dentro do texto e não apenas um estudo superficial, aparentando interpretação de texto, quando se está focado em gramática normativa. Só assim, o ensino contribuirá para a formação plena do aluno; para o desenvolvimento da criticidade do estudante.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M. & PONTARA, M. **Português: Contexto, Interlocução e Sentido**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2012. v.1.

ABAURRE, M. L. M.; ABAURRE, M. B. M. & PONTARA, M. **Português: Contexto, Interlocução e Sentido**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2012. v.2.

AMARAL, E. (et al). **Novas Palavras**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2013. v.2.

CEREJA, W. R. & MAGALHÃES, T. C. **Português Linguagens: ensino médio**. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 2013. v. 2.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015: ENSINO MÉDIO. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2014a.

GUIA DE LIVROS DIDÁTICOS PNLD 2015: LÍNGUA PORTUGUESA ENSINO MÉDIO. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2014b.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. São Paulo: Pontes, 2002.

_____. Domínio Semântico de Determinação. In: GUIMARÃES, E. & MOLLICA, M. C. (orgs.) **Palavra: forma e sentido**. Campinas: Pontes Editores, RG Editores, 2007.

_____. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos** 51. Campinas-SP: UNICAMP, jan./jun. 2009. p.49-68.

_____. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas: Editora RG, 2011.

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9394/96.

MACHADO, C. de P. Enunciação e acontecimento: um breve percurso teórico sobre a constituição dos sentidos. **Revista Discursividade**, Campo Grande –MS: Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, 2012. 9.ed. Disponível em: <<http://www.discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/09.htm>> Acesso em: 15 maio 2017.

LEI DE GÉRSON. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lei_de_Gérson> Acesso em: 29 maio 2017.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO. Parte I. Bases Legais. 2000.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS DO ENSINO MÉDIO. Parte II. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. 2000.

RAMOS, P. **Faces do humor**. Uma aproximação entre piadas e tiras. Campinas-SP: Zarabatana Books, 2011.

RAMOS, P. Piadas e tiras cômicas: semelhanças entre gêneros. **Revista USP**, São Paulo,

n.88, p.50-59, dezembro/fevereiro 2010-2011.Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13851> >Acesso em: 12 jun. 2017.

RAMOS, P. **Tiras no ensino**. 1.ed. São Paulo: Parábola, 2017.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SISTEMA DO MATERIAL DIDÁTICO. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/distribuicaosimadnet/confirmarCancelar>>Acesso em: 04 abr. 2017.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. **DELTA – Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v.6, n.1, p.55-82, 1990.Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/travaglia/publicacoes_area.php?area_id=12> Acesso em: 12 jun. 2017.